

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLe
MESTRADO EM LETRAS, MODALIDADE PROFISSIONAL

ALEILDE TAVARES DA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS: sinais toponímicos de espaços de
lazer e turismo em Imperatriz (MA)

IMPERATRIZ

2023

ALEILDE TAVARES DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS: sinais toponímicos de espaços de
lazer e turismo em Imperatriz (MA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras, na área de linguagem e na linha de Pesquisa Linguagem, Memória e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Guia Taveiro
Silva

Coorientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de
Sousa

IMPERATRIZ

2023

S586v

Silva, Aleilde Tavares da

Varição linguística da Libras: sinais toponímicos de espaços de lazer e turismo em Imperatriz (MA) / Aleilde Tavares da Silva. – Imperatriz, MA, 2023.

116 f.; il.

Orientadora: Dra. Maria da Guia Taveiro Silva

Coorientador: Dr. Alexandre Melo de Sousa

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023 - Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Libras. 2 Varição linguística. 3. Linguística. I. Título.

CDU 81'221.24

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: Raniere Nunes da Silva **CRB13/729**

ALEILDE TAVARES DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS: sinais toponímicos de espaços de
lazer e turismo em Imperatriz (MA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, na área de linguagem e na linha de Pesquisa Linguagem, Memória e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Guia Taveiro Silva
Coorientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

APROVADA EM: 27/ 04/ 2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARIA DA GUIA TAVEIRO SILVA**
Data: 15/09/2023 09:23:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria da Guia Taveiro Silva – UEMASUL
Doutora em Linguística

Documento assinado digitalmente
 **ALEXANDRE MELO DE SOUSA**
Data: 14/09/2023 17:43:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa – UFAC
Doutor em Linguística

(Coorientador)
Documento assinado digitalmente
 **MARCIA SUANY DIAS CAVALCANTE**
Data: 15/09/2023 13:44:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Márcia Suany Dias Cavalcante – UEMASUL
Doutora em Ensino de Língua e Literatura

(Membro interno)
Documento assinado digitalmente
 **BRUNO GONCALVES CARNEIRO**
Data: 15/09/2023 00:04:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro – UFT
Doutor em Linguística
(Membro externo)

Dedico este trabalho ao meu filho Matheus (surdo), cujo nascimento, me levou a conhecer o povo surdo, fonte de inspiração para a aprendizagem da Libras.

À comunidade surda, sem vocês nada seria possível.

A vida me ensinou a nunca desistir.

Nem ganhar, nem perder, mas procurar evoluir...

Charlie Brown Jr.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela Sua infinita bondade, por guiar os meus passos, a minha mente e por ter me fortalecido durante todo o trajeto deste estudo.

Aos meus pais, Valdeci Tavares da Silva e Raimunda Nonata dos S. Silva, pelos princípios e valores ensinados, que são a base da minha formação. Gratidão sempre!

Aos meus filhos, Matheus da Silva Barbosa, Yasmim da Silva Soares e Sarah da Silva Soares, por estarem comigo nesta jornada, este trabalho tem um toque especial de cada um de vocês, como sempre falei, vocês são meus bastidores, Yasmim, ajuda técnica, Sarah, cenário e câmara, Matheus, meu mestre da Libras.

À professora Maria da Guia Taveiro Silva, pela confiança no meu trabalho, por me ensinar, pelas orientações, por cada passo trilhado juntas, para a conclusão desta dissertação.

Ao professor Alexandre Melo Sousa, pelo aceite de coorientação, por me ensinar, pelas riquíssimas contribuições, orientações, apoio, incentivo e por não ter largado a minha mão por nem um instante.

À professora Maria Célia Dias de Castro, por suas excelentes aulas, a qual, despertou em mim a curiosidade e o interesse pelos estudos toponímicos em Libras.

À professora Márcia Suany Dias Cavalcante, por me ensinar, pela atenção, pelas contribuições na qualificação, e claro por compor a minha banca de defesa.

Ao professor Bruno Gonçalves Carneiro, por suas valorosas contribuições durante a qualificação e participação da minha banca de defesa de Dissertação.

A todos os professores e colegas da segunda turma do mestrado em Letras, modalidade profissional, da UEMASUL, cuja memória o tempo não irá apagar.

Agradeço imensamente aos colegas de turma José Gustavo Martins e Dayane Pereira B. Carvalho, pelas valiosas contribuições para a concretude desta pesquisa.

A todos os Surdos, que contribuíram espontaneamente com este estudo.

Ao professor Antônio Cilírio da Silva Neto e Leandro Viana Silva, por todo apoio e contribuições no processo de seleção para o Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe, da UEMASUL.

Enfim, agradeço a todos e a todas que estiveram presentes nesses anos de muito aprendizado, crescimento e conquistas! Só tenho uma palavra a dizer: Gratidão!

RESUMO

Por considerar a variação linguística um fenômeno inerente às línguas naturais, o presente estudo trata da variação linguística em Libras, cujo propósito, é verificar a variação fonética-fonológica e a variação lexical, na sinalização de pessoas surdas de uma mesma comunidade. Este estudo está fundamentado nos pressupostos para as pesquisas de língua de sinais com propostas de investigação da variação linguística em Libras, os postulados de Xavier (2012), Xavier e Barbosa (2014), Machado (2016), Castro Júnior (2011), Vargas (2018). No que tange à metodologia, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, autoetnográfica, pelo fato de estar imersa na comunidade pesquisada, tendo como público-alvo as pessoas surdas. O objeto de estudo foram os topônimos - espaços de lazer e turismo de Imperatriz (MA), em Libras, fundamentado nos estudos de Dick (1990), Sousa (2022) e Silva *et al.* (2022), Miranda (2020). Para a seleção dos dados foi utilizada a obra *Imperatriz cidade da gente*, nos anos finais do Ensino Fundamental, lazer e turismo (SANTOS *et al.* 2020), assim, sendo selecionados onze denominação toponímica para análise em Libras. Para tanto, contei com oito participantes surdos (quatro homens e quatro mulheres) da comunidade local, para a confirmação dos sinais dos topônimos. A confirmação deu-se por meio de entrevista semiestruturada realizada informalmente sem um roteiro planejado. Em razão da especificidade visual dos participantes, foi utilizado o uso de imagens representativas dos topônimos, e gravações dos sinais em vídeos que, serviram de fonte para a descrição de tal proposições. Toda a execução foi feita com consentimento do grupo, contudo, foi elaborado um termo de consentimento livre individual, a qual foi assinado por todos. Os resultados comprovam a ocorrência da variação fonética- fonológica, ao identificar traços variáveis nas produções dos sinais, pelos participantes, a partir dos parâmetros (CM, PA, MO e Or e ENM), quando comparadas intersujeito. Quanto a variação lexical, os dados evidenciam a ocorrência de duas variantes para dois sinais topônimos. Todo esse processo, resultou na organização do produto técnico-tecnológico, de natureza digital (site), bilingue (Libras e LP), onde será registrado o sinal referente ao topônimo e as variações identificadas (no máximo três), tal produto, é uma proposta didática, para o ensino e aprendizagem da Libras, como também, irá contribuir com a expansão dos estudos toponímico e os estudos variacionista nessa modalidade de língua, que ainda é incipiente as discussões.

Palavras-chave: Libras. Variação linguística. Topônimo. Fonética-fonologia. Léxico.

ABSTRACT

Considering linguistic variation as an inherent phenomenon in natural languages, whether spoken or signed, this dissertation deals with linguistic variation in Brazilian Sign Language (Libras). Its purpose is to verify the occurrence of phonetic-phonological variation and lexical variation in the signing of deaf people from the same community. The methodology consisted of assumptions for sign language research and proposals for the constitution of variation in this language modality. The chosen object of study was the toponyms, leisure and tourism spaces in Imperatriz-MA, in Libras. For data selection, the book "Imperatriz cidade da gente, anos finais do ensino fundamental, unidade V, lazer e turismo" (SANTOS et al. 2020) was used, and twenty-four terms were selected. After selecting the spaces presented in the book, the local deaf community was consulted to confirm the naming of these spaces in Libras. For this purpose, a qualitative autoethnographic approach was used, where the researcher used her memory and experiences within the group as a source to describe the variation proposed by signers. Data was collected through observations and notes during spontaneous utterances by deaf individuals. The results confirm the presence of variation; phonetic-phonological data show variable features that distinguish the production of structural parameters (CM, PA, and MO) during the use of the language. Regarding lexical variation, the data indicated evidence of variants in two sign toponyms. Thus, a panorama of the identified variations was presented, which confirms that the internal mechanisms of the language have a strong relationship with external factors, such as the degree of contact with the language, interaction with the group, conditioning factors such as gender, cultural and historical factors, allowing for the organization of an effective record of variations on a digital site, where the varieties of sign language will be documented. The proposal for organizing and recording toponyms falls within a bilingual perspective, involving Brazilian Sign Language (Libras) and Portuguese (LP).

Keywords: Libras. Linguistic variation. Sign. Phonetic-phonology. Lexicon.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ADAI	Associação de Deficientes Auditivos de Imperatriz
ASL	Língua de Sinais Americana
ASMA	Associação de Surdos do Maranhão
ASSIM	Associação de Surdos de Imperatriz
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CM	Configuração de Mão
ENM	Expressões Não-Manuais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LGP	Língua Gestual Portuguesa
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LO	Locação
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSCP	Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros
MA	Maranhão
MO	Movimento
PA	Ponto de Articulação
PPGLe	Pós-graduação em Letras
PTT	Produção Técnico - Tecnológica
Or	Orientação
UEMASUL	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
USA	Estados Unidos da América

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1	As comunidades surdas e a língua de sinais.....	16
2.2	Língua Brasileira de Sinais	21
2.3	Libras: estrutura fonético-fonológica.....	25
2.3.1	Configuração de Mão (CM).....	26
2.3.2	Ponto de Articulação	31
2.3.3	Movimento (MO).....	34
2.3.4	Orientação da Mão (Or)	36
2.3.5	Expressões Não Manuais (ENM).....	37
2.4	Libras: estrutura morfológica.....	39
2.5	Libras: o léxico	44
2.6	Libras: variação linguística.....	47
3	METODOLOGIA	58
3.1	Os pressupostos metodológicos	58
3.2	A seleção dos topônimos	60
3.3	A coleta e registro dos sinais	62
3.4	Os participantes.....	63
3.5	Apresentação dos dados.....	64
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	67
4.1	Características e delimitação das análises	67
4.2	Análise dos dados	68
4.2.1	A ocorrência de variação fonética-fonológica	84
4.2.2	Variação na configuração de mão	85
4.2.3	Variação no Ponto de Articulação.....	87
4.2.4	Variação no parâmetro movimento.....	90
4.2.5	Variação no parâmetro orientação da palma da mão.	90
4.2.6	Variação no parâmetro expressões não manuais.....	91
4.2.7	A ocorrência da variação lexical	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
6	PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA (PTT)	97

6.1 Descrição do Produto.....	97
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	106
Anexo 01 – Praia do Cacau.....	107
Anexo 02 – Praça da Cultura.....	108
Anexo 03 – Praça Mané Garrincha	109
Anexo 04 – Praça Brasil	110
Anexo 05 – Imperial Shopping	111
Anexo 06 – Tocantins Shopping	112
Anexo 08 – Teatro Ferreira Gullar	114
Anexo 09 - Freitas Park.....	115
Anexo 10 – Centro de Convenções	116

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Realizar esta pesquisa sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), foi, também, um resgate de memórias que compõem parte da história da minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Sendo mãe de um filho surdo, a Libras se tornou minha segunda língua. Confesso que, de início, foi por necessidade, pelo compromisso materno de garantir a comunicação com meu filho.

Nesse percurso, iniciei o convívio com a comunidade surda, espaço cultural composto por pessoas surdas e ouvintes, que possuem objetivos comuns e se comunicam em língua de sinais. Essas e outras experiências exigiram de mim um novo olhar para a pessoa surda e sua cultura, bem como para história do povo surdo e sobretudo à sua língua, a língua de sinais.

A Libras é a língua de sinais usada como forma de comunicação e expressão pela comunidade surda brasileira, que, após ser reconhecida-pela Lei nº 10.436, de 2002, obteve status linguístico e visibilidade. Em seguida, a promulgação da referida lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, que postula a aplicação de políticas linguísticas e educacionais, assim como sua difusão nos diversos âmbitos sociais.

Compreender essas e outras questões me instigou alçar voos pelo mundo surdo. Nesse cenário, por meio de concurso público, passei a exercer a função de professora intérprete de Libras, licenciou-me em Letras Libras – como uma forma de contribuir constantemente com a comunidade surda e, conseqüentemente, com a educação de surdos. Assim, firmo o seguinte juramento na colação de grau da referida graduação:

Consciente de minha responsabilidade, como profissional de Letras-Libras, assumo a responsabilidade de exercer minhas atividades com dignidade e ética, propagando conhecimento, respeitando e promovendo a cultura surda e comprometendo-me a disseminar à Língua Brasileira de Sinais, contribuindo para a cidadania. Juro.

Diante do compromisso firmado, foi preciso ir mais além. Então, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLe, Mestrado em Letras, modalidade Profissional, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, com o propósito de pesquisar sobre a variação linguística em Libras. Em razão das minhas interações na comunidade surda e experiências em sala de aula, percebi a necessidade de pesquisar tal temática, pautada no uso de formas diferentes para um mesmo referente, e nos traços individuais que marcam a sinalização de cada sujeito e, também, por acreditar que o resultado deste estudo pode contribuir efetivamente com o ensino de Libras, enquanto L1 e L2, e com os estudos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira.

A Libras, enquanto língua natural, manifesta variação linguística. Desse modo, esta pesquisa está inserida no campo da sociolinguística – área que compreende a variação linguística, um fenômeno inerente às línguas naturais, caracterizado pelas diferentes formas (falada, sinalizada ou escrita) pelos usuários de uma mesma língua. A partir desse entendimento, faço o seguinte questionamento: Na comunidade surda de Imperatriz (MA), há variação lexical na sinalização dos topônimos pelos surdos? Questiono, ainda, em um mesmo sinal, como acontece a variação fonológica entre os surdos de uma mesma comunidade?

Diante de tal problema, pressuponho que a língua de sinais, ao ser considerada uma língua que emerge a partir da interação entre sujeitos, e ao se observar a forma de estruturação e expressão de sinalizantes da referida comunidade, seja passível de variações. Haja vista que as relações socioculturais são aspectos determinantes para a ampliação do repertório linguístico e à exibição de variações. Suponho, também, que a expressividade individual de cada sujeito está ligada aos aspectos extralinguísticos, ao considerar o fato de que cada sujeito possui identidade própria, constituída a partir das suas relações sociais.

O interesse por este estudo sobreveio da minha inquietação para identificar o fenômeno da variação linguística na Libras, sobretudo com foco em sinais locais. Além disso, intento dar visibilidade aos aspectos linguísticos e sociolinguísticos da Libras, utilizados pela comunidade local. Embora a língua de sinais tenha alcançado reconhecimento social, ainda precisa que se ampliem os estudos nessa área. À vista disso, discutir as diferentes formas de sinalização de sujeitos de uma mesma comunidade é uma necessidade contemporânea, pois grande parte da população ainda constitui concepções equivocadas em relação às línguas de modalidade visual-espacial. Assim, compreendo que este estudo contribuirá para o enriquecimento linguístico da Libras, e, ainda, para mostrar a riqueza da língua na comunicação, com a possibilidade de uso de seus resultados mediante a disponibilização da Produção Técnico-Tecnológica – PTT, material didático dinâmico e digital.

Nesse sentido, este estudo se justifica por abordar o uso da Libras e visa analisar a variação fonológica e lexical da Libras, a partir dos sinais toponímicos de espaços de lazer e turismo de Imperatriz/MA. O motivo que me levou à escolha dos sinais toponímicos se deu a partir da compreensão de como os surdos nomeiam os espaços durante as aulas da disciplina Léxico, Cultura e Ensino e leituras posteriores. A toponímia se estabelece como campo lexical de investigação deste estudo. Desse modo, apresento, a seguir, um breve apanhado sobre esta área do léxico.

O topônimo surge como resultado da ação do nomeador, ação inerente ao ser humano e pode ocorrer em língua orais e em língua de sinais. É na prática da denominação que o topônimo surge com o papel de registro, de organização, representações e significados de um momento vivido pela comunidade. Nessa etapa, em conformidade com Andrade (2017), dispus da compreensão de que a toponímia é fonte de marcas históricas, sociais e culturais estabelecidas pelo grupo que habitou ou habita determinado lugar seja de caráter temporário ou permanente.

De acordo com os pressupostos, o signo toponímico é motivado principalmente pelas características físicas do local, crenças e sentimentos do nomeador ou do grupo. A nomeação, seja na língua oral ou sinalizada, revela o modo de uma dada comunidade compreender o espaço em que está inserido, a fim de torná-lo acessível e habitável conforme a concepção de mundo. A partir dessas inferências, a constituição do *corpus* deste estudo foi idealizada. Para tanto, buscou-se o livro didático intitulado *Imperatriz, cidade da gente*, do qual foi selecionado onze nomes de espaços de locais de lazer e turismo de Imperatriz/MA.

Assim, enquanto pesquisadora, mãe de um filho surdo, integrante da comunidade surda e profissional atuante na educação de surdos do município mencionado, proponho-me a verificar a variação fonológica e lexical dos sinais na Libras, a partir da sinalização manifestada pelos integrantes surdos da comunidade de Imperatriz/MA, durante o uso da língua. Para tal proposição, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) fazer o levantamento dos topônimos em Libras referentes aos espaços de lazer e turismo; b); descrever a variação fonológica e lexical; c) categorizar as variações manifestadas conforme o parâmetro (CM, PA, MO, Or e ENM) variáveis, e as variantes concorrentes.

Será adotada, neste estudo, uma análise comparativa dos sinais a partir das manifestações linguísticas indicadas pelos participantes da pesquisa, considerando a estrutura linguística à produção dos sinais. Entretanto, conforme Pires e Seabra (2015, p. 33), “por trás do princípio do relativismo linguístico, existe uma importante relação entre língua, pensamento e cultura”. Em vista disso, podemos considerar os artefatos culturais como aspectos importantes que definem a identidade surda, e a língua o maior patrimônio cultural do povo surdo.

Além disso, outra razão que também motiva o registro e a análise dos sinais neste estudo é a possibilidade de haver conhecimento da variação da língua que falam e seu reconhecimento pelos membros da própria comunidade, o que evidencia o protagonismo surdo e o seu papel ativo na construção de mundo, de forma acessível e conforme o aspecto línguocultural do grupo. Assim, para contemplar a proposta apresentada, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. Inicialmente trago as considerações iniciais, em que relato memórias e

vivências enquanto mãe de surdo, bem como experiências na comunidade surda e atuação profissional enquanto tradutora intérprete de Libras. Além disso, faço a exposição do problema, objetivos, justificativa, hipóteses e as contribuições que esta pesquisa pode oferecer.

No capítulo 2, componho a fundamentação teórica. Nesta seção, trago um breve panorama acerca da comunidade surda brasileira, a língua de sinais, e a Língua Brasileira de Sinais. No capítulo 2, faço uma abordagem sobre os aspectos linguísticos fonético-fonológico da Libras, a partir dos quais são discriminadas as unidades mínimas (parâmetros) que compõem os sinais, com base nos primeiros estudos Ferreira (2010 [1995]), Quadros (2004 -2019), Crasborn (2012), e nos pressupostos de Xavier (2012), que se baseia no modelo de Liddell e Johnson (1989). Apresento um recorte sobre a morfologia, com ênfase nos processos morfológicos da Libras, como a datilologia, o empréstimo linguístico, derivação, marcação de gênero, grau, número, compostos e classificadores. Além disso, verso sobre o léxico toponímico, fundamentando os argumentos nos estudos de Dick (1990), Sousa (2022) e Silva *et al.* (2022). Embasados por Xavier e Barbosa (2014), apresentamos alguns aspectos resultantes da variação na Libras.

No capítulo 3, apresento o percurso metodológico adotado no estudo, o qual apresenta, delimita e justifica de que forma ocorreu a metodologia de coleta/construção dos dados, a constituição do *corpus* da pesquisa, assim como os procedimentos de análises. No capítulo 4, exponho a descrição e as análises das variáveis e variantes, bem como os resultados da pesquisa. Nos resultados, mostro um panorama da variação fonética-fonológica e lexical em Libras, a partir da pronúncia dos sinais indicados.

Apresento, no capítulo 5, as considerações finais, em que saliento a importância deste estudo e suas contribuições. Por fim, no capítulo 6, descrevo a Produção Técnico-Tecnológica (PTT), um produto de natureza digital com uma proposta didática dinâmica e inovadora que acompanha o fluxo das linguagens contemporâneas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo, abordo sobre as comunidades surdas e as línguas de sinais. Acerca das comunidades, foi feito um breve recorte histórico sobre sua consolidação aqui no Brasil, seguido de uma abordagem sucinta sobre a comunidade surda de São Luís, capital do Estado do Maranhão, e a comunidade surda de Imperatriz/MA, segunda maior cidade do estado. Na sequência, abordo sobre as línguas de sinais. Nesse contexto, aludo sobre a língua de comunidades surdas urbanas e a língua de comunidades surdas isoladas, e verso sobre a Língua Brasileira de Sinais.

2.1 As comunidades surdas e a língua de sinais

Os primeiros registros de formação da comunidade surda brasileira estão datados a partir da Fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 1857, no Rio de Janeiro. Conforme Moura (2000), a proposta de sua fundação foi idealizada por um professor Surdo¹, o francês Enest Huet, que veio para o Brasil a convite de D. Pedro II, imperador da época. Embora pouco mencionado pelas literaturas, Honora (2014) enfatiza a existência de um parente surdo na família do imperador, motivo que resultou na vinda de Huet, com o intuito de ensinar este familiar. Esse relato se assemelha com a história de muitos familiares de surdos, que se integram e apoiam as causas da pessoa surda, por terem algum familiar nessa condição.

Nesse período, conforme os relatos de Leite (2005), o INES era a única escola para Surdos no território brasileiro. Em razão disso, recebia pessoas surdas de todos os estados do Brasil, onde permaneciam durante todo o ano letivo. Todavia, de acordo com Assis-Silva (2012, 20), a história da Língua Brasileira de Sinais é bem mais complexa que a simples disseminação dos sinais a partir do INES, pois, “ao longo do século XX, outras instituições foram se constituindo em todo Brasil, sendo também importantes territórios para associação de pessoas com surdez”. Nessa trajetória, o autor destaca o relevante papel das congregações católicas e segmentações, como os institutos de educação, paróquias e pastorais, por contribuírem com trabalhos incomparáveis na história da educação de Surdo.

Leite (2005) relata que o funcionamento do INES era na modalidade de internato. Assim, os estudantes retornavam para suas casas somente em período de férias. Essa circunstância propiciava a interação entre Surdos, a relação entre línguas, a difusão da língua

¹ Neste estudo, assim como Castro Júnior (2011, p. 11) usamos o termo ‘Surdo’ escrito com S (maiúsculo) em algumas situações do texto, como uma forma de empoderamento da identidade linguística e cultural de ser Surdo.

de sinais e o fortalecimento de comunidades surdas por todo o território nacional, principalmente nos grandes centros do Brasil. Sobre a metodologia adotada, Campello (2008, p. 72-73) declara que o foco não era explorar a visualidade surda, e, sim, na audição e na fala (oral), pois, “de 1880 até 1990, [...], o sujeito Surdo estudava em um turno e no outro turno ficava para receber reforço escolar, atendimento fonoaudiológico e outras atividades extracurriculares, como curso de bordado, marcenaria, de cozinha, de pintura e outro ofício como aprendizes”. Essa metodologia apresenta caráter assistencialista, de reabilitação, capacitismo, em que o surdo é tratado como sujeito deficiente e não bilíngue. Há evidências de que a educação bilíngue propicia maior efeito no desenvolvimento das competências e habilidades das percepções mentais, cognitivas e visuais do estudante surdo.

Na educação de surdos, Ulrike Zeshan (2020) diz que a história da relação entre línguas não se limita aos institutos de educação, pois, em vários casos de educação para surdos, a língua de sinais foi inicialmente trazida de um país estrangeiro, o que influenciou linguisticamente e potencializou a crioulização de formas nativas já existentes, os chamados sinais caseiros ou domésticos. Assim, podemos acreditar que a estandardização da língua de sinais nacional tenha surgido de uma situação como essa, a crioulização envolvendo a Língua de Sinais Francesa e variedades de sinais já existentes.

Na capital do estado do Maranhão, São Luís, Quixaba e Santarosa (2015) registram que os primeiros indícios de configurações de sinais como as formas atuais, utilizados pelas pessoas surdas da época, foi notado em 1960, mesmo período em que maranhenses surdos frequentavam o INES. Assim, ao retornarem para seus lares, impulsionavam a comunicação por meio de sinais. Movidos pelo desejo de lutarem por interesses comuns e se consolidarem enquanto comunidade, em 1979 foi fundada a Associação de Surdos do Maranhão (ASMA). Seguindo pelo Maranhão, as autoras apontam que, na cidade de Imperatriz, o registro de organização da comunidade surda ocorreu a partir do ano de 1989, quando foi fundada a Associação dos Deficientes Auditivos de Imperatriz (ADAI). Com isso, a partir dos movimentos sociais que aconteceram em favor de políticas linguísticas, culturais e educacionais favoráveis ao povo surdo, passam a não mais tolerar os discursos e os termos de supremacia ouvinte.

Campello (2008, inserir página) expressa que o discurso colonialista tenta pôr em evidência as diferenças culturais em benefício próprio, às custas das pessoas surdas. Em contrapartida, o povo surdo tenta assumir o protagonismo da sua própria história. Esses acontecimentos provocaram mudanças por todo o Brasil, no que se refere à “organização dos Surdos e a criação de associações pelos países afora, tendo como intuito a preservação da língua de sinais, identidade, cultura e apoderamento de sinais”. Assim, a autora destaca alguns relatos marcantes dessa trajetória.

Surdos do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro, em 1942, protestaram [...], chamando atenção do governo federal. Eles denunciavam a intolerância do diretor com as alimentações mal servidas, da intolerância linguística e humana; A CEADA – Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação, Mato Grosso do Sul, sendo uma Surda, segunda a ser eleita, no Brasil, como diretora, por meio de voto direto e democrático pelos professores, funcionários e pais da comunidade Surda; da Associação de Pais e Amigos de Audiocomunicação - APADA, de Niterói – Rio de Janeiro, com a indicação da primeira diretora Surda, da creche, que é uma instituição bilíngue e que atende atualmente cerca de 60 crianças Surdas e alguns não-surdos, por serem filhos de pais Surdos e terem irmãos igualmente Surdos (CAMPELLO, p. 80 - 82)

Essas manifestações atingem favoravelmente as comunidades surdas nacionais. Diante disso, houve mudança na nomenclatura de associações, escolas, federações, etc. Como exemplo, citamos a Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS), que antes era nomeada de Federação Nacional dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), o Colégio Nacional dos Surdos-Mudos recebe a designação de Instituto Nacional dos Surdos (INES). E, em Imperatriz /MA, a chamada Associação dos Deficientes Auditivos de Imperatriz (ADAI) passa a se chamar de Associação de Surdos de Imperatriz Maranhão (ASSIM).

Quadros e Silva (2019, p. 126) corroboram ao afirmarem que “a ação social de um agrupamento social se baseia em ideias, em valores, práticas e vivências coletivas cuja inter-relação impacta diretamente em uma identidade e em uma visão de mundo comum às pessoas que compõem uma comunidade”. Por sua vez, Strobel (2008) indica que as comunidades surdas integram pessoas surdas e ouvintes, local onde partilham cultura, histórias, experiências, percepções visuais, adotam comportamentos e interesses defendidos pelo bem comum do grupo.

As comunidades surdas elaboram um discurso justificado na busca de espaços, na defesa da língua de sinais e de uma visão de ser Surdo, pautado “na experiência visual, pelo modo de ser, de se expressar, de conhecer o mundo” (PERLIN, 2003, p. 218). Nesse contexto, Silva e Quadros (2019, p. 22115) reiteram “que nas comunidades de fala/sinais, não está relacionada a questão de deficiência e/ou minoria linguística, mas sim a grupos de pessoas que compartilham de uma língua, cultura e identidade locais [...]”. Nessa perspectiva, as comunidades surdas se constituem por todo o mundo, cuja resistência se embasa na ressignificação do conceito *ser Surdo*, e na valorização de uma cultura não homogênea, representada pela língua de sinais.

Hall (2016, p. 36) acrescenta que “uma vez que nós julgamos o mundo de maneira relativamente similar, podemos construir uma cultura de sentidos compartilhada e, então, criar um mundo social que habitamos juntos”. Pelo contrário, uma sociedade na qual ainda há acentuada hegemonia discriminatória, marcada pela diferença linguística e cultural, costuma

adotar um discurso estereotipado sobre o outro, um discurso colonizador, pautado na visão de “ser deficiente”, assim como “tratavam” o povo surdo.

Evidentemente, tal percepção é reflexo do querer ouvintizar o surdo, sendo intolerante à diferença linguística e cultural entre surdos e não surdos. Segundo Perlin (1998, p. 59), tais concepções e práticas impostas pelo ouvintismo² são “o que torna a cultura ouvinte – etnocentrismo – como hegemônica, uma ideia da identidade ouvinte como superior a tudo que se refere aos surdos”. Práticas e concepções errôneas como essas fazem com que se pense em uma única cultura e uma única língua. Para Tejedor (2007), a predominância de uma língua em detrimento da outra infere-se como preconceito linguístico. Ao validar uma única língua como majoritária, pelo fato de ela ser falada pela maioria da população, deixa-se de reconhecer a diversidade linguística entre os povos. Para os nativos de língua minoritária, torna-se mais prejudicial ainda, pois teriam seus direitos linguísticos negados. Todavia, Bagno (2015) diz que:

[...] desde 1996, circula pelo mundo, sob patrocínio da Unesco, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, proclamada naquele na cidade de Barcelona (Espanha). Todo país que se pretenda genuinamente ser democrático tem que estabelecer uma política linguística racional e transparente, voltada para o bem de todos os cidadãos (BAGNO, 2015, p. 23).

Por essa razão, Tejedor (2007, p. 2) afirma “que todas as línguas de sinais são línguas naturais com o mesmo status linguístico que as línguas orais, embora cada uma tenha suas particularidades³”. Aquelas são de modalidade gestual-visual e estas são oral-auditiva. Diante de tal compreensão, foi sendo averiguado que as línguas de sinais utilizadas pelos povos surdos não se tratava apenas de um simples código, e sim uma língua capaz de expressar qualquer conceito ou conteúdo. Do mesmo modo, foram sendo apurados registros de comunidades surdas por todo o mundo.

² Segundo Perlin (1998, p. 59), academicamente esta palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização. Conforme a autora, há três formas de ouvintismo: o ouvintismo tradicional, o surdo é condicionado ao modelo de identidade ouvinte. Ouvintismo natural, defende a igualdade natural entre surdos e ouvintes, porém continua com barreiras do surdo na cultura ouvinte. Ouvintismo crítico, que se aproxima de uma posição solidária: admite a possibilidade da alteridade, do diferente “surdo”, identidade e autonomia linguística (p. 60, 61).

³ [...] *las lenguas de señas son lenguas naturales con el mismo estatuto lingüístico que las lenguas orales, a excepción de que usan la modalidad gestual-visual, y no la modalidad auditiva-oral.*

Na ocasião, Groce (1985, p. viii) registra, na ilha de Martha's Vineyard (USA),⁴ em Chilmark,⁵ uma das cidades da ilha, uma alta incidência de surdez hereditária, “os moradores compensaram para esta condição humana, a invenção ou o empréstimo de uma língua de sinais eficiente, que era usada por quase todos da ilha, ouvintes e surdos”. Conforme a autora, algo extraordinário observado nessa localidade era a boa relação entre as pessoas surdas e as não surdas, o nível de tratamento era igualitário, não havia barreira comunicativa, e ambos produziam sinais emergentes para entender e se fazer entendido.

Fato análogo foi registrado por Pereira (2013), em Várzea Queimada, zona rural de Jaicós, interior do Estado Piauí – Brasil. O autor confirma, nessa localidade, a existência de uma comunidade surda. E, assim como em Vineyard, os sinais utilizados na comunicação emergem conforme a necessidade de comunicação entre os pares surdos e não-surdos. Outro fato de comunidade surda isolada foi relatado por Vilhalva (2009), no Estado do Mato Grosso do Sul. A autora identificou a presença de comunidades surdas no centro urbano. Diante disso, ela fez um mapeamento das línguas de sinais usadas pelas comunidades surdas indígenas dessa localidade constatando que parte dos sinais utilizados pelo grupo apresentava características emergentes, constituídos na relação familiar e na interação entre os membros da comunidade, e utilizados sobretudo para a comunicação. Assim, eram disseminados e, ao longo do tempo, constituíam-se enquanto item lexical daquela comunidade de fala.

Quadros (2019) esclarece que as comunidades locais estão situadas em espaços geográficos específicos dentro de um mesmo país, e utilizam a língua de sinais própria daquela área. Isso confirma que, nesses espaços, a produção de sinais emergentes é oriunda de influência social, uso de pantomima⁶, gestos e indexais. As comunidades que possuem abrangência nacional utilizam as línguas de sinais usadas por várias comunidades surdas de um país.

No Estado do Maranhão, a pesquisadora Ferreira Brito (1984) percebeu a existência de outra língua de sinais utilizada por Surdos da comunidade indígena Urubu-Kaapor. A língua é caracterizada pela natureza geográfica e cultural daquela localidade e traços específicos daquela etnia.

⁴ A ilha de Martha's Vineyard (município de Dukes, estado de Massachusetts) foi escolhida como laboratório para uma investigação inicial dos padrões sociais na mudança linguística. É uma unidade independente, separada do continente por umas boas três milhas (cerca de cinco quilômetros) do Oceano Atlântico (LABOV, 2008).

⁵ *Chilmark-which for over two hundred years had a high incidence of hereditary deafness. The residents compensated for this condition by inventing or borrowing an eficiente sign language, which was used by almost everyone, hearing and deaf alike.*

⁶ Conforme o Novíssimo Aulete (2011, p. 1021), dicionário contemporâneo da língua portuguesa, o termo pantomima refere-se à ação ou resultado de se exprimir por gestos: MÍMICA.

Quadros e Silva (2019, p. 131) expressam que “os surdos asseguram a relação de identidade com outros surdos por possuírem a mesma língua, na qual estabeleceram um fluxo de comunicação”. Isso significa que o encontro entre pares surdos favorece a identificação, bem como o compartilhamento de experiências e aspectos culturais por meio da língua de sinais. A relação nesse ambiente é de pertencimento, uma vez que há modelo linguístico comungado pelo grupo. Ademais, possuem os mesmos interesses em busca de possibilidades de dar sentido ao mundo e torná-lo acessível mediante o uso da língua de sinais.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (BARCELONA, 1996), fundamentada em leis e outros aspectos legais, assegura o respeito, a valorização, o desenvolvimento e o uso social da língua pelos seus respectivos grupos sociais. O artigo 1º do referido documento declara que,

[...] toda comunidade linguística toda sociedade humana que, radicada historicamente num determinado espaço territorial, reconhecido ou não, se identifica como povo e desenvolveu uma língua comum como meio de comunicação natural e de coesão cultural entre os seus membros. A denominação língua própria de um território refere-se ao idioma da comunidade historicamente estabelecida neste espaço (BARCELONA, 1996, p. 4).

No que tange ao direito linguístico como direito humano, “a comunidade falante de outro falar (diferente do oficial do país) consiste no direito de conservar, utilizar, controlar, reivindicar e proteger seu patrimônio cultural material e imaterial” (SOARES, 2014, p. 73). Portanto, as normas enunciadas nos postulados legais são fundamentais para a integridade humana, e fundamentais à sua interpretação, de forma que garanta ao sujeito o direito de se expressar em sua língua materna; à língua natural adotada como meio de comunicação principal entre os membros de uma comunidade.

2.2 Língua Brasileira de Sinais

Uma coisa importante é compreender, desde logo, que, o monolíngüismo é uma ficção.
Marcos Bagno (2015, p. 27)

No Brasil, o forte indício de um país monolíngue atrelado aos interesses colonialistas tentou privar os direitos culturais e linguísticos de povos minoritários. Em âmbito nacional, a língua portuguesa é declarada a língua oficial, com status constitucional. Contudo, os registros indicam que o Brasil possui mais de 220 línguas, dentre elas as línguas indígenas, língua de imigração e as línguas de sinais.

De fato, um dos apontamentos fundamentais de justiça social em políticas linguísticas é o rompimento com os paradigmas de língua única e estabelecer como meta um estado democrático de direito que respeite a sua condição de plurilíngue. Bagno (2014, p. 60) argumenta que, “quando a fala não está disponível por alguma razão – como a surdez – essa necessidade premente de interação social faz surgir outros sistemas de signos [...]”. Ademais, o ser humano dotado da faculdade natural da linguagem permite a constituição de uma língua. Dessa maneira, a pessoa surda, inata da capacidade da linguagem, desenvolve a aquisição de uma língua, por meio do canal visual-espacial, que se vale da articulação das mãos, de outros membros do corpo e das expressões faciais, denominada de língua de sinais.

As pesquisas originárias das línguas de sinais tiveram como premissa evidenciar e exteriorizar a veracidade do seu *status* de língua. William Stokoe (1960) destaca-se como o precursor dos estudos linguísticos, apurados na Língua de Sinais Americana (ASL). O autor apresenta especificidades próprias da língua visual-espacial, identifica sua autonomia em relação à língua oral e às complexidades linguísticas, ao mesmo tempo em que destaca aspectos comuns às línguas orais que são possíveis de serem analisados.

Nesse contexto, Sousa e Quadros (2019, p. 11), com base nos dados da Federação Nacional de Integração dos Surdos (FENEIS), publicados no ano de 2017, indicam que no Brasil “há aproximadamente 8.000.000 surdos, parte considerável desses surdos usa a Língua Brasileira de Sinais, como meio de comunicação”. Os primeiros estudos sistêmicos da Libras foram documentados a partir da década de 80, sob a perspectiva linguística da pesquisadora Lucinda Ferreira Brito (1984). A autora adotou a nomenclatura Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB), para se referir às línguas dos surdos das cidades e capitais do país. Antes dos primeiros registros, a língua dos surdos brasileiros era vista como gestos, pantomima, linguagem das mãos. Leite e Quadros (2014) comentam que nem mesmo os surdos que já militavam por políticas afirmativas e a importância da língua de sinais não contestavam tais alcunhas.

Até o final do século XX, o uso da língua de sinais no Brasil enquanto política linguística e educacional era restrito, em razão da não aceitação social e a falta de legitimidade linguística. Nesse contexto, é plausível destacar o fomento da FENEIS para a mobilização de integrantes e pessoas surdas dos grandes centros do Brasil, em prol de políticas públicas atuantes, como a participação nos processos decisórios que envolvem o direito linguístico e o bem comum da comunidade. Marinho (2014, p. 8) menciona que, “no ano de 1993, numa das reuniões da FENEIS, a comunidade surda ali representada rebatizou a língua com o nome de Língua

Brasileira de Sinais (Libras)”. É válido ressaltar que, antes desse feito, as publicações utilizavam a nomenclatura Língua de Sinais Brasileira (LSB), cuja finalidade era seguir os padrões internacionais de nomeação das línguas de sinais, tais como Língua de Sinais Americana (ASL), Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua Gestual Portuguesa (LGP) e tantas outras que apresentam o renome de língua.

As políticas linguísticas favoráveis à Libras propiciaram seu reconhecimento legal que culminou com a promulgação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. A partir daí, a Libras é nacionalmente reconhecida como o meio legal de comunicação e expressão de pessoas surdas do Brasil, conforme estabelecido no artigo primeiro de parágrafo único da referida Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

O fato de existir uma Lei que certifica a Libras enquanto língua traz consigo a necessidade de planejamento e implantação de políticas linguísticas nacionais de inclusão e difusão dessa língua, visando ao fortalecimento linguístico e cultural do sujeito surdo. Ademais, é importante a oferta de uma educação bilíngue aos estudantes surdos. Essas ações vêm sendo implementadas desde 2005, pelo Decreto 5.626, que define uma série de aplicações favoráveis, como a educação de surdos, a formação e atuação de professores, instrutores e intérpretes de Libras, e a sua difusão. De acordo com Bagno (2014, p. 14),

[...] cada um de nós não é um mero “usuário” da língua que falamos: nós também somos os produtores, os cultivadores, os preservadores, os transmissores e os transformadores dessa língua que nos pertence a cada um de nós como indivíduo e como membro de um grupo social que partilha uma mesma cultura (com suas múltiplas subculturas) (grifos do autor).

Sapir (2016, p. 37) compreende que a língua reflete “[...] todo um quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano”. Assim, a Libras é inferida como patrimônio cultural da comunidade surda brasileira. Mesmo diante da visibilidade linguística da comunidade surda, ainda há indício de conceitos preconcebidos de universalidade e uma certa submissão em relação à língua oral portuguesa. A modalidade visual-espacial da Libras implica a concepção errônea de “gestos”, “mímicas”, “pantomima”. Contudo, essas suposições são esclarecidas por Quadros, Pizzio e Rezende (2008), ao argumentarem que o sinal não pode ser compreendido

por gestos holísticos, de forma genérica, dado que na Libras os gestos são sinais, os quais, por sua vez, são estruturados conforme as regras da língua.

Desse modo, Quadros (2019, p. 34) esclarece que:

Gestos representam produções a partir do corpo para se referir a diferentes níveis de comportamento com ou sem significado. Os gestos são usados tanto nas línguas faladas, quanto nas línguas de sinais. Nas línguas faladas, como os gestos são produzidos pelo corpo, são facilmente identificados como gestos. No caso das línguas de sinais, os gestos se apresentam na mesma modalidade dos sinais. Assim, nem sempre é fácil identificar os gestos e os sinais como produções que apresentam fronteiras claras. Os gestos podem se fundir com os sinais e se tornarem linguísticos. Os gestos nas línguas faladas são identificados como extralinguísticos. No entanto, os estudos com as línguas de sinais têm apontado para a gramaticalização dos gestos nas línguas de sinais.

Nesse sentido, muitas posturas estereotipadas e preconceituosas “de tão impregnadas do imaginário coletivo, que acabam sendo consideradas como “naturais”, quando, de fato são resultado de uma longa construção cultural” (BAGNO (2014, p. 29). Segundo Quadros e Karnopp (2004), esse tipo de compreensões equivocadas, relacionadas à língua de sinais, deve-se ao fato de, anteriormente, as abordagens serem restritas somente ao estudo da língua oral, [portuguesa]. Por certo, a Libras é declarada a língua dos surdos do Brasil, uma língua natural que possui características próprias, fato que garante sua autonomia e a distingue da LP. Quadros (1997, p. 119) ressalta que,

[...] as línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a língua de sinais.

Desse modo, certificamos que o reconhecimento linguístico da Libras permitiu sua integração no campo da Linguística, tanto do ponto de vista teórico, quanto aplicada, haja vista que é dotada de todos os níveis de análise e capaz de expressar qualquer conceito em situação de uso. Portanto, compreendemos que a Libras, comunga de princípios linguísticos subjacentes às línguas orais (fonologia, morfologia, sintaxe, semântico-pragmático). Posto isto, debruçaremos no estudo da fonologia, morfologia, o léxico e a variação linguística na Libras, com enfoque na variação fonológica e lexical.

2.3 Libras: estrutura fonético-fonológica

A fonética e a fonologia⁷ na língua de sinais são dois aspectos gramaticais imanentes. De acordo com Crasborn (2012) em uma língua de modalidade visual-espacial não se pode observar os aspectos fonológicos, ou seja, as unidades estruturantes de um sinal sem a compreensão fonética da língua. Em conformidade com o autor supracitado, o nível fonético inclui a produção e a percepção de sinais manuais e não manuais. A fonologia é responsável pela descrição e compreensão das unidades mínimas (configuração de mão, movimento, ponto de articulação, orientação da palma da mão e a marcação não manual). Todavia, Crasborn (2012, p. 9) destaca que⁸ a descrição fonológica dos sinais “não contém nenhum detalhe de como o movimento é executado, se é o cotovelo, o pulso, ou mesmo os dedos distendidos para realizar contato com a outra mão, função que fica a cargo da fonética”.

A primeira descrição dos sinais foi apresentada por Willian Stokoe (1960), na língua de sinais americana (ASL). O pesquisador distingue diferentes combinações na composição de um sinal. O seu modelo de estudo fonológico foi realizado a partir das unidades (parâmetros) Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (MO). Segundo Quadros e Karnopp (2004), estudos posteriores de Battisson (1973) indicam a unidade Orientação da Mão (O). Mais adiante, Klima e Bellugi (1979) mostram as unidades não marcadas.

Xavier (2012) exhibe a estrutura fonético-fonológica da Libras a partir do modelo de Liddell e Johnson (1989), Os pesquisadores supõem que a articulação dos sinais se constitui a partir de dois segmentos, um denominado pela ausência de movimento e estabilidade de seus aspectos estruturantes (parâmetros), nomeados de *suspensões*; e o outro caracterizado pela presença de movimento e pela alteração de um dos aspectos (parâmetros), designado de *movimento*. O autor supracitado diz que Liddell e Johnson, para defenderem a sua concepção, desenvolvem “um modelo de representação e descrição compatível com o seu desdobramento, conhecido como Fonologia Autossegmental”.

Nesse modelo, os sinais são analisados por um único segmento ou sequência. No entanto, possuem uma estrutura interna que consiste em dois conjuntos ou feixes de traços, o *feixe segmental* e o *feixe articulatorio*. O primeiro tem como principal função especificar o tipo

⁷ Nos estudos linguísticos das línguas de sinais, os termos querologia e visologia são usados para se referir à fonologia da língua. Porém, seguindo a linha de várias pesquisas linguísticas nesta área, adotaremos o termo fonologia.

⁸ The phonological characterisation of the form of signs does not contain any details of how the movement is executed: whether it is the elbow, wrist, or even the fingers that extend to realise the contact with the other hand, or both, is left to the phonetic implementation (CRASBORN, 2012, p. 9).

de segmento (movimento ou suspensão). O segundo, é responsável em descrever a postura dos parâmetros (CM, LO e Or) (XAVIER, 2012).

Para Mori (2014, p. 161), “cada língua dispõe de um número determinado de unidades [...], cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação a uma outra”. Na Libras, as unidades mínimas aludem aos parâmetros (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, direcionalidade e as marcações não manuais).

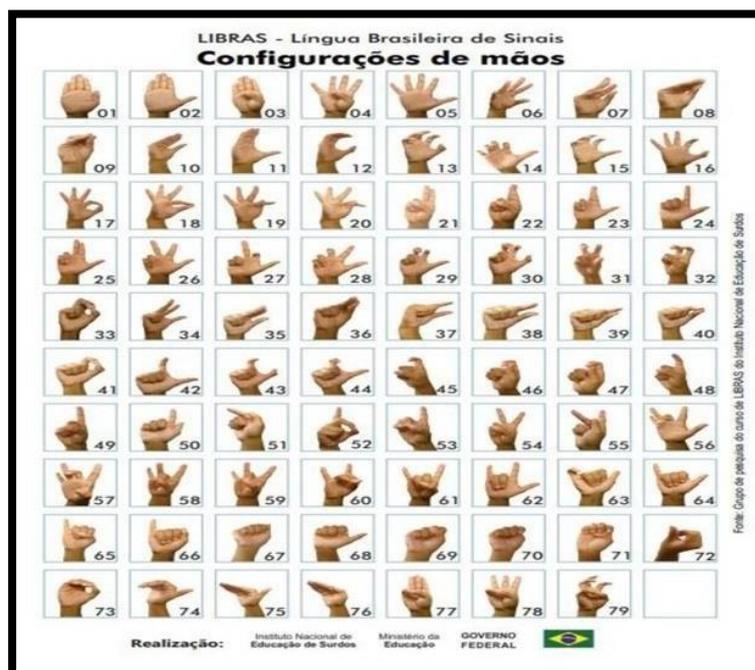
2.3.1 Configuração de Mão (CM)

As mãos são mencionadas como os *articuladores primários*, em razão das diversas formas de configurações realizadas no espaço em frente ao corpo e/ou em pontos definidos. A Configuração de Mão (CM) é a forma em que a mão se configura para a realização do sinal. De acordo com Nascimento (2009, p. 164), a CM “foi o primeiro parâmetro coletado, analisado e ordenado”, sendo considerado o articulador que recebe maior atenção.

O conjunto das configurações de mãos é amplo e infinito, pois, conforme a produção de novos sinais, pode ocasionar o surgimento de novas formas. Os estudos da Libras apresentam a compilação de organização do parâmetro configuração de mão. A organização segue uma ordem de semelhança, iniciada pelas configurações mais fechadas para as configurações com a palma da mão aberta fechada para a configuração de mão mais aberta.

Estudos recentes como o de Quadros (2019) mostram um conjunto com setenta e nove CMs, produzido pelos pesquisadores do Instituto Nacional de Educação de Surdos, sendo destacado abaixo na Figura 1 deste estudo, a qual apresenta o conjunto das CMs, organizado pelo INES, com setenta e nove configurações de mãos.

Figura 1 – Configurações de Mãos (CMs)



Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES, 2019)⁹

Antes disso, Felipe (2005) apresenta um conjunto com sessenta e quatro CMs. Ferreira (2010 [1995]) expõe um quadro com quarenta e quatro CMs. Nelson Pimenta (2006), professor surdo, indica a ilustração de sessenta e uma configurações de mãos, como proposta didática para o ensino de Libras. Nascimento (2009) mostra um conjunto com setenta e cinco CMs¹⁰. De acordo com os autores, a numeração de cada uma delas facilita a identificação, bem como a ordenação baseada na forma da CM mais fechada para a mais aberta.

Os estudos revelam que a Libras possui um número finito de CMs. Contudo, o surgimento de novos sinais possibilitará a formação de novas configurações de mãos. Xavier (2012) destaca que, conforme a forma da configuração de mão, os dedos indicador, médio, anelar e mínimo são flexionados, apresentando forma posicional aberta, fechada, achatada ou em gancho. O processo fonético-fonológico mostra as possíveis combinações e as inúmeras possibilidades de formas de CM, as quais, por si só, não expressam significado. Porém, em combinação com os demais parâmetros podem produzir sentido.

Sofiato e Reily (2011) enfatizam sobre as contribuições de Flausino José da Costa Gama, surdo e ex-aluno do INES, para a constituição da língua de sinais brasileira. Sua obra intitulada *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos* é considerada um dos primeiros registros

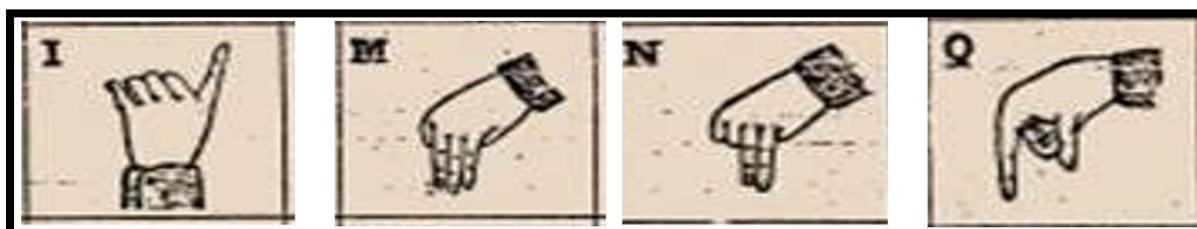
⁹ Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>. Acesso em: 24 jun. 2022.

¹⁰ Repositório UNB. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>. Acesso em: 20 mar. 2022.

pictográficos de 382 sinais. Na primeira seção, ele destaca as configurações de mão do alfabeto manual, representando cada uma das letras do alfabeto da língua portuguesa, utilizadas para a datilologia dos nomes. O objetivo de Flausino era contribuir com a educação de surdos e o ensino de Libras. Com o passar dos anos, algumas as CMs das letras (I, M, N e Q) sofreram alterações. Weinreich *et al.* (2006, p. 87) dizem que “a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística”. A língua de sinais é uma língua viva. Por certo, o processo de modificação, também se infere nessa modalidade de língua.

A Figura 2 apresenta a datilologia das letras I, M, N e Q do alfabeto manual da LSB, produzido por de Flausino José da Gama (1875).

Figura 2 – Registro das Configurações de Mãos (I, M, N e Q), de Flausino José (1875)



Fonte: Sofiato e Reily (2011, p. 186)

Como apresentado logo abaixo, na figura 3, é notório que as referidas letras passaram por um processo de mudança, comprovando que as línguas de sinais são mutáveis. Por exemplo, a letra I, no modelo de Flausino José, retratado na figura 2, mostra a mão configurada com dedo indicador distendido, enquanto na configuração atual, assim descrita na figura 3, o dedo distendido é o dedo mínimo.

A Figura 3 apresenta a datilologia das letras I, M, N e Q, que compõem o alfabeto manual utilizado atualmente pelos surdos brasileiros

Figura 3 – Configurações de Mãos (I, M, N e Q)



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

As configurações de mãos possuem um papel importantíssimo na formação dos sinais e, quando unidas com outras unidades mínimas, produzem significados. O alfabeto manual se insere no conjunto das configurações de mãos, sendo utilizado na soletração de nomes próprios e de referentes que não possuem um sinal específico, sendo definidos por Miranda (2020) como sinais soletrados¹¹, assim como, também, são usadas por sinais inicializados¹².

As Figuras 4 e 5 apresentam dois exemplos, o sinal referente ao mês de MAIO, produzido por meio da soletração manual, e o sinal inicializado referente ao termo IMPERATRIZ.

Figura 4 – Sinal soletrado - MAIO



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Figura 5 – Sinal inicializado



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Nesse contexto, há também os sinais inicializados com uma das configurações de mãos do alfabeto manual da Libras. Porém, não remete à ortografia do nome na LP. A Figura 6 mostra

¹¹ “São sinais que oriundos de um processo de lexicalização de menção ao nome em língua portuguesa, através da soletração” (MIRANDA, 2020).

¹² “Se refere a sinais cuja configuração de mãos remete à ortografia do nome em língua portuguesa” (MIRANDA, 2020, p. 98).

dois exemplos, o sinal AVIÃO, produzido pela CM em Y, e o sinal CONSEGUIR, mão inicializada pela configurada em L.

Figura 6 – Sinais inicializados com a CM do alfabeto sem menção ao nome em LP

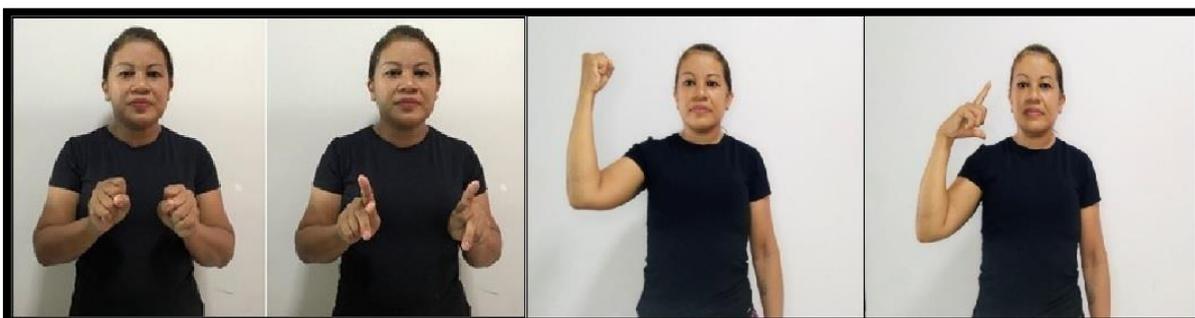


Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Existem sinais em que, durante a sua produção, a CM permanece a mesma, como os mencionados na figura 5. Entretanto, há sinais em que a configuração de mão pode ser modificada durante a sua realização. Karnopp (1997, p. 151) esclarece que, nesse caso, “a mão normalmente começa em um ponto (L), move-se (M) e alcança outro ponto (L)”. Quando há esse tipo de ocorrência, significa que o sinal inicia em um ponto de articulação com uma CM e, ao movimentar-se, ele deixa o ponto inicial, reconfigura-se e finaliza em outro ponto.

A Figura 7 mostra os sinais SHOPPING e SOL, o primeiro inicializado em um ponto com as mãos configuradas em S, e finalizado em um outro ponto com CMs em P. O segundo possui CM inicial em S, e configuração final em L.

Figura 7 – Sinais inicializados com uma CM e finalizados em outra



Fonte: Autora da pesquisa (2023).

A Figura 8 apresenta várias CMs utilizadas para indicar os seguintes referentes: BANHEIRO (CM: dedo indicador e dedo mínimo distendidos); CURSO (CM em C); DIFÍCIL (CM: dedo indicador em gancho); CASA: CM: dedos e palma da mão aberta); NAMORAR (CM: dedos médios distendidos); ENCONTRAR: (CM em D).

Figura 8 – Configurações de mãos dos sinais

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

2.3.2 Ponto de Articulação

O Ponto de Articulação (PA) corresponde ao termo *Locação* (LO), cuja função é referenciar a localização da articulação do sinal. Esse é um dos parâmetros primários da língua de sinais. Ferreira (2010, p. 37) diz que o PA “é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados”. Além de ser o local de execução do sinal, Pimenta (2006) acrescenta que, em determinada localização no espaço, é usado para fazer referência a quem fala. Nesse caso, o espaço neutro é referido como local de relações gramaticais. Quadros e Karnopp (2004) explicam que as sentenças ocorrem em um espaço definido na frente do corpo.

Assim, Ferreira (2010) classifica dois tipos de sinais articulados no espaço, os articulados no *espaço neutro* diante do corpo e os articulados próximo de uma determinada região corporal (a *cabeça, o tronco, os braços e as mãos*), evidenciados como principais pontos de articulação. Nesse caso, pode-se dizer que o PA é o local onde incide a mão dominante.

Quadros (2019, p. 56) define o conjunto de localizações (L) da Libras da seguinte forma: Espaço neutro: a frente do sinalizante; Tronco: ombro, peito, barriga, abaixo da cintura; Face: cabeça, testa, bochecha, nariz, queixo, orelha, boca, olho; Pescoço; Braço; Antebraço; e Mãos. Em oposição a Quadros (2019), e em consonância com a maioria dos pesquisadores, neste estudo consideramos a cabeça como membro principal ao invés da face, e junto a ela os pontos de articulação (face, testa, bochecha, nariz, queixo, orelha, boca, olho).

No Quadro 1, apresentamos a descrição das quatro principais regiões do corpo utilizadas para os pontos de articulação dos sinais.

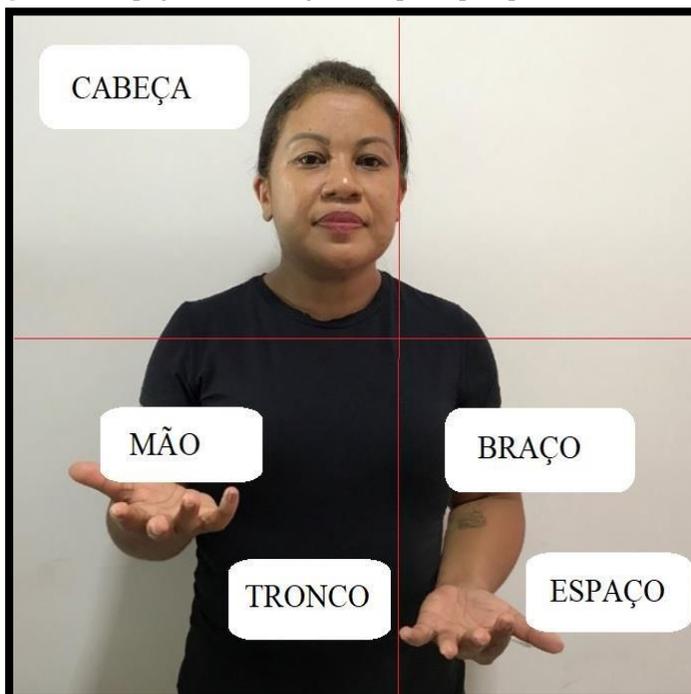
Quadro 1 – Ponto de Articulação

Cabeça (C)	Tronco (T)	Braços (B)	Mão (M)	Espaço Neutro (EN)
Topo da cabeça () Testa (T) Rosto (R) Parte superior do rosto (S) Parte inferior do rosto (I) Orelha (p) Olhos (O) Nariz (N) Boca (B) Bochechas (b) Queixo (Q) Zona abaixo do queixo (A)	Pescoço (p) Ombro (O) Busto (B) Estômago (E) Cintura (C)	Braço (S) Antebraço (I) Cotovelo (C) Pulso (P)	Palma (P) Costas das mãos (C) Lado do indicador (L ¹) Lado do dedo mínimo (L ²) Dedos (D) Ponta dos dedos (Dp) Nós dos dedos (junção entre os Dedos e as mãos) (Dj) Dedo mínimo (D1) Anelar (D2) Dedo médio (D3) Indicador (D4) Polegar (D5) Interstícios entre os dedos (V) Interstícios entre o polegar e o Indicador (V1) Interstício entre os dedos Indicador e médio (V2) Interstício entre os dedos médio e anelar (V3) Interstício entre os dedos anelar e mínimo (V4)	

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 58)

Na Figura 9, com base em Quadros e Karnopp (2004) e Pimenta (2006), apresentamos o espaço de sinalização e os principais pontos de articulação.

Figura 9 – Espaço de sinalização e os principais pontos de articulação



Fonte: baseado em Quadros e Karnopp (2004), e Pimenta (2006)

Retomando os estudos de Ferreira (2010), ancorada em estudos de Klima e Belugi (ANO), o espaço de realização dos sinais é um espaço restrito. Na posição vertical, é delimitado um palmo acima do topo da cabeça até a cintura. E na horizontal constitui uma linha da direita para a esquerda, ou vice-versa. Quanto ao espaço ideal de enunciação, a autora diz que este se configura no sentido da posição face a face dos interlocutores. Porém, existem situações em que o espaço é reposicionado ou reduzido.

Figura 10 – Espaço reposicionado ou reduzido



Fonte: Autora da pesquisa (2023).

A Figura 10 mostra o sinal VOCÊ, posicionado face a face, posição distante e reposicionado. Na primeira imagem, o espaço apresenta-se reduzido, ou os interlocutores estão posicionados face a face. Na segunda imagem, os interlocutores mantêm um certo

distanciamento e o terceiro quadro apresenta um reposicionamento do espaço. Lembrando que, nessas situações, o enunciador mantém a posição conforme a situação ideal de comunicação.

Nesse contexto, Xavier (2012, p. 46) explica que, quando o sinal é articulado sobre alguma região da mão passiva, utiliza-se o esquema constituído de duas especificações: “uma indica uma localização principal (a mão, os dedos, etc.); a outra especifica uma região nessa localização principal (dentro, no dorso, na extremidade radial, etc.)”.

Nesses termos, na Figura 11, apresentamos os sinais: FALTAR, ponto de articulação principal, mão/palma; PEDRA, ponto de articulação principal, mão/dorso; CANETA, ponto de articulação, o dedo indicador.

Figura 11 – Localização principal e localização específica



Fonte: Autora da pesquisa (2023).

2.3.3 Movimento (MO)

O parâmetro Movimento (MO) exibe a dinamicidade das línguas visuais-espaciais. As mãos são tomadas como um todo, representadas como o objeto que se expressa e se movimenta no espaço de enunciação. Entretanto, Xavier (2012) afirma que há sinais nos quais o movimento é realizado pelos dedos ou pelo pulso.

Em relação aos tipos de movimentos, Quadros (2019, p. 53) classifica em direcional e o local (movimento interno da mão). A autora enfatiza que os movimentos podem ser combinados ou aparecerem de maneira independente, para evidenciar que os movimentos locais são independentes dos movimentos principais das mãos. Nesse contexto, Xavier (2012, p. 28) explica que os movimentos locais compõem um grupo de traços separados “e que a inclusão entre os traços que descrevem os segmentos das línguas sinalizadas é necessária por conta do papel distintivo que eles podem assumir”. Em conformidade com os autores, os movimentos internos dos dedos são capazes de flexionar e distender-se em diferentes disposições. Então, não poderíamos deixar de frisar que esses traços não interferem no movimento principal das

mãos, ou seja, no contorno ou forma geométrica realizada pela mão durante a produção do sinal. No Quadro 2 apresentamos as categorias do parâmetro movimento da Libras.

Quadro 2 – Categorias do parâmetro Movimento

<p>TIPO</p> <p>Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual; Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado; Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar; Torcedura do pulso: rotação, com refreamento; Dobramento do pulso: para cima, para baixo; Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</p>
<p>DIRECIONALIDADE</p> <p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> - Unidirecional: para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para específico ponto referencial; - Bidirecional: para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda; <p>Não-direcional</p>
<p>MANEIRA</p> <p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contínuo; - De retenção; - Refreado.
<p>FREQUÊNCIA</p> <p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> - Simples; - Repetido.

Fonte: Campello (2011, p. 20).

Quadros (2019) apresenta o conjunto de movimentos (MO) da Libras, constituído por três subconjuntos, organizados internamente, conforme os movimentos de: trajetória (retilíneo, sinuoso, angular), movimentos circulares (circular, semicircular, helicoidal) e movimentos internos dos sinais (dos dedos, das mãos).

A seguir, a Figura 12 apresenta a descrição dos movimentos dos sinais: **CONSEGUIR:** MO (retilíneo, unidirecional, contínuo, simples); **BRINCAR:** MO (circular, unidirecional, contínuo, simples); e **DIFÍCIL:** MO (angular, unidirecional, contínuo, simples).

Figura 12 – Descrição dos Movimentos

Fonte: Autora da pesquisa (2023).

2.3.4 Orientação da Mão (Or)

O parâmetro orientação da palma da mão é compreendido como a direção que a palma da mão dispõe durante a produção de um sinal. A Figura 13 apresenta as orientações para cima, para baixo, para fora, para dentro ou trás, para o lado (esquerdo ou direito), ou em diagonal.

Figura 13 – Orientação da palma da mão

Fonte: Baseado em Costa (2012)

A Orientação da palma da mão carrega contrastes lexicais. Segundo autores como Ferreira (2010) e Diniz (2011), durante a execução do movimento, a Or da palma da mão pode mudar a direção. Nesse caso, o sinal inicia com a mão para uma direção e pode ocorrer de finalizar em outra direção.

A Figura 14 apresenta exemplos da direcionalidade da palma da mão durante a realização dos sinais: PROVAR (palma diagonal para dentro); NÃO GOSTAR, palma inicial diagonal para dentro e finalizado na diagonal para fora); TARDE (palma para baixo).

Figura 14 – Sinais - direção da palma da mão



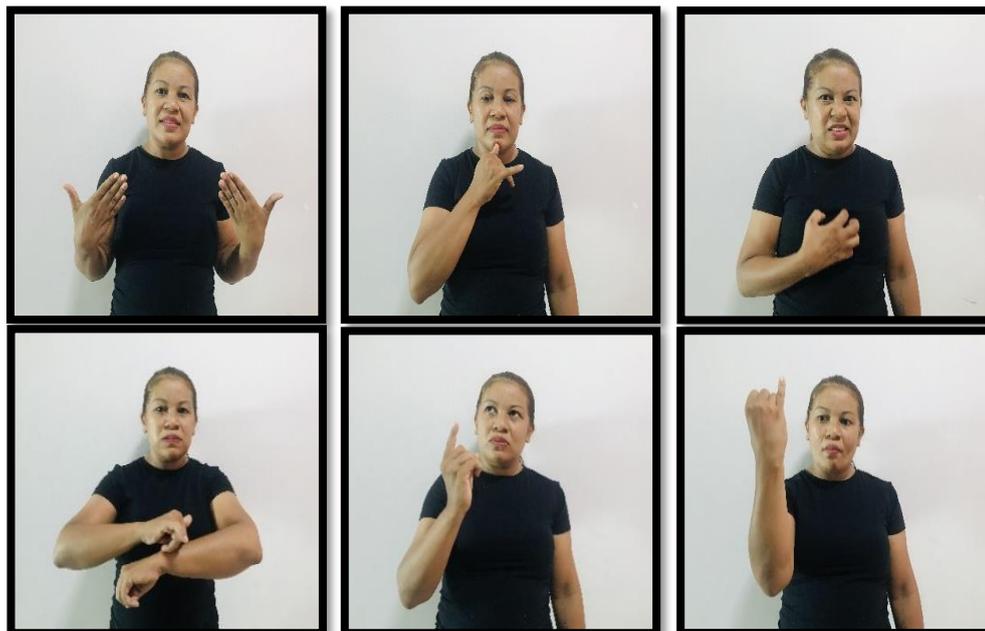
Fonte: Autora da pesquisa (2023).

2.3.5 Expressões Não Manuais (ENM)

A Libras não é uma língua limitada. Conforme já mencionado, é uma língua gestual-visual, que, além da variedade de formas de configurações das mãos, do movimento, da locação e da direção da palma das mãos, existem as expressões não manuais (faciais e/ou corporais), que também fazem parte dos aspectos linguísticos significativos para a formação de um sinal.

De acordo com Ferreira (2010) e Quadros e Karnoop (2004), as ENM têm duas funções importantes: desenhar as construções sintática (marcações interrogativas, QU, condição, relativas e topicalização), função fonológica e também servem para marcação de intensidade. Lembrando que, nas marcações fonológicas, a expressão decorre simultânea ao sinal, para demonstrar sentimentos e modo. Xavier (2006) enfatiza que há sinais realizados apenas por traços não manuais, assim como há, também, situações em que a ENM é atrelada ao sinal, para demonstrar uma marca icônica ao significado, ou seja, àquilo que se representa.

A Figura 15 apresenta sinais nos quais as expressões faciais ocorrem simultâneas ao sinal, para demonstrações coerentes de significados. Os sinais apresentados são: ALEGRE (lance de olhos, lábio/sorriso), TRISTE (olhos baixos, lábios contraídos); RAIVA (olhos cerrados, testa franzida, boca semiaberta cerrada); GORDO (bochechas infladas, olhos arregalados); ALTO (lance dos olhos, cabeça inclinada para cima, boca fechada projetada); MAGRO (lance dos olhos, bochechas contraídas).

Figura 15 – Expressões não-manuais

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Os parâmetros podem exibir valor distintivo, caracterizado pelos traços que o sinalizante pode assumir durante a produção de um sinal sem que altere o significado. Assim como, também, pode distinguir itens lexicais, quando resulta em significados diferentes. Xavier e Neves (2017) ratificam que a realização de formas diferentes de sinalização sem alteração do significado aplica-se à ocorrência de alofone, aspecto semelhante às línguas orais.

Estudo outros de Xavier e Barbosa (2014) verificam as diferentes manifestações dos parâmetros nas produções de sinalizantes surdos e apontam os valores distintivos de cada unidade mínima em pares de sinais. Quadros (2019, p. 59) esclarece que os pares mínimos “nos auxiliam a identificar os fonemas contrativos das línguas, isto é, aqueles que produzirão mudança da palavra quando combinados com outros fonemas”. Portanto, apesar da aparência, os pares mínimos de sinais se diferem em um dos parâmetros, precisamente na configuração de mão, no ponto de articulação e no movimento.

A Figura 16 apresenta os seguintes pares de sinais: EDUCAÇÃO/COSTUME, PA, no braço, MO retilíneo unidirecional, CM diferentes. O primeiro possui configuração em L e o segundo CM em C. MULHER/MENSTRUACÃO, CMs em A, MO retilíneo unidirecional, mas diferem no ponto de articulação. No primeiro, a locação é na bochecha. Já no segundo, embaixo do queixo.

Figura 16 – Pares mínimos

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

2.4 Libras: estrutura morfológica

Gonçalves (2020, p. 14) conceitua a morfologia como “área que estuda a forma das palavras em diferentes usos e construções”. Para Silva (2009, p. 5), “é mais adequado definir morfologia, a área encarregada de explicar os processos que modificam uma palavra de forma a criar uma outra palavra”. Conforme a autora, isso nos leva a pensar na palavra, no papel que ela exerce na língua e como é definida a sua classificação.

Etimologicamente a palavra *morfologia* deriva do grego *mórphe*, que significa “forma”, e *logos*, que significa “estudo”. Essa área da gramática descreve a estrutura interna, o processo de formação da palavra, ou dos sinais e suas respectivas classes. Previamente, é importante definirmos qual concepção adotar sobre o sinal. Desse modo, é importante compreender que, em uma língua de sinais, o sinal corresponde à palavra. Portanto, em um estudo morfológico de uma língua dessa natureza, o sinal é o centro das discussões.

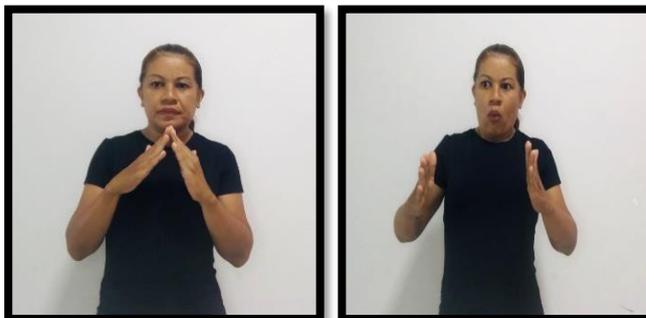
Conforme Sandalo (2012), não parece simples a definição de palavra. Contudo, denota que a “palavra é a unidade mínima que pode ocorrer livremente”. Nesse caso, o autor salienta a não obrigatoriedade de os morfemas permanecerem como formas únicas e homogêneas, dado que podem unir-se a outros morfemas e dar origem a novas unidades lexicais. Antunes (2012) reitera que as palavras possuem uma dinâmica interna em constante movimento, caracterizada pelas diversas possibilidades de formas e significados. Por essa razão, algumas se vão, outras se formam e se modificam e, nessa dinâmica, é legitimada a vivacidade da língua. Gonçalves (2020, p. 14) enfatiza que “as palavras são estruturadas por unidades menores que, concatenadas umas às outras, veiculam conteúdo ou apresentam relações variadas entre si”. Com efeito, entendemos que as palavras são formadas por unidades mínimas, com significado, dotadas de forma, expressão e conteúdo, denominadas de morfema.

Os morfemas possuem diferentes funções e, também, são responsáveis pela criação de novas palavras. Para tanto, é permutável ajustá-los, reinventá-los e recriá-los de acordo com as necessidades comunicativas. Isso não significa, no entanto, dizer que as palavras/os sinais são constituídas aleatoriamente. Assim, apresento alguns processos morfológicos configurados na Libras, como a datilologia, o empréstimo linguístico, derivação, marcação de gênero, grau, número, compostos e classificadores.

Na *datilologia*, faz-se referência à palavra da língua oral, soletrada por meio do alfabeto manual, denominado por Miranda (2020) de sinais soletrados, como exemplificado na figura 4 (pág. 31), deste estudo. O *empréstimo linguístico* na Libras é oriundo de estudos relacionados ao processo de formação de palavras da LP, por meio de um artifício próprio das LS. Sobre o processo *derivação*, conforme Nascimento (2013, p. 83), na Libras “os morfemas podem ser livres quando ocorre de forma isolada e presos quando não podem ocorrer isolados, mas exclusivamente ligados a outro(s) morfema(s)”. Diante do exposto, o morfema preso sempre dependerá de uma outra unidade com ou sem significado para se constituir enquanto item lexical independente.

Para exemplificar, A Figura 17 apresenta o sinal CASARÃO, cuja unidade é constituída pelo morfema livre, CASA, que corresponde ao radical, e o sinal GRANDE, que é o morfema preso utilizado para a marcação de tamanho, agregando informações específicas ao referente.

Figura 17 – Morfema livre e morfema preso



Fonte: baseado em Nascimento (2013)

Nesse contexto, é válido ressaltar que o morfema GRANDE, além de fazer a marcação do grau aumentativo, também pode ser utilizado junto ao nome para indicar uma característica ou qualidade (adjetivo). Nas duas situações, é notado que não há distinção na sinalização. Entretanto, a categoria gramatical será definida pela intencionalidade do sinalizante, ou pela situação sintática.

Outra situação de derivação apresentada por Nascimento (2013) refere-se aos sinais derivados de uma mesma base. A autora esclarece que um morfema sem significado pode se tornar morfema-base para a derivação de novos sinais do mesmo campo semântico, processo denominado pela autora de derivação sufixal. No caso da derivação semântica, a teórica define ser o conjunto de sinais que resultam de uma mesma cadeia de sentido, formando uma família etimológica. Nesse contexto, a expansão semântica resulta de dois seguimentos, o morfema-base àquele que permanece com a carga primitiva, e o morfema sufixal, a unidade constituída da carga morfológicamente complexa.

A Figura 18 apresenta a expansão semântica resultante do morfema-base, utilizado para o sinal SOCIAL, também empregado para os termos SOCIEDADE e SOCIOLOGIA, e o sinal, COMUNIDADE.

Figura 18 – Derivação por motivação semântica



Fonte: Autora da pesquisa (2022)

Segundo os pressupostos de Xavier e Neves (2016), o processo derivacional na Libras “consiste na alteração da forma de um sinal já existentes para designar um novo conceito (relacionado, mas) diferente do expresso pelo sinal original”. Nesse caso um dos parâmetros do sinal primitivo sofre alteração.

A Figura 19 apresenta um exemplo de sinal derivado a partir da alteração do parâmetro movimento, o sinal PERGUNTAR (primitivo) e o sinal PESQUISAR (derivado).

Figura 19 – Sinal derivado através da mudança do movimento



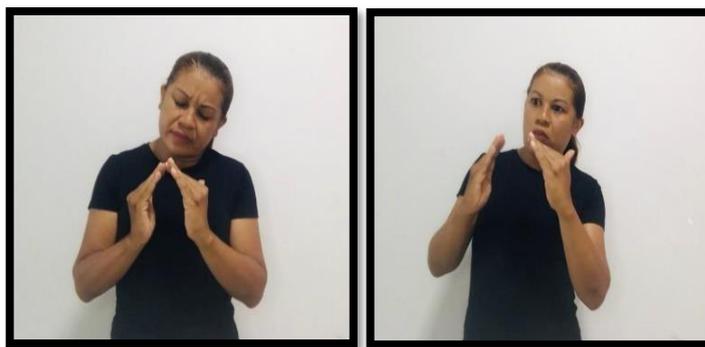
Fonte: Baseado em Xavier e Neves (2016)

Na Libras, a noção de gênero (masculino e feminino) é compreendida pelo sinal **HOMEM/MULHER**, colocado antes ou depois do nome. Em conformidade com Ferreira ([1995] 2010), o número (singular/plural) pode ser obtido pela repetição do sinal ou pelo sinal **MUITO/POUCO**, expressado adiante ou depois do nome. E o grau (aumentativo/diminutivo), pode ser marcado pelos sinais **GRANDE/PEQUENO**, **ALTO(A)/BAIXO(A)**, também antes ou depois do nome.

Além das referidas palavras utilizadas para a marcação do grau, destaca-se também, na Libras, a incorporação de intensidade, processo utilizado tanto para os nomes, quanto para os adjetivos. Xavier e Neves (2016) afirmam que, nesse processo, os sinais na Libras podem expressar intensidade pela mudança em sua configuração de mão, ou por meio de mudanças na extensão de seu movimento, e ainda há caso de sinais que sofrem duplicação da mão.

A Figura 20 exemplifica a intensidade para aumentativo e diminutivo do sinal **CASA** em Libras. Os afixos são marcados pela redução do parâmetro **CM**, pela sua amplitude. Nos dois casos ocorrem a intensificação das expressões faciais. Como mostram as imagens abaixo, as expressões não manuais são determinantes para a marcação de aspectos gramaticais. Em relação aos afixos, geralmente a marcação é notada nas sobrancelhas, nos lábios, nas bochechas infladas, na extensão dos olhos, entre outras marcações.

Figura 20 – Intensificação de grau do sinal



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Os estudos sobre o processo de *composição* evidenciam a ocorrência da junção de dois sinais já existentes na língua. Contudo, conforme Xavier e Neves (2016), a forma original do sinal para dar origem a um novo sinal pode sofrer alteração.

Os sinais constituídos por *classificadores* geralmente são utilizados para representação icônica de objetos, pessoa, tamanho e forma. Os parâmetros CM, PA e MO são articulados de modo que especifique o movimento, a posição e o formato de um referente. Quadros (2019, p. 74) diz que esse processo “envolve uma categoria polimorfêmica específica da língua de sinais”. A referida autora declara que esse tipo de produção envolve uma combinação de morfemas altamente complexos simultaneamente articulados. Campello (2008, p. 98) defende que o classificador na língua de sinais “expressa visualmente as especificidades e “dar vida” a uma ideia ou de um conceito ou de signos visuais”. Desse modo, por se mostrarem de acordo com as perspectivas visuais do sujeito surdo, tal processo é denominado pela autora de descritivo visual.

Quadros (2019) declara que a morfologia das línguas de sinais se apresenta em dois tipos: a simultânea e a sequencial. Conforme definido, a forma simultânea possui característica própria das línguas visual-espacial, os aspectos gramaticais são percebidos na alternância dos movimentos, no ritmo, na direção e forma do percurso. E a forma sequencial constitui-se de forma derivacional, possui estrutura afixal, sua estrutura morfológica está organizada a partir da relação dos morfemas, que resultam em novas classes gramaticais e ampliação semântica. A autora ainda destaca a morfologia híbrida, quando a produção do sinal inclui os dois processos. Nessa seção foi mostrado pressupostos e aspectos linguísticos da Libras, que trazem contribuições relevantes para este estudo.

2.5 Libras: o léxico

O léxico é considerado parte integrante da cultura de uma comunidade linguística, sendo defendido por Antunes (2012, p. 28) como “o inventário dos itens linguístico com que expressamos categorias e subcategorias cognitivas”. Tal concepção deve-se ao fato de a língua ampliar-se conforme as necessidades comunicativas, por necessidade de nomeação, de categorização (seres, objetos, espaços) do ser humano.

De modo geral, entende-se por Léxico o conjunto de vocábulos de uma língua. O seu estudo é necessário como parte integrante de uma comunidade linguística. O Léxico de uma língua é considerado um sistema aberto, dinâmico, que pode ser ampliado de acordo com a necessidade do ser humano, e até mesmo com as mudanças da sociedade. Birdeman (1998) esclarece que o léxico de um grupo é formado ao longo da história da comunidade, estabelecendo-se enquanto patrimônio vocabular.

A nomeação é um dos processos lexicais caracterizado pelo ato de nomear tudo o que existe, sendo considerada uma prática imprescindível própria do ser humano (BIRDEMAN, 1998). Para a autora “a nomeação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (p. 88). A nomeação dos espaços geográficos, além da função de dar um nome para um referente físico, remete ao reflexo cultural de um povo.

Nesse campo, Pires e Seabra (2015) apontam que os elementos culturais exercem influência sobre o indivíduo e, a partir do momento em que essas forças sociais agem sobre ele, são refletidos na língua, sobretudo no seu léxico. Lyon (1987, p. 8), por sua vez, ressalta que “os comportamentos linguísticos dos indivíduos são integrantes da comunidade linguística”. Assim sendo, não é propício observar as práticas linguísticas do ser humano fora do seu contexto sociocultural, tampouco da indissociável ligação entre língua, léxico e cultura.

Segundo Andrade (2017, p. 586) no léxico de uma língua pode-se também aprender a realidade do grupo que o utiliza, sua cultura, história, modo de vida e visão de mundo. Nessa perspectiva, Sousa e Dargel (2017, p. 8) declaram que, durante a nomeação de algo, “o nomeador lança mão de aspectos internos e externos da língua com intuito de refletir e expressar, no que lhe foi designado, a realidade cultural pela vivência em sociedade”. Com base nesse entendimento, o estudo toponímico é um ato dinâmico, pois ele interliga diversas áreas do conhecimento, sendo considerado interdisciplinar e intercultural. Sousa (2022) destaca que a perspectiva interdisciplinar contribui com as investigações, torna favorável a prática de ensino com um olhar multidisciplinar e propicia o diálogo entre os saberes e os sujeitos.

Sousa (2022) também destaca que a toponímia nas línguas de modalidade visual-espacial, e sua aplicação na educação de surdos, ocorre conforme as especificidades do grupo. No caso dos surdos brasileiros, o ato de nomeação ocorre em Libras. Em conformidade com Albres (2014, p. 83), em um processo denominativo em Libras, o sujeito surdo “toma como base para sua criação as características físicas do referente, parte deste ou todo, ou mesmo a relação cultural com esse referente”. Em algumas circunstâncias, o nomeador ou o grupo, leva em conta um conceito ou representatividade, por fim, cria-se o sinal.

Nesse âmbito, Sousa (2022) enfatiza que, na função toponímica, o sinal é marcado pelos aspectos motivacionais, a partir de marcas linguística refletidas no próprio sinal, como também se vale das influências externas envolvidas na escolha do sinal para nomear espaços geográficos. Cavalcante e Andrade (2009) salientam que as influências interna e externa podem advirem de acordo com os aspectos geográficos, históricos, culturais, sociais, etimológicos, semânticos, linguísticos ou taxionômicos, e ainda de transformações morfossintáticas, comparadas às outras unidades lexicais (línguas indígenas e portuguesas).

Diante do exposto, compreende-se que a nomeação em Libras, vai além da estrutura linguística do sinal, determinada a partir dos parâmetros estruturante (CM, PA, MO, Or e ENM). Assim, Melo (2017) corrobora que o signo toponímico possui característica interdisciplinar e favorece a aquisição de múltiplos conhecimentos, inclusive o conhecimento linguístico e cultural. Para tanto, tece-se a compreensão da lexicologia da língua, pautada na materialização do nome, a partir da nomeação dos topônimos.

Nesse campo, incorporado ao estudo da lexicologia, encontra-se a Onomástica – a ciência que estuda os nomes próprios em geral. “O Topônimo é um signo linguístico no mundo da Onomástica” (MELO, 2017, p. 124). Sendo a toponímia uma das suas principais vertentes. Nesse âmbito, Dick (1990, p. 36) argumenta que a Toponímia é “um imenso complexo línguocultural”. Aspectos como os mencionados por Dick (1990) se materializam nos nomes de lugares, estudá-los favorece a compreensão das diversas facetas, potencialidades, conceitos e significados que motivaram para a escolha daquele nome. De acordo com Tavares e Isquierdo (2006, p. 3), na dimensão linguística

(...) o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxes predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos.

Nos dizeres de Sousa (2022), a partir dos estudos de Dick (1990, 1992, 25-26),

[...] a toponímia passou a ser vista em uma perspectiva mais abrangente e voltada para a realidade brasileira. O topônimo, ou seja, o nome do lugar, foi considerado a partir: a) das diversas origens e transformações que foi sofrendo ao longo do tempo; b) das variações; c) como documento histórico e antropológico das mudanças migratórias dos povos; d) como reflexo das visões de mundo de um grupo humano e da constituição cultural; e) das relações com a espiritualidade (crenças); f) com fatores de ordem psicológica, entre outros fatores que interferem no ato de nomear um espaço geográfico como motivador para a escolha do nome.

No que tange à motivação toponímica de um nome, Dick (1990) propôs um modelo de estudo com vinte e sete taxes, distribuídos em dois grupos de acordo com a natureza motivacional. Um compõe onze taxes relacionadas ao ambiente físico, nomeadas de taxionomias de natureza física. E o outro são dezesseis taxes relacionadas ao homem e sua relação com a sociedade e à cultura, chamado de taxionomias de natureza antropocultural. Assim discriminadas: taxes de *natureza física*: astrotopônimos, cardinopônimo, cromotopônimo, cimensiotopônimo, fitotopônimos, geofotopônimo, hidrotopônimo, litotopônimo, meterotopônimo, morfotopônimo e zootopônimos. E, as taxes de *natureza antropocultural*: animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematopônimos, hidrotopônimo, historiotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos, somatopônimos.

Nesse sentido, Sousa (2022) esclarece que as taxionomias de natureza física e sua motivação estão relacionadas aos aspectos descritivos do próprio espaço nomeado (cor, dimensões, formas), ou aos elementos naturais que constituem o espaço físico (fauna, flora, astros, elementos hídricos, elementos geológicos etc.). E nas taxionomias de natureza antropocultural, os “motivadores se relacionam com aspectos inerentes ao povo (sentimentos, nomeações), à cultura (elementos materiais e imateriais), à história (datas e personagens), à espiritualidade (religiosidade, dogmas, locais e fé), às organizações sociais e profissionais, entre outros aspectos ligados ao espaço nomeado” (SOUSA, 2022, p. 56)

Diante de tal exposição, podemos pensar sobre as motivações que influenciaram e influenciam a nomeação dos espaços geográficos em Libras, levando em consideração a sua visualidade, elementos locais, socioculturais, bem como elementos concretos culturais. Contudo, é importante ressaltar que esses espaços devem ser habitáveis e perceptíveis conforme as especificidades do grupo e sua atuação social. Conforme o autor mencionado, tais influências denominativas em Libras podem resultar em sinais com diferentes formações. Desse modo, são destacados por Sousa (2022, p. 46) quatro tipos de formação para o termo específico:

[...] *formação simples*, quando há apenas um formante, e todos os elementos são da língua de sinais nativa; e d) *formação composta*, formativo da língua de sinais nativa; *formação simples-híbrida*, quando há apenas um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura; *formação composta - híbrida*, quando contém mais de um formante: sendo pelo menos um da língua de sinais nativa, e pelo menos outro com empréstimo de língua oral ou outra língua de sinais distinta da nativa.

Strobel (2008) destaca que primeiro artefato cultural do povo surdo é a visualidade, e o segundo é a língua de sinais. Tal concepção provoca reflexões sobre o modo diferente de ser, de se expressar do povo surdo, a fim de tornar a sociedade em que vive acessível e habitável, conforme suas experiências linguísticas e culturais. Dessa maneira, o registro dos topônimos espaços de lazer e turismo de Imperatriz (MA), em Libras, apresentam em suas formas aspectos culturais e linguísticos da comunidade surda local.

Em busca do fenômeno variação linguística e na identificação de aspectos que influenciam a sua ocorrência em detrimento de outra, nesse viés intercultural, entrelaçamos conhecimentos linguísticos, sociolinguísticos e de outras áreas, os quais, de certa forma, ficaram camuflados numa perspectiva que introduz significados de acordo com a percepção de mundo do sujeito. Em um estudo variacionista, o olhar multicultural fortalece a prática, o uso e a valorização das diversas formas de manifestação da linguagem humana, um contínuo exercício linguístico que favorece o conhecimento dado pelas experiências culturais e interações entre pares.

2.6 Libras: variação linguística

A variação é inerente às línguas naturais (COELHO, 2018). Tomando como base os estudos da sociolinguística variacionista, a língua é definida como um fenômeno social, um sistema heterogêneo, sendo passível de variação, cuja variedade e mudança linguística estão atreladas a fatores de ordem social, cultural, estilística (SEVERO, 2011). Este campo de estudo abarca uma série de reflexões acerca dos aspectos socioculturais como elementos condicionantes da variação e do uso da língua, a partir das diversas possibilidades de interação entre sujeitos. De acordo com Bagno (2014, p. 11),

A linguagem é, decerto o nexa mais poderoso que mantém uma comunidade humana interligada, intraligada, coesa. [...] Se ser humano é ser na linguagem, ser humano é também é ser social, de modo que linguagem e sociedade são indissociáveis: tentar separá-las é como tentar negar a existência de um dos lados de uma folha de papel, de uma das faces de uma moeda.

Tendo em vista que o ser humano é um ser de linguagem, todo enunciado produzido dispõe de intenção e significados e não pode ser entendido fora do contexto sócio-histórico e cultural de sua produção. Desse modo, os estudos de Labov (2008) atestam ser inegável a desvinculação dos fatores língua e sociedade, pois, a partir do momento em que se reconhece a ligação línguo-cultural atrelada ao sujeito, essa relação é irrefutável.

Bortoni-Ricardo (2004) expressa que os modos sociolinguísticos de um falante geralmente são adquiridos com os pares, pessoas com quem interagimos em nossa rede social (grupos constituídos na convivência nos domínios sociais, ou grupo de referência, por meio da internet, telefone etc.). Nesse âmbito, destacamos as interações sociais¹³ como fatores determinantes para o desenvolvimento do repertório linguístico e modelo de atuação do sujeito surdo, haja vista que grande parte dos surdos, são filhos de pais ouvintes e um número destes não utilizam a Libras na comunicação com o filho.

Conforme Lyons (1987, p. 7),

[...] usar uma determinada língua ao invés de outra, é comportar-se de uma forma ao invés de outra. Tanto a linguagem quanto as línguas específicas podem ser encaradas como comportamento, ou atividade parcialmente observável e identificável como comportamento linguístico [...].

Do ponto de vista comportamental, compreende-se que os usuários de uma língua internalizam aspectos particulares do falante/sinalizante, aspectos peculiares ao grupo e aspectos externos à língua, que resultam em um repertório linguístico formado de variedades. A célebre pesquisa de Labov, realizada na comunidade da ilha de *Martha's Vineyard*, sublinha a relação da variação linguística com os aspectos sociais (idade, sexo, escolaridade, entre outros). O referido teórico evidencia que não existe comunidade homogênea, nem falante ideal, sendo “comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a ‘mesma’ coisa” (2008, p. 221, grifos do autor). É importante entendermos que todas as formas de variação de uma palavra/de um sinal, de uma língua não são um seguimento aleatório, mas, sim, uma sequência dotada de regras constituídas a partir de elementos que levam em conta as influências externas à língua.

Com base nos estudos sociolinguísticos, a variação pode estar condicionada a fatores internos e externos. Na dimensão interna, os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, a sintaxe, o léxico e discurso) são sujeitos à variação. Na dimensão externa, a variação decorre

¹³ Escola bilingue, escola inclusiva, igreja (com interpretação), amigos (pares surdos), internet (vídeos, chamadas de vídeo em libras) etc.

de influências extralinguísticas (regional, social, cultural, identidade). Coelho *et al* (2018, p. 25) enfatizam que “os aspectos lexicais são menos sistematizáveis do que os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos ou sintáticos”, visto que os últimos são condicionados por fatores internos e externos, enquanto os lexicais estão ligados a fatores extralinguísticos de caráter cultural, etnográficos e históricos.

Em se tratando da definição dos tipos de variantes (diatópico, diastrática, diacrônico, diafásica e diamésica), Calvet (2002) diz que a variação *diastrática* está relacionada aos grupos sociais; a variação *diatópica* ocorre em razão das diferenças regionais, lugares; e a variação *diacrônica*, centra-se nas faixas etárias. Coelho *et al.* (2018, p. 76), explica que a variação diatópica expressa “exatamente as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação a outra”. Por certo, os traços fonológicos manifestados entre sujeitos de localidades diferentes revelam o conjunto lexical daquela comunidade, sendo possível identificar a fala de comunidades urbanas, comunidades rurais ou interioranas.

Dentre as variações mencionadas, na Libras é notória a ocorrência da variação diatópica, a qual geralmente é percebida pelo quesito da regionalidade. Por exemplo, um sinal utilizado pela comunidade surda da região Nordeste pode ocorrer de não ser o mesmo utilizado pela comunidade surda da região Sul do país. Contudo, embora distintos, têm o mesmo significado. Nesse contexto, os estudos de Silva e Quadros (2019) expõem um mapeamento das línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil, e as distinções manifestadas entre as línguas de comunidade urbana e comunidades rurais. Esse registro aponta a existência de doze línguas de sinais distintas utilizadas por comunidades de zonas rurais e comunidades indígenas. Nesse encadeamento, confirmam a riqueza e as particularidades linguísticas imbuídas nas línguas de sinais, como a manifestação de variação.

Então, inferimos que, as variações trazem consigo traços socioculturais, marcas que revelam a identidade individual e aspectos inerentes ao grupo daquela região. Enfatizamos que o contato entre surdos de regiões diferentes, seja presencial ou virtual, faz com que os sinais viralizem entre os pares e comunidades. Machado (2016) afirma que essas contribuições são constantes nas comunidades surdas, haja vista que seus membros emitem e recebem sinais.

Gesser (2009) expõe que em algumas situações pode ocorrer resistência por parte do sinalizante, como a não aceitação da variação, dúvidas sobre a veracidade do sinal, ou ela pode até mesmo ser vista como erro de sinalização. No contexto escolar, Bortoni-Ricardo (2004) diz que comumente a variação linguística perpassa pela corrente do “erro” pautada na deficiência do aluno, tendo a concepção de “erro” como uma diferença entre duas variedades. Dessa

maneira, a perspectiva é que haja a compreensão do fenômeno variação como algo presente nos domínios sociais e se estreite o preconceito às diferenças linguísticas. “A língua de sinais, ao passar literalmente, ‘de mão em mão’, adquire novos ‘sotaques’, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens” (GESSER, 2009, p. 40, grifos do autor).

Em suma, autores como Coelho *et al.* (2018), Alkmim (2012) e Bortoni-Ricardo (2004) declaram que a variação social ou diastrática reflete as características sociais (grau de escolaridade, sexo/gênero, *status* socioeconômico, faixa etária) do falante. Além disso, tais atributos se relacionam com a identidade individual de cada usuário da língua e com a organização sociocultural da comunidade de fala. Sobre a variação diafásica ou variação estilística, Camacho (2001) estabelece que a sua ocorrência é manifestada conforme a situação de uso da língua pelo mesmo falante/sinalizante. O pesquisador assevera que,

[...] a diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica. Um mesmo indivíduo pode alternar entre diferentes formas linguística de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social (CAMACHO, 20021, p. 60)

Os estudos de Silva, Mesquita e Silva (2021)¹⁴ confirmam a ocorrência da variação estilística na Libras, em situações discursivas de um surdo. Os autores enfatizam sobre a atenção dada à fala e ao estilo de formas mais monitoradas para situações mais formalizadas, como a apresentação de atividades em um ambiente acadêmico, e formas menos monitoradas utilizadas em situações cotidianas com familiares. Para os pesquisadores, “a variação estilística não é apenas uma questão de alternância entre formas, equivale a atitudes, escolhas, monitoramento da fala e aspectos que certificam o grupo; as pessoas que o falante interage”. (SILVA; MESQUITA; SILVA, 2021, p. 93). Desse modo, a variação estilística pode ser identificada quando é feita a comparação entre aspectos contrativos, aspectos sociais ou situações de uso da língua. Além disso, o contexto ou situação discursiva são fatores determinantes, a ponto de identificar o nível linguístico utilizado pelo sujeito.

Para Delgado (2012), a língua(gem) não é um todo homogêneo, haja vista que é nas diferentes interações sociais que o falante/sinalizante pode combinar uma variedade de recursos linguísticos passíveis de variação, de acordo com o contexto de uso da língua ou devido às peculiaridades de cada sujeito. Sobre a variação *diamésia*, Vargas (2018, p. 65) entende que ela “ocorre quando se utilizam modalidades diferentes de comunicação, constatada quando se

¹⁴Conf. em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644797>, pag. 82-95.

compara a língua falada e a escrita. Ressaltamos que a escrita¹⁵ é uma forma de comunicação que pode ser utilizada em diversas situações ou contextos, como, também, é uma forma de registro da língua.

Neste estudo, dedicamo-nos a pesquisar sobre a variação fonético-fonológica e lexical em Libras, a partir da relação entre sujeitos. Nesse campo, a cultura surda é compreendida em sua plenitude como o jeito de ser, compreender e tornar o mundo acessível às suas percepções visuais (STROBEL, 2008). Assim, compreendemos que a ocorrência da variação linguística, seja por motivações internas ou extralinguísticas, confirma a heterogeneidade da língua desmitificando a visão equivocada de universalidade e a ideia de padronização dos sinais.

Segundo Quadros (2019), a concepção equivocada de língua universal foi constituída pelo fato de, na utilização dos sinais, haver o uso de movimentos corporais e expressões a ela associada, que muitas vezes eram compreendidos por supostos gestos fáceis de serem entendidos por qualquer pessoa. Para Bagno (2014, p. 40), “cada língua humana representa um modo muito particular de simbolizar o mundo, [...], além de veículo de transmissão de saberes os mais, variados, peculiares àquela comunidade”. A linguagem é algo inerente ao ser humano, sendo uma das principais funções da língua, composta de princípios individuais. Entretanto, ela é também configurada como produto social. Então, “pensar numa língua homogênea é pensar numa sociedade também homogênea, uma vez que a língua é uma representação dos valores socioculturais dos falantes” (SILVA; SOUSA, 2017, p. 280). Diante do exposto, reafirmamos a concepção da língua enquanto patrimônio histórico e cultural de um povo, sendo inegável, nesse multiculturalismo, a presença de variação.

Por mais que se diga que a padronização dos sinais facilitaria a comunicação em Libras, a variação sempre irá existir, pois nenhum ser humano, seja ele surdo ou ouvinte, fala do mesmo modo. Imaginemos um mesmo sinal sinalizado por um número de surdos. Claramente a sinalização será diferente, visto que cada sujeito tem o seu estilo individual de sinalizar, condicionado pelos diferentes fatores aqui mencionados.

¹⁵ A língua de sinais apresenta o sistema de escrita *SignWriting*, uma escrita simbólica, complexa, carregada de aspectos singulares das línguas de sinais. O primeiro registro foi feito por Valerie Sutton, na Dinamarca (1974), em parceria com pesquisadores da língua de sinais. No Brasil, a escrita de sinais ainda é incipiente. Todavia, há pesquisadores como Mariane Stump, empenhados para que a grafia da Libras seja menos complexa e possa ser utilizada pelos usuários da língua. Nessa mesma perspectiva, Mariângela Estelita Barros cria o sistema de Escrita de Língua de Sinais (*ELiS*), compreendido como um sistema de escrita alfabética e linear. Os caracteres são denominados de *viso-grafemas*. Os *viso-grafemas* representam os elementos visuais que compõem o sinal (CM, PA, MO, Or e ENM). (BARROS, 2015).

Xavier e Barbosa (2014) apontam a dinamicidade da língua de sinais e expõe evidências de variantes presentes na sinalização de diferentes sujeitos, ou até mesmo de um mesmo sinalizador, sem nenhuma alteração do significado. Notamos que as distinções manifestadas pelas diferentes formas de produção dos sinalizantes confirmam a não existência de uma única forma de sinalizar. Assim, evidencia-se a presença do fenômeno da variação. Machado (2016, p. 82), nesse sentido, declara que

[...] as variações [...] podem ocorrer devido ao modo particular de uso da língua numa determinada localidade, devido à variedade linguística de um determinado grupo de usuários que partilham os mesmos traços e experiências socioculturais, ao modo particular de cada indivíduo expressar-se através de sua língua, ou ainda quando o indivíduo pertencente a uma determinada faixa etária, ou seja, modo próprio de cada geração se manifestar.

Em vista disso, direcionamos este estudo à variação linguística da Libras, com realce na variação fonético-fonológica e à variação lexical. Evidentemente um estudo dessa natureza decorre da investigação do uso da língua, seja individual ou coletivo. A compreensão desse fenômeno é fundamental para desconstruirmos paradigmas estereotipados a respeito da língua brasileira de sinais, e, também, com base nos pressupostos da sociolinguística, apresentar aspectos que confirmam a dinâmica, a vivacidade e a heterogeneidade dessa língua.

Na Libras, tomamos como exemplo de variação fonético-fonológica as variáveis distintas na sinalização de um mesmo referente, materializadas a partir dos exemplos de pronúncias em Libras dos sinais de espaços de lazer e turismo. A verificação da variação fonético-fonológica ocorre a partir da articulação dos parâmetros fonológicos CM, MO, PA, Or, ENM que compõem o sinal, podendo sofrer alteração na sinalização intersujeito. Isso, no entanto, não compromete o uso da língua, nem mesmo a intenção comunicativa dos interlocutores.

A variação lexical será notada a partir da ocorrência de variantes concorrentes para um mesmo referente sem alteração do contexto de uso. Para um estudo dessa natureza, é fundamental a compreensão entre variável e variante. Nesse âmbito, Coelho *et al* (2018) definem *variável* como o lugar na gramática em que localizamos variação; e *variantes* enquanto formas individuais que disputam pela expressão da variável. Ao longo de uma dimensão contínua, Camacho (2012, p. 62) ressalta que “as variantes, são determinadas por uma ou mais variáveis independentes, de natureza linguística ou extralinguística”.

Diante dos pressupostos apresentados, o foco deste estudo é a variação. Nesse contexto, nos propomos a mostrar como se dá a ocorrência de variáveis fonético-fonológicas, bem como

a pronúncia de variantes para um mesmo referente na Libras. A isto denominamos de variação lexical. Para a sociolinguística, não existe falante/sinalizante que se expressa do mesmo modo. No Brasil, os estudos de Xavier (2014) destacam a ocorrência da variação fonológica em decorrência do modo de articulação, a alternância no número de articuladores e a variação na produção dos sinais. Nessa perspectiva, Machado e Weininger (2018) confirmam a ocorrência de variações queréticas¹⁶ e querológicas¹⁷, organizadas com base nos parâmetros estruturantes que compõem o sinal. As autoras enfatizam que a variação querética analisa os traços que compõem os parâmetros, e a querologia é responsável em verificar como as formas se agrupam na formação de unidades mínimas de significados (queremas), bem como as variações identificadas nos sinais.

Esta discussão segue fundamentada nos pressupostos da sociolinguística, a qual compreende que a variação pode ocorrer entre sinalizantes (intersujeito) ou até mesmo por um mesmo sinalizante (intrasujeito) de uma dada comunidade. Contudo, pode estar condicionada por diversos fatores, seja regional, social, cultural, de gênero, grau de escolaridade, entre outros.

Partindo dos estudos preliminares de Xavier (2014), as unidades contrativas se opõem na semelhança. Porém, quando usadas em um mesmo contexto não se opõe ao significado, visto que há uma variação na pronúncia dos sinais. Nesse contexto, Xavier e Barbosa (2014) exibem a variação dos parâmetros fonético-fonológicos (CM, MO, PA, Or) intersujeito, e a complexidade linguística na articulação dos sinais.

Entre os sinais realizados conforme as situações propostas, os pesquisadores notaram a variação com diferentes configurações de mãos. Quanto ao parâmetro locação, foi verificada tanto a articulação em pontos, quanto na região central da testa, na extremidade lateral da face (ipsilateral). Também foram identificados sinais com locação intermediária articulados em pontos locativos mais alto (testa) e outros em pontos mais baixos (têmpora, bochechas). Em relação ao parâmetro movimento, este demonstrou padrões, como a possibilidade de realizar certos sinais *sem* ou *com* movimento, a exemplo do sinal do numeral OITO. Ressaltamos que, nesse caso, os pesquisadores ressaltam “o sinal OITO com movimento foi uma introdução dos ouvintes (professores, fonoaudiólogos), a fim de diferenciá-lo do sinal homônimo LETRA-S” (XAVIER; BARBOSA, 2014, p. 398). É também identificada por eles a ocorrência da articulação de um mesmo sinal com movimentos diferentes.

¹⁶ Querética: termo adotado por Machado e Weininger (2018) para se referir à fonética das línguas de sinais.

¹⁷ Querológico: termo adotado por Machado e Weininger (2018) para referir-se à fonologia das línguas de sinais.

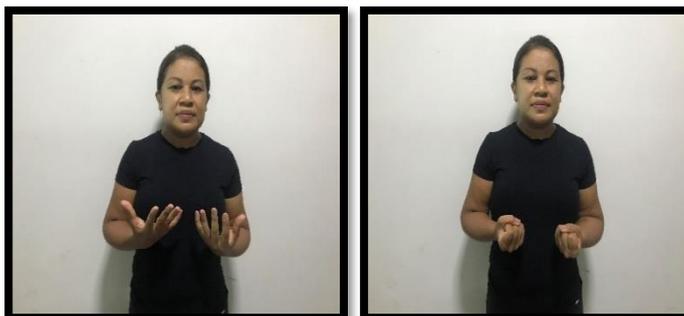
Em relação à variação no parâmetro orientação da palma da mão, a sua confirmação deu-se em sua direcionalidade. Assim, para exemplificar, são mencionados pelos autores alguns sinais, tal como o sinal PROIBIDO e suas variações palma e indicador para diagonal; e outros, palma para baixo e indicador para diagonal, palmas orientadas para dentro e indicador apontado para o lado. A marcação não-manual foi identificada nos sinais propostos, a exemplo, o sinal ALTO, com manifestações o olhar para cima; outros, não; a boca aberta ou não; a cabeça voltada para o lado, outros não; olhos arregalados, outros não. Em conformidade com os autores nem sempre a marcação não-manual é realizada durante a articulação de alguns sinais.

Para reforçar essa discussão, Machado (2016) diz que o sinal pode variar o movimento conforme a intenção do interlocutor, o que pode gerar uma mudança na construção do sinal ou da sentença. Os padrões de variações verificados mostraram que o parâmetro direcionalidade, ou orientação da palma, consiste em mostrar se a palma da mão está para o lado, para frente, para dentro, para cima, para baixo, ou na diagonal ao ser realizado o sinal. As expressões não-manuais consistem na exibição ou não de alguma manifestação facial. Para a pesquisadora, a variação fonético-fonológica na Libras agrupa sinalizantes que compartilham as mesmas regras da língua de produção do sinal, porém, distintos no modo de sinalizar.

Outras formas de variação fonético-fonológica mencionada por Xavier e Barbosa (2014) é a ocorrência da variação conforme o número de mãos. Nesse caso, o sinal simétrico (ambas as mãos possuem configurações semelhantes e movimento simultâneo). Porém, devido aos fatores extralinguísticos (a informalidade, o cansaço, a indisponibilidade de uma das mãos), o sinal é realizado só com uma mão, o que, conseqüentemente, resulta em uma variação, mas não sofre alteração no seu significado.

A figura 21 apresenta o sinal ACEITAR realizado com a duplicação das mãos, ambas configuradas do mesmo modo. A figura 22 apresenta o mesmo sinal ACEITAR realizado com a mão unificada. É possível notar a ocorrência da variação atrelada a alguns dos fatores supracitados.

Figura 21 – Sinal ACEITAR com a mão duplicada



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

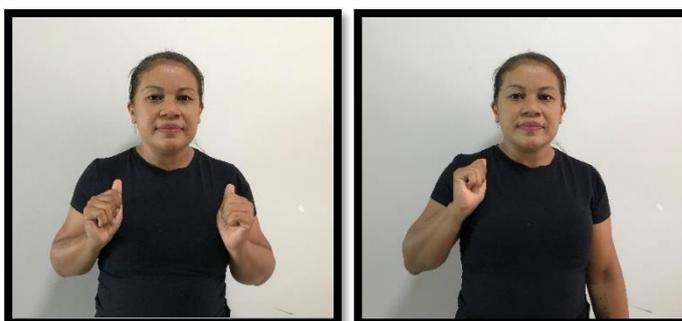
Figura 22 – Sinal ACEITAR com a mão unificada



Fonte: autora da pesquisa (2023)

Ao contrário dessa condição, o autor enfatiza sobre a existência de sinais simétricos que, ao serem produzidos apenas com uma das mãos, resultam num significado distinto. Nesse caso, a variação ocorre na cadeia semântica. A Figura 23 apresenta o sinal MOCHILA realizado com a duplicação das mãos, e sua variação BOLSA, quando ocorre a unificação das mãos.

Figura 23 – Variação conforme o número de mão



Fonte: Autora da pesquisa (2023).

Com base nos pressupostos discutidos, reiteramos que os parâmetros (CM, PA, MO, Or e ENM) são unidades mínimas distintivas concebidas como estruturas linguísticas decisivas na identificação da variação fonético-fonológica. Com essa discussão e análise, esperamos que o

resultado desta pesquisa possa retratar a complexidade dos fenômenos linguísticos da Libras, para que os envolvidos nesta área possam compreender as manifestações da Libras nas suas diversas formas.

Sobre a variação lexical, os estudos confirmam que, em um sistema linguístico, é possível encontrar diferentes formas e modos de utilização para um mesmo referente, o que se caracteriza por variação linguística na Libras. Segundo Labov (2008, p. 221), “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa” (grifo do autor). Então, quando nos propomos a estudar a variação lexical, é fundamental termos em mente que, independentemente da modalidade da língua, existem possibilidades de mais de uma pronúncia para um mesmo referente.

Nesse âmbito, a variação lexical na Libras geralmente é definida pelas diferentes formas de sinalização utilizadas para um mesmo referente, identificada em uma dada comunidade, localidade, região. Neste estudo, fundamentadas nos postulados da sociolinguística, propomos avançarmos com as discussões sobre a variação fonético-fonológica, preliminarmente apresentado por Xavier (2014), considerando a ocorrência da variação lexical. Cientes que esta é uma tarefa desafiadora, adotamos sociolinguístico para trabalhar com dados reais da língua, produzidos pelos nativos de uma comunidade.

Com base em Coelho *et al* (2018), a variação fonético-fonológica é condicionada por fatores internos (próprios da língua) e externos (fatores sociais – idade, gênero, grau de escolaridade, etnia, entre outros). Assim, a variação lexical está condicionada aos fatores extralinguísticos de ordem sociocultural, etnográfico e histórico. Em vista disso, os seus aspectos são considerados menos sistematizáveis. Neste estudo, em que os sinais advêm de origem local, inferimos que a variação lexical está ligada a fatores extralinguístico de ordem sociocultural, como maior tempo de vivência na comunidade surda, ou não, e o contato com os pares de outras regiões. De tal modo, a ocorrência de variação lexical demonstra a vivacidade da língua e sua evolução, assim como as peculiaridades inerentes à comunidade à qual pertence.

O estudo de Vargas (2018, p. 55) é favorável para a compreensão de que, no domínio do léxico de uma língua, “estão as imagens que os falantes têm do mundo e das relações sócio-histórico-culturais estabelecidas entre os usuários da língua – seja língua oral, seja língua de sinais (visuais-espaciais)”. Diante disso, inferimos que o acervo lexical de uma língua contém peculiaridades individual e coletiva, de âmbito regional, local, social, estilística que definem sua heterogeneidade.

Calvet (2002) confirma que o contato entre os usuários de uma língua que convivem por certo tempo em um determinado local pode influenciar os falantes de outra língua, sendo a interferência lexical a mais habitual. Do ponto de vista sociolinguístico, Coelho (2018, p. 52) menciona que os aspectos lexicais estão intimamente ligados a fatores extralinguísticos de caráter cultural, sobretudo etnográficos e históricos. Contudo, não existe variedade linguística melhor ou mais correta, as variantes decorrem de um ambiente linguístico, que

(...) podem ser de origem geográfica, por ocorrer em diferentes regiões que se usa a mesma língua, temporal, quando duas variantes concorrem por um certo período de tempo, até que uma forma se fixe como preferida, e de discurso, quando a variação decorre da sintonia comunicativa (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 74).

Geograficamente, as comunidades linguísticas são evidenciadas pelos diferentes modos de pronúncia de um mesmo referente. Assim, Cruz (2020, p. 29) corrobora que “essas manifestações podem ser entendidas e distribuídas em um plano horizontal, em que há diferentes falares locais, pontuados geograficamente, permeados por uma linguagem comum que é compreendida e aceita pelas diferenças regionais”. Reiteramos que abordar estudos sobre os aspectos gramaticais da Língua Brasileira de Sinais exige a compreensão da língua como um sistema linguístico autônomo e heterogêneo. A compreensão da variação linguística é fundamental, pois revela formas variáveis de sinalizações e as especificidades de uma língua visual-espacial, como a Libras. Os aspectos mencionados acima instigaram a investigação do presente fenômeno na comunidade surda de Imperatriz/MA.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo expomos o percurso metodológico e as escolhas tomadas em relação ao levantamento dos dados e à análise da variação fonológica e lexical em Libras, manifestada na sinalização dos espaços de lazer e turismo da cidade de Imperatriz/MA, decorrente da comunicação de sinalizantes surdos pertencentes a essa comunidade. Apresentamos uma Ficha Lexicográfica-Toponímica para colocação das informações dos topônimos. Para a obtenção dos dados, foram construídas as seguintes etapas: (i) pressupostos metodológicos, (ii) a seleção dos topônimos em LP; (iii) a confirmação dos sinais em Libras; (iv) apresentação dos dados (v) análise e discussão.

3.1 Os pressupostos metodológicos

Em termos metodológicos, “é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo que serve de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados” (LAKATOS, 2003, p. 224). Este estudo, portanto, está focado em *Variação Linguística*, com abordagem predominantemente qualitativa. De acordo com Creswell (2010), o objetivo de uma pesquisa qualitativa é entender determinada situação e o significado que o indivíduo ou grupo atribui a uma questão social ou humana. Pesquisas dessa natureza requerem que o pesquisador adentre no mundo dos participantes e, através da interação, busque perspectivas e significados, uma vez que correspondem motivações, atitudes, crenças, valores, fenômenos que não podem ser quantificáveis.

Quanto aos procedimentos, o estudo é de cunho etnográfico, mais especificamente autoetnográfico. De acordo com Magalhães (2018, p. 17), fundamentada em Goldschmidt (1977), “de certo modo, toda etnografia é autoetnografia”, na medida em que pressupõe envolvimento pessoal e um tipo específico de análise”. Para Santos (2018), a autoetnografia permite a transposição de experiências pessoais e práticas culturais construídas ao longo de uma trajetória, para estudo em questão. Assim, o envolvimento pessoal em um tipo específico de análise requer uma profunda imersão na realidade do outro, compreensão, e uma cuidadosa autorreflexão para entender os valores, os aspectos socioculturais do grupo, de modo que se condense a perspectiva almejada em relação ao objeto pesquisado.

Segundo Santos Boaventura (2008, p. 83), “a ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real”. À face do

exposto, este estudo é decorrente da imersão e de observação participante na comunidade surda, feita intencional para este estudo. Oliveira (2018, p. 40), fundamentado em Becher (2008), diz que, a observação participante consiste em “observar um dado grupo ‘*em seu hábitat*’, para conhecer seus membros a partir de uma perspectiva interna” (grifos do autor). Na qualidade de membro da comunidade pesquisada, corroboro Santos Boaventura (2008, p. 83), quando afirma que, “todo conhecimento científico é autoconhecimento”. Nessa perspectiva, detenho de observações e interações com os participantes deste estudo para confirmação dos sinais catalogados.

Conforme Cruz (2020, p. 47), “o pesquisador (e participante), ao interagir com o grupo, contribui com o processo de enunciação dos sujeitos”. O foco da pesquisa é a língua, constituída a partir da circulação de uma língua de modalidade visual-espacial e de registro específico, a Libras. O ingresso na comunidade se deu por motivos diversos, momento considerado de imersão em um universo diferente. A relação direta com o grupo foi favorável ao conhecimento e ao aprendizado da Libras, como, também, conhecer e vivenciar experiências culturais próprias do grupo que, para este estudo, foram imprescindíveis.

Assim, enquanto integrante da comunidade surda de Imperatriz (MA) e pesquisadora deste estudo, o intuito é verificar a variação fonológica e a variação lexical a partir da articulação dos sinais toponímicos de espaços de lazer e turismo locais. Para isso, buscamos um grupo de integrantes surdos da comunidade local, para confirmação dos sinais toponímicos.

A opção dos sinais dessa natureza se deu pela escassez de registro de sinais locais, especificamente os sinais dos espaços selecionados para a finalidade mencionada. O único registro toponímico em Libras, referente a esse tipo de sinais, foi abordado por Silva *et al* (2022), como proposta de aplicação pedagógica de L1 e L2 para surdos, o qual também serviu como fonte de dados para esta pesquisa.

Para considerar a variação linguística assumida pelos pares surdos, tivemos acesso à compreensão de um sistema linguístico heterogêneo e à variação enquanto fenômeno regular do sistema. Nesse contexto, atentamo-nos para as variações dos sinais toponímicos dos espaços de lazer e turismo realizadas intersujeitos, articuladas individualmente em contato com os participantes, para fins deste estudo. Reforçamos que todo percurso investigativo e, sobretudo, a reprodução dos sinais foram realizados com base nos aspectos línguocultural da língua de modalidade visual-espacial. Nessa perspectiva, na próxima seção trazemos a explanação do processo de seleção dos topônimos que investigados.

3.2 A seleção dos topônimos

Para a seleção dos topônimos, foi usada a obra intitulada *Imperatriz, cidade da gente* (IMPERATRIZ, ANO) O livro retrata aspectos históricos, geográficos, culturais, bem como atualidades da localidade e de seus povos. De acordo com Santos *et al* (2020), a cidade de Imperatriz está situada na região Nordeste do Brasil, localizada na porção sudoeste do Estado do Maranhão, à margem direita do rio Tocantins. Em relação à sua atual divisão regional, e com base nos dados do IBGE (2017), Imperatriz é uma das cidades maranhenses que concentra maior diversidade de atividades econômicas e apresenta modernidade em infraestrutura de transporte e comunicações (SANTOS *et al.*, 2020).

No momento em que se fala de uma localidade, fala-se de um povo que tem raízes, história e cultura. Santos *et al.* (2021) concebem que a cultura de Imperatriz é fundamentada em diversas tradições, valores e na história do seu povo, testemunhos que foram construídos, validados e transformados em memória individual e coletiva. Ao se falar de memória, os lugares são artefatos culturais significativos de ordem física, tido como patrimônio da comunidade habitável. Sobre os espaços de lazer e turismo, Santos *et al.* (2021) buscam a Constituição brasileira de 1988, em seu artigo 6º, constando que

(...) o lazer está inserido como um direito social, sendo uma obrigatoriedade de o Poder Público garantir espaços públicos livres para as pessoas deles usufruírem, por ser uma atividade considerada importante, que ajuda a promover o bem-estar físico e psíquico das pessoas (BRASIL, 1988, s./p.).

Desse modo, confere que o lazer é uma atividade legalmente assegurada ao ser humano, e uma obrigatoriedade do poder público. Imperatriz dispõe de alguns lugares públicos e privados designados à prática de lazer e turismo. Espaços *públicos*: (as praças, beira-rio, praias, complexo esportivo, entre outros); Espaços *privados*: (shoppings, clubes e parques). A obra *Imperatriz, cidade da gente* (IMPERATRIZ, 2020) destaca algumas das atividades para tal finalidade. A coleção é composta por dois exemplares, um para o ensino fundamental I, anos iniciais, e outro para o ensino fundamental II, anos finais. A obra é exclusiva do município de Imperatriz.

Para este estudo, utilizamos a obra destinada aos anos finais. O exemplar, apresenta sujeitos, fatos históricos, geográficos e a dinâmica da contemporaneidade desta cidade. É um material atualizado, qualificado para fim didático nas escolas municipais. Este estudo está centrado na unidade cinco do volume, que tem como eixo principal os espaços de lazer e

turismo. A obra contém várias localidades de lazer e turismo e grande parte está representada mediante o uso de imagens coloridas, juntamente com breve contexto histórico, memória e atualidades.

O levantamento feito na obra resultou em trinta e um topônimos de espaços de lazer e turismo. Contudo, para esta proposta, foram feitos alguns recortes, como a anotação somente dos espaços que foram identificados nomeação em Libras pelos participantes do estudo, bem como o tempo que nos restava para a finalização do mestrado. Foram realizadas análises em onze sinais toponímicos, conforme elencado no quadro abaixo. A organização do quadro segue a ordem sequencial dos topônimos, baseada na referida obra. Os critérios apresentados no quadro são: o nome dos topônimos, em Língua Portuguesa, a página do livro didático.

Quadro 3 – Relação dos topônimos

Ordem	Topônimo	Página
01	Praia do Cacau	177
02	Beira Rio	179
03	Praça da Cultura	182
04	Praça Mané Garrincha	184
05	Praça Brasil	185
06	Imperial Shopping	188
07	Tocantins Shopping	188
08	Complexo Esportivo Barjonas Lobão	190
09	Teatro Municipal Ferreira Gullar	194
10	Freitas Park	195
11	Centro de Convenções	204

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Na obra, os topônimos estão organizados em sete eixos, assim como mostra a classificação abaixo dos onze topônimos que fazem parte do *corpus* deste estudo:

1. Rio Tocantins (Praia do Cacau, Beira-Rio);
2. Praças (da Cultura, Mané Garrincha e Brasil);
3. Shoppings Centers (Imperial, Tocantins);
4. Clubes e Parque Aquático (Freitas Park)

5. Esportes (Complexo Esportivo Barjonas Lobão);
6. Cultura (Teatro Municipal Ferreira Gullar);
7. Espaços de Cultura, Festas e Eventos (Centro de Convenções)

Assim, o *corpus* linguístico deste estudo está formado por onze topônimos referentes aos espaços de lazer e turismo da cidade de Imperatriz/MA, construídos a partir do referido livro didático. Após a identificação dos topônimos, foi iniciada a construção e registro dos respectivos sinais toponímicos em Libras, em contato individualmente com os participantes junto à comunidade surda.

3.3 A coleta e registro dos sinais

Consideramos que o início da construção e registro dos dados, de certa forma, começaram bem antes desta pesquisa, devido à minha vivência e contato com os surdos da comunidade local. Contudo, a anotação dos sinais foi iniciada, oficialmente, em junho de 2021, quando cursava a disciplina Léxico, Cultura e Ensino, do Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Nesse período, desenvolvemos um artigo sobre a motivação e nomeação em Libras dos espaços mencionados, e a aplicação dos resultados no ensino de surdos. Santos (2018, p. 228), corrobora que, em coleta dessa natureza, “as palavras, pensamentos e sentimentos do pesquisador também são parte do processo interativo”. Podemos dizer, que o referido trabalho serviu de base para este estudo. Contudo, como a vertente de investigação é a variação linguística, neste estudo houve a necessidade de uma nova confirmação dos sinais e um número maior de participantes.

A identificação da variação linguística foi a etapa fundamental para a realização desta pesquisa. Tratou-se, portanto, de uma etapa bastante complexa. Corroborando Santos (2018, inserir página), a autoetnografia é um método sublime para a construção dos dados e à caracterização do objeto de estudo, mas exige do pesquisador a recomposição, “a vigilância, compreensão e autorreflexão para explorar tal fenômeno linguístico e replicá-los”. Santos (2018) ainda expressa, que na investigação autoetnográfica, “a reflexividade assume um papel importantíssimo, haja vista que impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador”. Em se tratando da língua de sinais, é natural que seus usuários configurem a sinalização de acordo com suas necessidades comunicativas, como também para a nomeação

de espaços como os deste estudo. Desse modo, para a confirmação dos sinais dos topônimos espaços de lazer e turismos de Imperatriz/MA, buscamos por pessoas surdas da comunidade local, usuários da Língua Brasileira de Sinais.

3.4 Os participantes

Para a confirmação dos sinais, formamos um grupo com oito participantes surdos da comunidade de Imperatriz/MA. Para tal propósito, deixamos explícito que a participação seria de forma voluntária, mediante a elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante, contendo todas as informações sobre a pesquisa, riscos, benefícios e garantias, o qual foi lido, sinalizado em Libras, pela pesquisadora. Após sua leitura, foi devidamente assinado por cada participante. A construção dos dados deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas, sinalizadas em Libras pela pesquisadora, realizadas informalmente sem um roteiro planejado e aplicadas de forma individual e presencial.

Os dados coletados foram utilizados exclusivamente para fins deste estudo. Em razão da especificidade visual dos participantes, foi utilizado o uso de imagens representativas dos topônimos. Em conformidade com Strobel (2018), em decorrência da falta de audição, o sujeito surdo percebe o mundo através dos olhos. Durante a entrevista, foi utilizado o aparelho celular para registro em vídeos dos sinais indicados (topônimos de espaço de lazer e turismo), que serviram de fonte para a descrição de tais proposições.

Dos oito participantes, quatro são do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com faixa etária entre 25 e 45 anos. Em relação ao nível de escolaridade, seis sujeitos possuem nível superior, dois possuem ensino médio (completo). Quanto à ocupação, as quatro mulheres exercem a função de professoras de Libras e os quatro participantes do sexo masculino ocupam atividades diversas, como repositor de loja, cuidador e instrutor de Libras. Algo comum entre eles é que todos são filhos de pais ouvintes e não sinalizadores. Em vista disso, o primeiro contato com a Libras aconteceu entre 6 e 15 anos de idade, quando iniciaram a trajetória escolar, quando tiveram contato com pares surdos e professores sinalizantes. Todos os participantes apresentaram fluência em Libras.

3.5 Apresentação dos dados

Coletados os sinais, e tomados para a descrição, apresentação dos Topônimos e escopo para a análise dos dados, foi elaborada uma Ficha Lexicográfica-Toponímica para cada sinal. Os aspectos aqui definidos remetem à descrição que perpassam por algumas das categorias gramaticais da Libras, próprias para a formação desses sinais

O quadro 4, apresenta as informações da Ficha Lexicográfica-Toponímica, baseada na proposta de Dick (1990), Sousa e Quadros (2019); Cruz (2020) e Silva *et al.*, (2021).

Quadro 4 – Informações da Ficha Lexicográfica -Toponímica

- 1. Ficha** - neste item, apresento a sequência numérica da ficha.
- 2. Localização** - localidade do topônimo.
- 3. Tipo de acidente geográfico** - apresento se o acidente é natural ou físico.
- 4. Imagem do Topônimo** - neste item, apresento a imagem colorida do topônimo para que o leitor aprecie visualmente o espaço.
- 5. Sinal-Topônimo** - neste item, apresento a imagem do sinal realizado pela pesquisadora para remeter ao leitor e sua forma de articulação na comunidade surda. Disponibilizo, também, o QRcode de acesso ao vídeo dos sinais na Plataforma *YouTube*.
- 6. Descrição fonético-fonológica do sinal** - neste item, apresento uma descrição dos parâmetros articulatórios, configuração de mão, ponto de articulação, movimento e orientação da palma da mão
- 7. Descrição Morfológica** - neste item, apresento se o sinal é simples (apresenta uma unidade lexical), ou composto (resultado de duas ou mais unidades lexicais), e sua categoria¹⁸ (híbrido, inicializado, nativo ou soletrado).
- 8. Contexto motivacional** – neste item apresento a motivação do sinal.
- 9. Variação fonético-fonológica e lexical** - neste item, apresento as variações fonológicas identificadas entre os participantes e se há variação lexical do sinal.
- 10. Fonte:** bibliográfica ou humana.
- 11. Pesquisador** - nome do pesquisador responsável pela pesquisa.

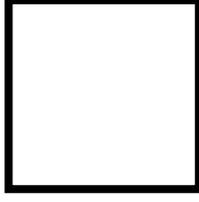
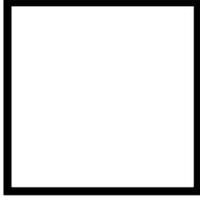
Fonte: Baseado em Cruz (2020) e Silva *et al.* (2021).

¹⁸ Os sinais Inicializados são aqueles cuja forma remete à letra do alfabeto e à grafia do nome na LP. Os sinais Nativos são os considerados puros, formados por parâmetros da Libras; os sinais Soletrados são oriundos da soletração do nome na LP (MIRANDA, 2020).

A partir das anotações e validação dos sinais, seguimos para a catalogação na Ficha Lexicográfica-Toponímica. Para a análise da variação fonético-fonológica e lexical, destacamos outros aspectos e categorias de análise que são apresentadas mais adiante.

O Quadro 5 apresenta uma Ficha Lexicográfica-Toponímica, composta com as referidas informações determinadas no quadro 4.

Quadro 5 – Ficha Lexicográfica-Toponímica

FICHA: 01	LOCALIZAÇÃO: Imperatriz (MA)	TIPO DE ACIDENTE: Físico		
TOPÔNIMO EM LP: Beira-Rio		TOPÔNIMO EM LIBRAS: Imagem do Sinal	QRcode	
				
				
ESTRUTURA FONOLÓGICA: (CMs) palma aberta, dedo polegar fletido, equivalente a LETRA-B; (MO) ondulado; (PA) frente ao corpo; (Or) palma da mão dominante - para baixo, mão não dominante - para a esquerda				
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: simples híbrido, inicializado.				
CONTEXTO MOTIVACIONAL: o Rio Tocantins				
VARIÇÃO FONÉTICO- FONOLÓGICA				
Varição 1	Varição 2	Varição 3	Varição 4	Varição 5
				
VARIÇÃO LEXICAL: O sinal não apresentou variação lexical.				
FONTE	Humana	PESQUISADORA: Aleilde Tavares da Silva		

Fonte: Baseado em Silva *et al* (2021)

Neste capítulo apresentei os procedimentos metodológicos deste estudo relacionados ao levantamento, anotações, apresentação dos dados de sinais dos espaços de lazer e turismo da cidade de Imperatriz/MA. A catalogação dos dados se deu a partir de uma a Ficha Lexicográfica-Toponímica, e o registro desses dados ocorreu em vídeos veiculados, por meio

de Plataforma no *YouTube*. No próximo capítulo, apresentamos a análise, os resultados e a estratégia de divulgação.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise e discussão dos dados. Ao considerar a variação linguística na Língua Brasileira de Sinais para este estudo, optamos por selecionar dois níveis de análises para o estudo da variação linguística: 1) a variação fonético-fonológica; 2) e a variação lexical. Assim, construímos as seguintes categorias que descrevem respectivamente: (i) Os topônimos e a ocorrência de variação fonológica da Libras, na comunidade surda de Imperatriz/MA; e (ii) A ocorrência de variação lexical da Libras, para os topônimos da mesma cidade.

4.1 Características e delimitação das análises

Para efetivação da análise de natureza qualitativa e descritiva da variação fonológica e lexical, feitas com base nos construtos da sociolinguística, optamos, como objeto de análise, pelo conjunto de sinais locais, dos topônimos espaços de lazer e turismo que, após observações, anotações e registros, utilizamos da nossa própria imagem para a sua reprodução em vídeos. Todas as exibições foram realizadas com bastante atenção para que não houvesse perdas das particularidades da língua e da forma como foi articulada pelos participantes surdos durante a enunciação autêntica dos sinais. Outro aspecto favorável à pesquisa foi nossa experiência linguística com a língua dos participantes.

A utilização das imagens e dos vídeos são formas visuais de demonstração da língua. O vídeo contempla a especificidade das línguas de sinais (PELUSO, 2018). Além do mais, atende à especificidade visual do sujeito surdo, torna favorável a compreensão, estabelece parencças com o real, e as nuances dos parâmetros articulados na constituição do sinal. Nesse âmbito, excluimos a ideia de análise com base na língua oral e focamos na análise de língua de modalidade visual-espacial, com base nos parâmetros (CM, PA, MO, Or, ENM).

A análise dos sinais está dividida em duas categorias: (i) trata da análise da variação fonética-fonológica dos sinais propostos manifestados entre sujeitos de mesma comunidade; e (ii) e à análise da variação lexical, a fim de validar a presença de variantes para um mesmo referente em uma comunidade local, e a forma utilizada pela maioria do grupo.

Para facilitar a descrição dos dados e a identificação das variáveis, este estudo segue fundamentado os pressupostos de Coelho *et al* (2018), Campello (2011), Xavier (2012) à luz

do modelo de análise de Liddell e Johnson (1989), Xavier e Barbosa (2014), Castro Júnior (2011) e Vargas (2018).

4.2 Análise dos dados

Neste campo, apresento os sinais dos onze topônimos de espaços de lazer e turismo de Imperatriz/MA, selecionados para análise. Sua organização se deu conforme os sete eixos (pág. 60) deste estudo. Cada eixo seguirá com a apresentação da denominação do topônimo em Libras, e as variações identificadas na sinalização dos participantes. Apesar da aparência em algumas pronúncias, é evidente, nas sinalizações dos participantes, que os parâmetros configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão expressões não-manuais, apresentam variáveis que os diferem.

Para análise dos dados, o procedimento utilizado foi a leitura dos vídeos referentes à participação de cada integrante, bem como as anotações. Em todas as análises, os vídeos foram lidos pausadamente e revisados por várias vezes, até chegar à compreensão das variáveis. Ressaltamos que, no corpo deste estudo, a exposição dos QRcodes dos vídeos dos sinais, referentes à participação de cada sujeito, foi descartada naqueles em que as variáveis mais se diferenciam. Contudo, a análise foi realizada com base na sinalização dos oito participantes.

As Figuras 24 e 25 apresentam os componentes do eixo 1 – Rio Tocantins: BEIRA-RIO e PRAIA DO CACAU, como pode ser observado a seguir.

Figura 24 – Sinal em Libras BEIRA-RIO e variações



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

No sinal BEIRA-RIO, a variação foi precisamente identificada na articulação do parâmetro configuração de mão e movimento. Com base nos vídeos acima, no sinal **BEIRA-RIO (variação 1)**, a mão dominante e a mão não dominante são pronunciadas em palmas abertas, polegares distendidos; movimento ondulatório da mão, movimento interno dos dedos (indicador, médio, anela e mínimo), rápido, repetido (duas vezes).

BEIRA RIO (variação 2), a mão dominante e a mão não dominante estão com palma aberta, o polegar fletido em contato com a palma da mão; movimento ondulatório da mão dominante, movimento interno angular dos dedos (indicador, médio, anelar e mínimo), repetido (duas vezes).

BEIRA RIO (variação 3), a mão dominante e a mão não dominante são configuradas em palmas abertas, o polegar fletido, sem contato na palma da mão; o movimento é ondulatório sem movimento interno dos dedos, repetido (duas vezes).

BEIRA RIO (variação 4), a mão dominante está com palma aberta, polegar estendido, mão não dominante, dedo fletido em contato com a palma da mão; movimento ondulatório da mão, com duas repetições.

BEIRA RIO (variação 5), a mão dominante é configurada em palma aberta e dedo polegar fletido em contato com a palma da mão, a mão não dominante é articulada em palma aberta com o polegar distendido; o movimento da mão dominante é ondulatório, com um leve movimento específico dos dedos, repetido (duas vezes).

Figura 25 – Sinal em Libras PRAIA DO CACAU e variações



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

No sinal PRAIA DO CACAU, a variação foi precisamente identificada na articulação do parâmetro movimento, sendo também, verificada a ocorrência de uma variável do parâmetro ponto de articulação, especificamente na posição da mão. Com base nos vídeos acima, o sinal, **PRAIA DO CACAU (variação 1)**, movimento ondulatório unidirecional, braço flexionado, com extensão e tamborilar dos dedos, desvio ulnar, simples (sem repetição).

PRAIA DO CACAU (variação 2), nessa pronúncia há um processo de composição, PRAIA + PRAIA DO CACAU. Assumindo a descrição do movimento da denominação PRAIA DO CACAU, este é ondulatório bidirecional, braço flexionado, dedos com extensão e movimento tamborilar rápido, repetido (três vezes), desvio ulnar e radial.

PRAIA DO CACAU (variação 3), conforme a pronúncia há ocorrência da variação no ponto de articulação, especificamente a posição da mão dominante, posicionada abaixo da mão não dominante. O movimento ondulado, bidirecional, braço flexionado, dedos estendidos, tamborilar médio dos dedos, desvio ulnar e radial, reduzido, com três repetições.

PRAIA DO CACAU (variação 4), é uma variável composta, PRAIA DO CACAU + PRAIA, a denominação possui movimentos ondulatório, tamborilar rápido dos dedos, repetido (duas vezes), próximo ao polegar da mão não dominante, desvio ulnar e radial. Em relação à ordem da composição, o sinal apresenta variáveis, em comparação ao sinal (variação 2), PRAIA+ PRAIA DO CACAU, havendo uma alternância na ordem de composição.

PRAIA DO CACAU (variação 5), movimento ondulado bidirecional, tamborilar leve dos dedos, duas repetições, desvio ulnar e radial.

Em relação ao sinal PRAIA DO CACAU, verificamos que a variação é notória no parâmetro movimento. Além disso, não há um padrão em relação ao número de repetição do movimento. Dentre as cinco pronúncias discriminadas neste estudo, as variáveis apresentam, duas pronúncias, três repetições do movimento, duas pronúncias duas repetições e uma pronúncia sem repetição.

As Figuras 26, 27 e 28 apresentam os componentes do eixo 2 – Praças. PRAÇA BRASIL, PRAÇA DA CULTURA, PRAÇA MANÉ GARRINCHA.

Figura 26 – Sinal em Libras PRAÇA BRASIL e variações



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

O sinal PRAÇA BRASIL possui composição composta, PRAÇA + BRASIL. Conforme as pronúncias, notamos sete variações, expressivamente nos parâmetros configuração de mão e movimento. **Varição 1**, o sinal PRAÇA possui configuração inicializada em LETRA-P, movimento circundado, rotação rápida da esquerda para direita; o ponto de articulação principal é o braço, e o ponto específico é a região cubital do braço (sem toque nessa região), finalizado com uma suspensão. O segundo componente é o sinal (BRASIL), este é pronunciado em palma aberta, dedo polegar levemente fletido; o movimento é sinuoso (curvas profundas) plano vertical, iniciado um pouco acima da altura da testa e finalizado na região central do tórax, sem repetição.

Varição 2, o sinal PRAÇA é pronunciado com configuração de mão inicializada em LETRA-P, ponto de articulação principal, o ponto específico é a região cubital do braço; com movimento circular, acelerado, rotação da esquerda para a direita, repetido duas vezes. No componente (BRASIL), a pronúncia ocorre em palma aberta, polegar fletido; o movimento é sinuoso (curvas profundas), acelerado, plano vertical, iniciado acima da altura da testa e finalizado no ponto abaixo do peito.

Varição 3, o componente (PRAÇA) possui configuração inicializada em LETRA-P; movimento circular, rotação para à direita, três repetições; ponto de articulação principal, o

braço, ponto específico, o antebraço, finalizado com uma suspensão. O componente, BRASIL possui configuração de mão palma aberta dedo polegar achatado; o movimento, é sinuoso (curvas rasas), plano vertical; iniciado à altura da testa e finalizado na região central do tórax.

Varição 4, o sinal PRAÇA apresenta configuração de mão inicializada em LETRA-P; movimento circular, acelerado, sem repetição, rotação da direita para à esquerda, finalizado com uma suspensão. O sinal BRASIL, é pronunciado em palma aberta, dedo polegar fletido, movimento sinuoso (curvas rasas), acelerado, plano vertical, iniciado à altura da testa e finalizado na região central do tórax.

Varição 5, o sinal PRAÇA é pronunciado inicializado em LETRA-P, movimento circular, acelerado, sem repetição, da esquerda para a direita, finalizado com toque no ponto específico, região cubital do braço. O sinal BRASIL é pronunciado em palma aberta, dedo polegar fletido, movimento sinuoso (curvas rasas), plano vertical iniciado à altura da testa e finalizado na região central do tórax.

Varição 6, o sinal PRAÇA possui pronúncia inicializada em LETRA-P, movimento circular acelerado repetido duas vezes, ponto de articulação principal o braço, ponto específico o antebraço, finalizado com uma suspensão. O sinal BRASIL é pronunciado em palma aberta, dedo polegar fletido, movimento sinuoso (curvas profundas) acelerado, iniciado um pouco mais alto que à altura da testa e finalizado na região central do peito.

Varição 7, esta é uma variante do sinal PRAÇA BRASIL, é um sinal nativo, configurado em palmas das mãos fechadas, movimento da mão dominante retilíneo, plano diagonal, finalizado com o braço flexionado em L. direcionado para cima. A mão não dominante permanece estável em contato com a região lateral da cintura.

Figura 27 – Sinal em Libras PRAÇA DA CULTURA e variações



Fonte: autora da pesquisa (2023)

O sinal **PRAÇA DA CULTURA (Variação 1)**, a mão dominante é configurada em LETRA-C, o braço é posicionado sob a mão não dominante, ð em plano vertical, iniciando com uma suspensão; o movimento de rotação rápida do pulso, repetido três vezes, oscilação da orientação, sendo finalizado com uma suspensão, havendo uma suspensão + movimento + suspensão. A mão não dominante é configurada em palma fechada, no plano horizontal, na qual, a região das juntas proximal faz contato com a região cubital do braço da mão dominante.

Variação 2, a mão dominante é configurada em LETRA-C, o braço é posicionado sob a mão não dominante, em plano vertical, iniciando com uma suspensão; movimento de rotação rápida do pulso, repetido quatro vezes, oscilação da orientação e finalizado com uma suspensão, havendo uma suspensão + movimento + suspensão. A mão não dominante é configurada em palma fechada, dedo indicador distendido, plano horizontal, servindo de base para o a mão não dominante.

Variação 3, apresenta uma composição PRAÇA + PRAÇA DA CULTURA, o sinal PRAÇA apresenta configuração inicializada em LETRA-P, movimento circundado, sob o ponto específico do braço (região cubital), rotação acelerada da esquerda para à direita, finalizado com uma suspensão e toque no braço. No sinal PRAÇA DA CULTURA, a configuração da mão dominante ocorre em LETRA-C, movimento de rotação do pulso, com três repetições, oscilação da direção e finalizado em suspensão. A mão não dominante inicia em suspensão, configuração palma em fechada em LETRA-O, na sequência move-se e finaliza em palma aberta com os dedos distendidos, plano horizontal, paralelo ao chão.

Varição 4, pronunciada por dois componentes os sinais PRAÇA+CULTURA, o primeiro componente é o sinal PRAÇA, ocorre em configuração em LETRA-P, movimento circundado, rotação acelerada sob o ponto específico do braço (região cubital), iniciado da esquerda para à direita, finalizado com uma suspensão e toque nessa região específica, sem repetição. O segundo componente é o sinal CULTURA, pronunciado em LETRA-C, ponto de articulação principal, o rosto; ponto específico a região lateral da testa, com toque do dedo polegar nessa região, localização inicial do movimento; o movimento da mão é arqueado com rotação interna do pulso, sem repetição e finalizado em um ponto no espaço neutro a altura do deslocamento inicial, com oscilação da direção.

Figura 28 – Sinal em Libras PRAÇA MANÉ GARRINCHA e variações



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

O sinal **PRAÇA MANÉ GARRINCHA (variação 1)** é pronunciado em configuração nativa, braços flexionados em L, palma das mãos orientadas em sentido oposto, uma para frente na altura da cabeça e a outra para trás na altura da cintura; dedos distendidos, polegares afastados, o movimento é realizado pelo braço e finalizado com uma suspensão.

PRAÇA MANÉ GARRINCHA (variação 2), em comparação com a variação 1, há uma mudança em relação ao lado esquerdo e direito. Ao contrário da variação 1, na variação 2 toda articulação e orientação do braço para cima e palma para frente é realizado com a mão direita, e a articulação braço e mão para trás é realizada com a mão esquerda. Outro aspecto também observado foi a configuração côncava da mão que está direcionada para trás, mais

marcante que na variação 1, como se estivesse segurando uma bola; o movimento é realizado pelo braço e finalizado com uma suspensão.

PRAÇA MANÉ GARRINCHA (variação 3), nessa pronúncia há uma composição PRAÇA + PRAÇA MANÉ GARRINCHA. Assim como nos casos praça da cultura e praça Brasil, o segundo componente PRAÇA MANÉ GARRINCHA, em comparação com a pronúncia 1 e 2, possui configuração em palma aberta, dedos distendidos, polegar unido a lateral do dedo indicador, a orientação da palma da mão é para o lado na altura da cabeça e a outra para trás na altura do quadril; o movimento é realizado pelo braço e finalizado com uma suspensão.

As Figuras 29 e 30 apresentam o eixo 3 – Shoppings Centers. IMPERIAL SHOPPING, TOCANTINS SHOPPING e as variações identificadas.

Figura 29 – Sinal em Libras IMPERIAL SHOPPING e variações



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

O sinal **IMPERIAL SHOPPING (variação 1)** apresenta configuração da mão estabelecida em palma fechada, com a presença de contato da almofada do dedo polegar com a região distal dos dedos (indicador, médio e anelar), dedo mínimo distendido, acomodando-se na configuração O+I; movimento retilíneo, unidirecional, ponto de articulação principal o rosto, ponto de contato o queixo, deslocamento distal.

Variação 2, IMPERIAL SHOPPING, o sinal é pronunciado em configuração da mão palma fechada, dedo mínimo distendido, presença do contato da almofada do dedo polegar com à região distal dos dedos (indicador, médio e anelar), acomodando-se em O+I; movimento

arqueado, unidirecional, ponto de articulação principal o rosto, ponto de contato o queixo, deslocamento distal.

Varição 3, IMPERIAL SHOPPING, nessa pronúncia ocorre um processo de acomodação, a mão é iniciada com uma configuração paralelamente criada pelo sinalizante, a palma da mão aberta, dedos separados, sem contato com o ponto principal em frente a boca, movendo-se em retilíneo, fechando-se com o contato da almofada do dedo polegar com a região distal dos dedos (indicador, médio e anelar), o dedo mínimo distendido, configuração final O+I.

Varição 4, IMPERIAL SHOPPING, também há um processo de acomodação, a configuração de mão também é paralelamente criada pelo sinalizante, palma da mão inicialmente semiaberta, dedos distendidos e separados uns dos outros, leve contato da região lateral do dedo indicador no ponto específico do queixo, movendo-se retilíneo e finalizado em palma fechada com o dedo polegar e dedo mínimo distendido.

Varição 5, IMPERIAL SHOPPING, o sinal possui configuração palma da mão dedos (indicador, médio e anelar) unidos em contato com a palma da mão, dedo polegar e dedo mínimo distendido, com toque interno da almofada do polegar na região medial e proximal do dedo indicador; o movimento arqueado, unidirecional, iniciado no queixo um ponto específico da cabeça.

Figura 30 – Sinal em Libras TOCANTINS SHOPPING e variações.



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

O sinal **TOCANTINS SHOPPING** é pronunciado com as duas mãos em configurações distintas, mão direita configurada em LETRA-T, palma aberta - dedo indicador distendido

horizontalmente em contato com a unha e a região proximal interna do dedo polegar; a mão esquerda é configurada em LETRA-O - palma fechada, contato do polegar e as unhas dos dedos (indicador, médio, anelar e mínimo). **A variação 1**, apresenta dominância das duas mãos, o movimento é realizado em círculo completo simultaneamente e finalizado com uma suspensão.

TOCANTINS SHOPPING (variação 2), assim como a variação 1, o sinal é realizado com as duas mãos configuradas em LETRA-T e em LETRA-O, o movimento é simultâneo, porém, havendo uma certa dominância do movimento mão em O, em torno da mão em T, que por sua vez, possui movimentos menos acelerado.

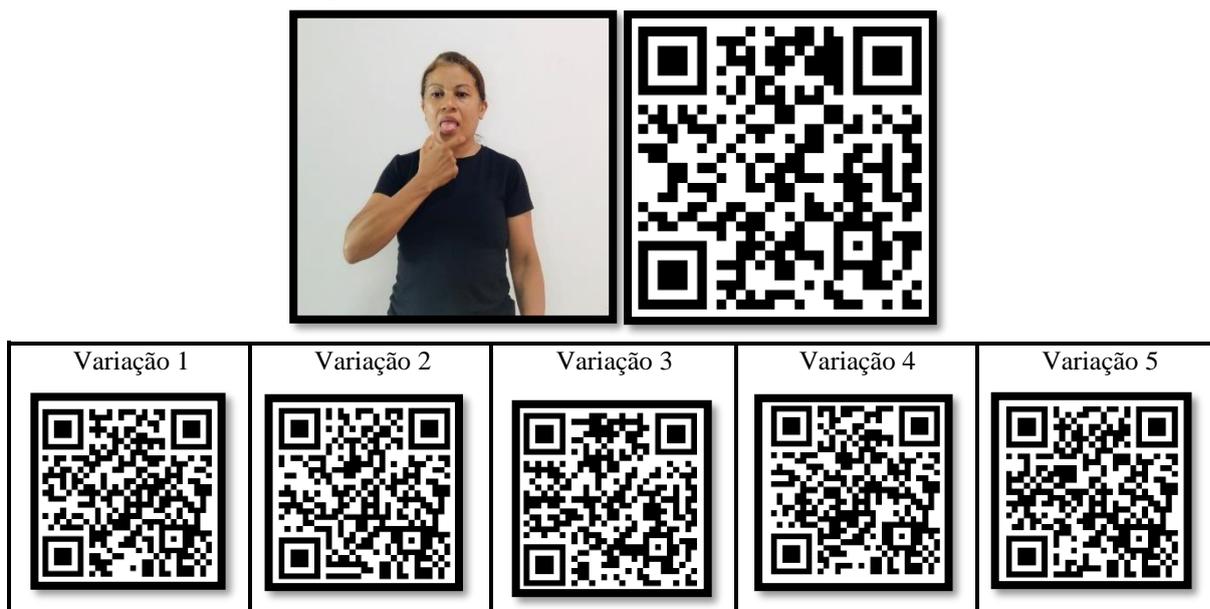
TOCANTINS SHOPPING (variação 3), o sinal é realizado em configurações de mãos em LETRA-T e em LETRA-O, em comparação com a variação 2, há variação de dominância, o movimento é realizado pela configuração em T, uma trajetória de translação em torno da mão configurada em O, a qual, apresenta movimentos sutis.

TOCANTINS SHOPPING (variação 4), o sinal é realizado em configurações de mãos em LETRA-T e em LETRA-O, a dominância também ocorre na configuração de mão em T, a variação é notada no movimento translação realizado pela mão em T na região distal dos dedos da mão configurada em LETRA- O, esta que, por sua vez, apresenta movimentos sutis de rotação.

TOCANTINS SHOPPING (variação 5), assim como, a variação 2 e a variação 4, o sinal apresenta dominância da mão em T; movimentos de translação acelerado em torno da mão configurada em LETRA-O. A mão configurada em LETRA-O, realiza movimentos sutis de rotação.

A Figura 31 apresenta o eixo 4 – Clube e Parque Aquático. Topônimo FREITAS PARK

Figura 31 – Sinal em Libras FREITAS PARK e variações.



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

O sinal **FREITAS PARK (variação 1)**, a pronúncia apresenta configuração de mão nativa, o sinal apresenta os dedos mínimo, anelar e médio fletidos na junta proximal, os dedos, indicador e polegar abertos fletidos em forma de gancho arqueado. O movimento é ondulatório, horizontal para fora do corpo, traço acelerado, iniciado em frente ao queixo, numa proximidade distal, e uma sutil expressão de abertura da boca.

FREITAS PARK (variação 2), o sinal apresenta os dedos mínimo, anelar e médio fletidos na junta proximal, os dedos, indicador e polegar abertos fletidos em forma de gancho arqueado. Em comparação com a variável 1, o movimento é iniciado em frente a boca, numa proximidade distal, é ondulatório, horizontal, traço prolongado, outro dado interessante nessa variável, é a trajetória do movimento, plano horizontal direcionado para fora do corpo. Nesse ponto, a orientação da palma da mão apresenta variação em comparação com a variação 1; outro dado variável é expressividade da abertura da boca e a ponta da língua distendida para fora.

FREITAS PARK (variação 3), essa pronúncia é uma variante do sinal FREITAS PARK. O sinal é realizado pela mão dominante e pela mão não dominante; a mão dominante realiza movimento ondulatório horizontal - dedos indicador e médio fletidos em gancho, *versus* a mão não dominante que permanece estável - dedos indicadores e médio distendidos, os demais dedos são flexionados nas juntas próximas medial e distal.

FREITAS PARK (variação 4), a pronúncia apresenta uma composição NADAR + FREITAS PARK. O sinal NADAR é o primeiro componente - configuração de mão nativa, realizado com as duas mãos (dominante e não dominante) em palmas abertas. A mão dominante

realiza o movimento nado até o quadril, mão orientada para fora, repetido duas vezes. No segundo componente FREITAS PARK, configuração de mão nativa, em comparação com a variação 1 e 2, a configuração de mão possui maior amplitude, a trajetória reduzida e maior expressividade na expressão manual abertura da boca e língua; o movimento é ondulatório, horizontal, proximidade medial.

FREITAS PARK (variação 5), o sinal apresenta configuração de mão semelhante à variação 1, 2, e o segundo componente da variação 4. Um ponto variável nessa pronúncia é a orientação da palma da mão, iniciada com a palma paralela ao rosto (boca) e finalizada com palma da mão paralelo ao chão, o movimento é ondulatório, horizontal, proximidade distal.

As Figuras 32 e 33 apresentam o eixo 5 – Esportes. Topônimos, COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO e as variações identificadas.

Figura 32 – Sinal em Libras COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO e variações.



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

O sinal **COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO (variação 1)** é uma articulação nativa, formada pelas mãos (dominante e não dominante). Em sua produção, a mão dominante realiza configuração palma fechada, os dedos (indicador, médio, anelar e mínimo) são unidos pela região distal (unhas) em contato com almofada do dedo polegar. A mão não dominante é configurada em palma aberta, formato côncavo, dedos unidos; o movimento é realizado pelo toque da mão dominante na proximidade do pulso da mão não dominante, repetido quatro vezes.

COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO (variação 2), nessa pronúncia há uma composição COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO + ESPORTE. O primeiro componente é a denominação, em comparação com a variação 1, os aspectos variáveis são manifestados no ponto específico onde ocorre o movimento, nesse pronúncia, na região central da palma da mão; outro aspecto observado é o toque sutil, sem repetição. O segundo componente é o sinal ESPORTE, há uma simetria na configuração de mão, palmas fechadas, dedos (indicador, médio, anelar e mínimo) flexionados na junta proximal, dedo polegar distendido; movimento de roçar as mãos, estas fazem contato em pontos específicos das juntas mediais dos dedos (indicador, médio, anelar e mínimo).

COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO (variação 3), a pronúncia também apresenta composição COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO + ESPORTE. Em comparação com a variável 2, o sinal apresenta variáveis no parâmetro movimento do primeiro componente, este é descrito por um toque fixo na região central da palma da mão não dominante.

COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO (variação 4), nesse caso temos mais uma composição COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO + ESPORTE. É interessante observar que o parâmetro movimento é o aspecto em que a variação é facilmente notada. A variação 4, em comparação com a variação 2 e 3, o toque do movimento é mais rápido e repetido quatro vezes.

COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO (variação 5), assim como as variáveis 2, 3 e 4, a variável 5 apresenta-se em composição dos sinais COMPLEXO ESPORTIVO BARJONAS LOBÃO + ESPORTE. O primeiro componente em comparação com os mencionados na variação é bastante expressivo no parâmetro movimento, realizado por meio do toque entre a região central da palma e o pulso da mão dominante, repetido três vezes.

Assim como PRAIA (PRAIA DO CACAU), (FREITAS PARK), PRAÇA (DA CULTURA, BRASIL), o sinal genérico é sinalizado antes ou após o sinal denominativo. Trata-se de um hiperônimo, ou seja, é utilizado um termo geral para especificar ou conceituar o nome do topônimo em Libras.

A Figura 33 apresenta o eixo 6 – Cultura. Topônimos, TEATRO FERREIRA GULLAR.

FIGURA 33 – Sinal em Libras TEATRO FERREIRA GULLAR e variações.



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

No sinal **TEATRO FERREIRA GULLAR (variação 1)**, assim como algumas das nomeações mencionadas acima, o sinal apresenta-se em composição **TEATRO + TEATRO FERREIRA GULLAR**. O primeiro componente **TEATRO**, é pronunciado em palmas abertas, dedos distendidos e afastados com toque do dedo médio em pontos específicos; ponto de articulação principal a cabeça, ponto específico as bochechas; o movimento é realizado pelo contato rápido de roçar para fora, realizado pelas partes distais dos dedos médios. O segundo componente **TEATRO FERREIRA GULLAR** é configurado com os dedos indicador e médio fletidos em gancho, os dedos anelar e mínimo são flexionados, sendo que, a parte distal do anelar permanece em contato (preso) com a almofada do polegar. O movimento é retilíneo, realizado na frente da boca e finalizado em um ponto no espaço neutro na mesma altura, repetido duas vezes.

TEATRO FERREIRA GULLAR (variação 2), o sinal também se apresenta em composição, **TEATRO + FERREIRA GULLAR**. O sinal **TEATRO**, assim como a variável 1, é articulado com a palma aberta, dedos distendidos e afastados; o movimento é realizado pelo dedo médio, em contato com as bochechas, exercendo o movimento de roçar repetido três vezes. O segundo componente **FERREIRA GULLAR** é articulado em palmas abertas, dedos (médio, anelar e mínimo) flexionados em contato com a almofada do dedo polegar, dedo indicador e médio em gancho; movimento de trajetória retilíneo realizado pela mão iniciado no canto da boca e finalizado em um ponto no espaço neutro na mesma altura à direita, repetido três vezes.

TEATRO FERREIA GULLAR (variação 3), assim como a variação 1 e 2, o sinal também se apresenta em composição **TEATRO + FERREIRA GULLAR**. Os aspectos variáveis, em comparação a variação 1, ocorrem na expressão da boca ao realizar o movimento simultâneo ao da articulação. Este também possui trajetória retilínea finalizada em um ponto no espaço neutro na mesma altura da boca, repetido duas vezes. Em comparação com a variação 2, o sinal apresenta aspectos variáveis relacionados ao ponto específico de articulação; na variação 2, o movimento ocorre no canto da boca; e, na variação 3, assim como na variação 1, é articulado na frente da boca, sendo que na variação 3 há uma expressividade na boca.

A Figura 34 apresenta o eixo 7 – Espaços de Cultura, Festas e Eventos. Topônimo – CENTRO DE CONVENÇÕES.

Figura 34 – Sinal em Libras CENTRO DE CONVENÇÕES e variações.



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

O sinal **CENTRO DE CONVENÇÕES (variação 1)** é pronunciado sem a presença da mão não dominante, o sinal é articulado em palma da mão aberta, dedos distendidos. Os dedos (indicador, médio, anelar e mínimo) unidos e o dedo polegar afastado; o movimento é ondulatório para o lado, oscilação da direção da palma da mão.

CENTRO DE CONVENÇÕES (variação 2), o sinal é articulado com a presença da mão dominante e da mão não dominante. A configuração da mão dominante ocorre em palma aberta, o dedo polegar apresenta-se junto da lateral do dedo indicador; o movimento é

ondulatório para o lado, realizado sobre a mão não dominante; a configuração da mão dominante se dá em palma fechada, plano horizontal e oscilação da orientação da palma da mão.

CENTRO DE CONVENÇÕES (variação 3), assim como a variação 2, o sinal é pronunciado com a presença da mão (dominante e não dominante), aspectos variáveis em comparação com a variação 2 ocorrem na configuração da mão não dominante, na variação 2 a mãos é posicionada com palma fechada. E, na variação 3, apresenta-se com a palma da mão aberta. O movimento é ondulatório para o lado, realizado sobre a mão não dominante, plano horizontal e oscilação da orientação da palma da mão.

Neste estudo, a variação fonético-fonológica na Libras corresponde às variáveis¹⁹ manifestados na articulação do sinal, quando comparadas intersujeitos. Os aspectos variáveis são descritos a partir de dois aspectos, os parâmetros fonológicos (CM, PA, MO, Or e as ENM) considerados como aspecto principal e aspectos específicos como dedos distendidos, ou não, movimentos acelerados²⁰, outros não, proximidade do movimento, entre outros, os quais foram considerados por Crasborn (2012) uma descrição fonético-fonológica que distingue as produções entre sujeitos. Um aspecto importante relacionado à variação fonético-fonológica na Libras é que esse fenômeno não está limitado a apenas a um dos parâmetros. Foi verificado, por Xavier e Barbosa (2014), a sua ocorrência em um ou mais dos parâmetros, corroborando o caráter heterogêneo da Libras, proveniente da variação.

No campo da variação lexical na Libras, geralmente as contribuições têm sido indicadas a partir de estudos da variação diatópica ou geográfica. Todavia, neste estudo propomos a sua identificação em uma comunidade local para verificar a sua ocorrência e captar a variedade lexical da comunidade. Segundo Gláucio Júnior (2012), a variação lexical infere a existência de formas variantes de sinais atrelados à produção de indivíduos com diferente *status* linguístico, como os grupos minoritários e/ou de diferentes identidades.

Propusemo-nos a estudar a variação lexical em uma mesma comunidade de fala, numa perspectiva variacionista própria da língua de sinais, decorrente de aspectos extralinguísticos próprios da cultura surda, como o contato com a língua, a vivência na comunidade surda, a influência da língua oral nas produções variacionistas, entre outros aspectos. Dessa maneira, a variação lexical será definida pela articulação de dois ou mais itens lexicais que não possuem

¹⁹ Corresponde a uma categoria da língua em que se encontra a variação (COELHO, 2018).

²⁰ Conforme Xavier (2012), os traços de qualidade temporal do movimento determinam o tempo de realização de um sinal, que pode ser descrito pelos traços prolongados, acelerados ou reduzidos, definindo a forma do movimento. No que tange a variação, essa pode ser um aspecto variável entre os sinais.

semelhanças em sua produção e pronúncia. Contudo, possuem o mesmo valor referencial. Conforme Coelho (2018), quando há essa ocorrência, pode-se dizer que são formas individuais distintas utilizadas pela comunidade, denominadas de variantes²¹.

4.2.1 A ocorrência de variação fonética-fonológica

Do ponto de vista fonológico, os aspectos indicados por Stokoe (1960), configuração de mão, ponto de articulação e movimento, posteriormente os aspectos acrescentados por Batisson (1978), a orientação da palma da mão e as expressões não marcadas apontadas por Klima e Bellugi (1979) materializam os itens lexicais da língua de sinais, considerados unidades mínimas (parâmetros). Estes, podem manifestar variações intersujeitos. Precisamente, a variação fonológica na Libras decorre das diferentes formas que os parâmetros (configuração de mão, ponto de articulação ou locação, movimento, orientação da palma da mão, expressões não-manuais) são pronunciados. Para tal, a variação pode estar motivada ou não pelo contexto em que a unidade fonológica está inserida (XAVIER, 2011), ou por aspectos extralinguísticos socioculturais. Para fins deste estudo, a variação foi observada fora de qualquer situação comunicativa, dado que os sinais foram pronunciados de forma isolada.

Assim, mediante a utilização de entrevista semiestruturada, este estudo aponta as evidências da concepção de Labov (2008) em uma comunidade linguística, considerando que não existe falante [sinalizante] de estilo único. Nesse sentido, é preciso que se considere alguns fatores de ordem externa à língua que contribuem para a variedade que compõe o repertório linguístico da comunidade, como a interação intersujeitos sinalizantes e a diferença surda²², ou seja, o jeito surdo de ser conforme as suas percepções visuais.

Assim, a diversidade de articulações identificadas durante a realização dos sinais deve-se à compreensão de que, de acordo com Xavier (2012) e o modelo de análise proposto por Lindell e Johnson (1989), conforme também discutido por Xavier e Barbosa (2014), os sinais podem apresentar traços distintivos que confirmam a ocorrência da variação fonético-fonológica. Em uma análise mais discriminada, é possível notar que os sinais variam em categorias fonético-fonológicas principais e específicas. Como mostram os vídeos das Figuras 24 a 34, os onze sinais topônimos espaços de lazer e turismo, articulados pelos participantes deste estudo, apresentaram variações linguísticas na sua produção.

²¹ Formas individuais que “concorrem” pela expressão da variável (COELHO *et al.*, 2018).

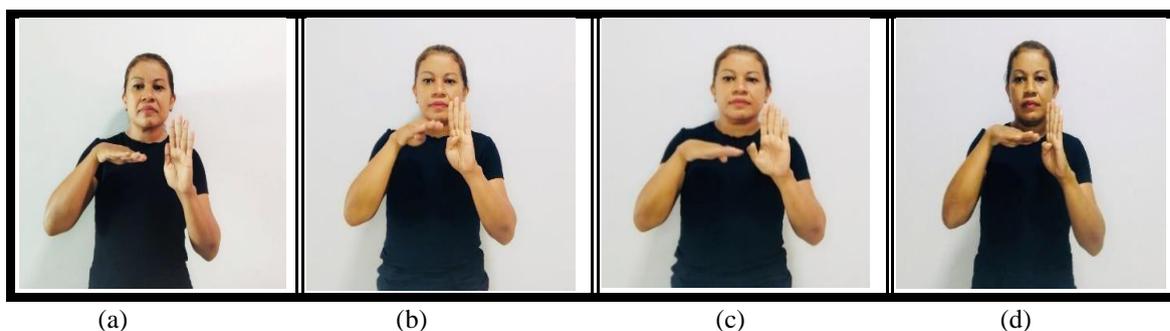
²² Dentro do povo surdo, o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e a cultura surda, que ajuda a definir as suas identidades (STROBEL, 2008, p. 29)

Em relação ao parâmetro configuração de mãos, a variação apresenta diferentes variáveis. Há os seguintes sinais: i) cuja CMs, produzidas com ambas as mãos articuladas de forma nativa, também considerados sinais puro; ii) outros, articulados com a CM da mão dominante inicializada com a letra equivalente ao nome do topônimo na LP; mão não dominante, nativa; iii) sinais com ambas as mãos articuladas e inicializadas; iv) mão não dominante configuradas de maneiras diversas; v) dedos distendidos, ou não.

4.2.2 Variação na configuração de mão

A variação na configuração de mão dominante e não dominante foi expressivamente notada no sinal BEIRA-RIO, conforme mostram os QR Codes (pág. 66) deste estudo e as imagens abaixo. Os sinais apresentam variáveis identificadas na sinalização dos participantes.

Figura 35 – variação na mão dominante



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Entre os sinais realizados, as pronúncias apresentam configurações de mãos distintas, em (a), palmas abertas (configuração nativa); em (b), configuração inicializada²³ com ambas as mãos; em (c), palma aberta dedo polegar fletido (nativa); e em (d), configuração híbrida (inicializada e nativa), mão dominante articulada em palma aberta e a mão não dominante em palma aberta com o dedo polegar fletido em contato com a região palma.

Outro caso de dominância está no segundo componente do sinal PRAÇA BRASIL. As pronúncias apresentaram configuração em palma aberta dedos distendidos; outras, palma aberta e dedo polegar distendido. Do mesmo modo, no sinal CENTRO DE CONVENÇÕES, a mão dominante realiza configuração em palma aberta, dedo polegar distendido e afastado; outros,

²³ A configuração de mão inicializada faz relação ao nome do topônimo na LP (MIRANDA, 2020). Fato confirmado pela maioria dos participantes deste estudo, ao qual foi julgado como uma prática negativa as influências da língua oral na Libras, como também pensam que os surdos da comunidade precisam discutir as designações antes de batizá-las com um sinal.

em palma aberta dedo polegar unido na lateral do indicador. Em uma análise quantitativa, não houve predominância da frequência de uma forma em relação a outra.

A variação também pode ocorrer na mão não dominante, como identificado no sinal PRAÇA DA CULTUA e no sinal CENTRO DE CONVENÇÕES. As imagens abaixo (Figura 35) especificam as situações variáveis.

Figura 36 – Variação diversas na mão não dominante.



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Conforme as pronúncias, a mão não dominante é configurada com o braço fletido em L, ponto principal de localização do sinal. Em uma análise mais específica, as palmas das mãos apontam variáveis. Na imagem (e), a pronúncia se deu em palma aberta, plano chão; em (f), a palma fechada e em (g), palma fechada com o dedo indicador distendido. No sinal CENTRO DE CONVENÇÕES, a variação é manifestada pela presença ou não da mão não dominante, conforme exposto nas imagens (h), (i) e (j) abaixo (Figura 36). Em uma análise quantitativa, foi possível perceber que há predominância da pronúncia com a mão não dominante.

Figura 37 – Variação na configuração de mão não dominante



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

A variação também foi manifestada na dominância da mão, como indica o sinal TOCANTINS SHOPPING.

Figura 38 – Variação na dominância da mão

(l)

(m)

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Nas pronúncias acima, em (l) a dominância ocorre com a configuração em LETRA-T, e, em (m), a mão dominante é configurada em LETRA-O. Ambas realizam o movimento de circundação.

4.2.3 Variação no Ponto de Articulação

A variação do parâmetro ponto de articulação demonstrou: i) pontos principais, espaço neutro à frente do corpo, o braço, a cabeça; ii) pontos de articulação específicos, onde a mão toca, ou proximidade das mãos durante a produção do sinal, como o queixo, a testa, frente, palma da mão, boca, bochechas, dedos (polegar, indicador, mínimo,) região cubital do braço (cotovelos), antebraço; iii) pontos mais altos, outros mais baixos; iv) centralizados; e v) na lateral.

Para os sinais cujo ponto de articulação pode variar em pontos específicos, como na têmpora, na bochecha, ou mais alto/mais baixo, atestamos a variável PRAÇA DA CULTURA, PRAIA DO CACAU. Xavier (2012, p. 44), baseado em Liddell e Johnson (1989), diz que os aspectos específicos descrevem o ponto de articulação de um sinal. Desse modo, o sinal PRAÇA DA CULTURA tem como ponto principal a cabeça; pontos específicos, bochecha e testa, local de identificação da variação, como mostram as imagens abaixo (Figura 38). Em (n), o dedo polegar da mão dominante toca a bochecha, e em (o), toca a região ipsilateral da testa.

Figura 39 – Variação no ponto de articulação

(n)

(o)

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Para o termo genérico PRAÇA, as pronúncias indicaram proximidade do ponto de articulação (antebraço). E outras, o contato (toque) nessa região locativa, como mostram as imagens (p) e (q) (Figura 39) abaixo.

Figura 40 – Variação proximal ou em contato com a região do corpo

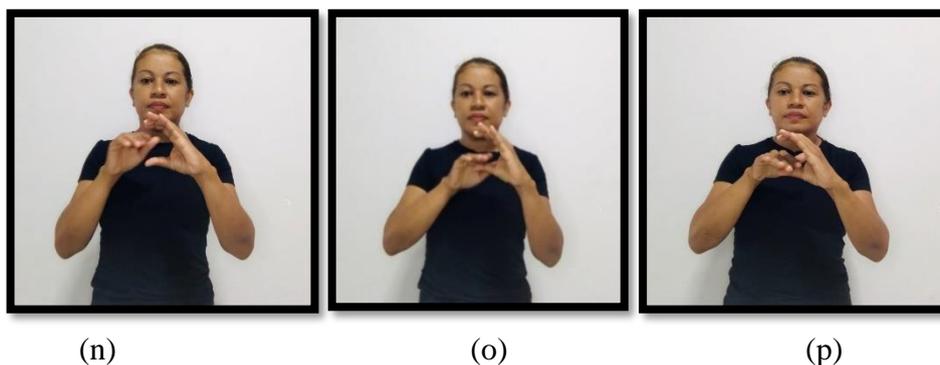
(p)

(q)

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Outra situação de variação na configuração de mão é verificada na proximidade de deslocamento da mão. De acordo com Xavier (2012), quando um sinal é produzido no espaço de sinalização, a descrição de sua localização inclui traços que expressam a distância, o afastamento e a altura que a mão dominante se situa em relação ao corpo, em relação à linha medial do corpo e à localização principal. Um exemplo disso foi visto no sinal PRAIA DO CACAU, o movimento da mão dominante na maioria das pronúncias parte de dentro da mão em C (não dominante). Para tal, foi possível perceber que nas pronúncias, como em (n), a mão se desloca da região central da mão em C (não dominante), e outras não, como em (o) e (p). Nesses dois últimos exemplos, e em concordância com o Xavier (2012), declaramos que há um deslocamento ipsilateral, identificado por traços proximais do corpo (o dedo polegar).

Figura 41 – Variação na proximidade de deslocamento da mão dominante



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Outra indicação de variável relacionada à proximidade, ou não, do ponto de articulação foi verificada no sinal IMPERIAL SHOPPING (p. 73). O ponto de articulação principal na maioria das pronúncias é o queixo. Algumas dessas articulações apresentam toque, e outras são realizadas na proximidade dessa região. Do mesmo modo, na variação no sinal TEATRO FERREIRA GULLAR, em algumas pronúncias, o ponto de articulação é realizado na região proximal do centro da boca, como mostrado em (q). Outras são realizadas na região proximal ipsilateral da boca, como descrita em (r). E em outros pontos é a região central na proximidade do queixo, como mostra em (s), assim retratadas abaixo (Figura 41).

Figura 42 – Variação central e ipsilateral do ponto de articulação



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

Aspectos variáveis ainda relacionados ao ponto de articulação foram verificados no sinal PRAIA DO CACAU. Na maioria das pronúncias, o sinal é realizado com o deslocamento da mão dominante de dentro para fora da mão em C (não dominante). Contudo, houve uma pronúncia em que o deslocamento da mão ocorreu embaixo da mão não dominante em LETRA-C, como pode ser observado na figura 42.

Figura 43 – Variação na deslocação do ponto de articulação



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

4.2.4 Variação no parâmetro movimento

Xavier (2014) infere que existem sinais que podem variar mais de um parâmetro. Para esse caso, foi verificado o sinal apontado na figura 38, no qual as variáveis se manifestam no parâmetro ponto de articulação e no parâmetro movimento. Ressaltamos, ainda, que os movimentos específicos do referido sinal podem ser observados com mais detalhe nos QR Codes (p. 26). Para a situação levantada, a trajetória do movimento é sinuosa. Entretanto observou que o referido sinal pode se articular com movimentos mais acelerados, outros, com movimentos encurtados, e ainda com repetição, ou não.

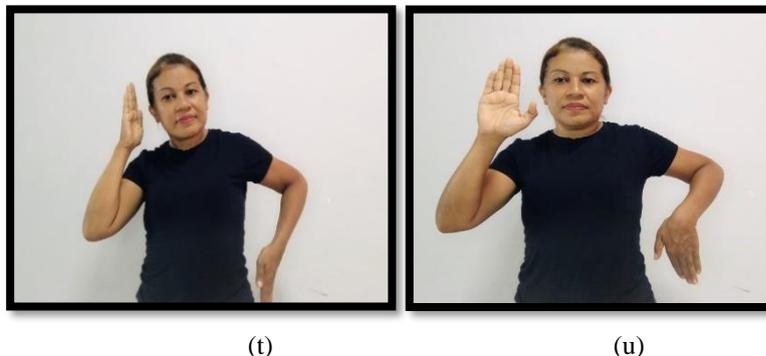
De modo geral, todos os sinais propostos apresentaram movimento principal, seja, sinuoso, circular ou retilíneo. Ademais, foi observado traços específicos desses movimentos que diferem as articulações intersujeito. Em relação à repetição, notou-se haver movimentos acelerados e outros mais lentos, sendo visivelmente notados, no sinal PRAÇA DA CULTURA (p. 72), assim como também, o sinal TOCANTINS SHOPPING, movimentos circulares acelerados, e outros não; número de repetições, e outros não, os quais podem ser observados nos QR Codes da figura 29. Outros traços bastante acentuados intersujeito foram verificados no sinal COMPELXO BARJONAS LOBÃO. O movimento ocorre com toque da mão dominante na palma não dominante. Contudo, uns se mostraram mais acelerados, outros não, como mostram os vídeos (p. 74) deste estudo.

4.2.5 Variação no parâmetro orientação da palma da mão.

No sinal PRAÇA MANÉ GARRINHCHA, verificamos a ocorrência de variáveis na direção das palmas das mãos, assim como mostram as imagens (t) e (u) (Figura 43). Em (t), a

mão dominante é direcionada para o lado, enquanto em (u) a direção da palma está para frente. Essa foi uma das ocorrências mais notadas. Desse modo, não significa dizer que entre as demais formas não tenha ocorrido traços específicos que possam apontar variáveis.

Figura 44 – Variação na direção da palma da mão.

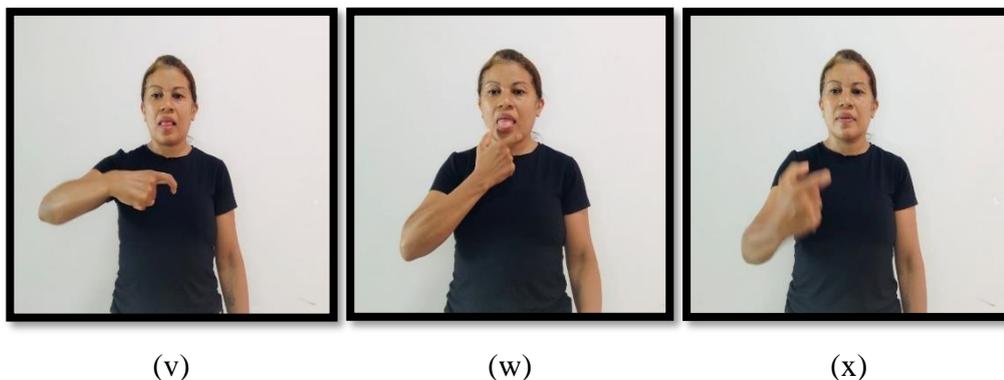


Fonte: Autora da pesquisa (2023)

4.2.6 Variação no parâmetro expressões não manuais.

Embora os sinais tenham sido produzidos de modo isolado para fins deste estudo, há sinais que expressaram marcações. Dentre eles, um caso bastante expressivo foi a marcação não manual em uma variável do sinal FREITAS PARK, em que a ENM é marcada pela língua distendida. Como mostram as imagens (y), (w) e (x), as expressões são visualmente notadas. Foi verificado que há articulações em que a língua se mantém na boca, e outras nas quais ela aparece distendida. Embora suponhamos a homogeneidade na expressão não manual, a articulação do sinal mencionado demonstra traços distintos, como mais expressividade, outras não. Essa situação corrobora a ocorrência de variáveis nesse parâmetro.

Figura 45 – Variação não manual do sinal Freitas Park



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

4.2.7 A ocorrência da variação lexical

Diante do exposto, o enfoque deste estudo apresenta a ocorrência da variação lexical manifestada por membros de uma mesma comunidade. A ocorrência de variantes é manifestada por mais de uma forma para o mesmo referente. Nessa perspectiva, a variação lexical dos sinais dos espaços de lazer e turismo, dentre os onze sinais, dois manifestaram variantes para o mesmo referente, tal como mostra a Figura 38, com o sinal PRAÇA BRASIL. Contudo, conforme os pressupostos de Labov (2008, p. 221), é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a “mesma” coisa”, portanto, têm-se uma variação lexical. Na variante do sinal PRAÇA BRASIL, a configuração de mãos se dá em ambas as mãos configuradas em A (67). Em relação ao movimento, a mão é dominante e o movimento é retilíneo para cima, sem repetição; a mão não-dominante permanece em posição estática na cintura; quanto à direção da palma da mão, a mão dominante inicia com direção para dentro e finaliza direcionada para fora; com ponto de articulação na cintura.

Dentre os onze sinais analisados, dois dos sinais apresentaram duas variantes: os termos PRAÇA BRASIL e FREITAS PASK. Para visualização da sinalização dos referidos termos, foram apresentados os QRcodes dos vídeos dos sinais (p.7 1). As imagens abaixo (z1 e z2) demonstram as pronuncias variantes do sinal PRAÇA BRASIL. Em z1, um sinal simples (nativo); e em z2, uma composição dos sinais PRAÇA + BRASIL. Em uma análise quantitativa, a variante (z1) foi pronunciada apenas por um participante, a qual pode ser concebida como uma variação isolada, ou variante que pode ter ficado em desuso.

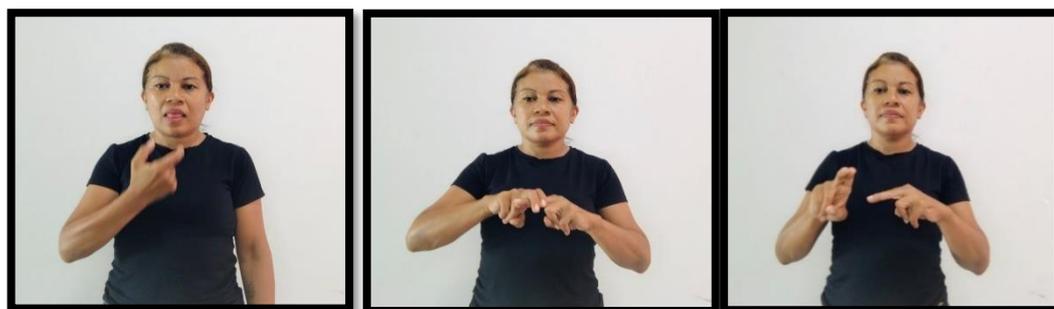
Figura 46 – Variantes do sinal Praça Brasil



Fonte: Autora da pesquisa (2023)

No caso das variantes do sinal FREITAS PARK, retratado em (a1) e (a2), as duas formas se mostraram concorrentes, ou seja, disputam o espaço de pronúncia e estão incluídas no repertório linguístico dos participantes com o mesmo valor referencial. As duas pronúncias são do conhecimento do grupo, inclusive houve situação de indicação como segunda opção a forma (a2), pois, há uma predominância de uso pela forma (a1).

Figura 47 – Variantes do sinal Freitas Park



(a1)

(a2)

Fonte: Autora da pesquisa (2023)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foram apresentadas variações fonético-fonológica na Libras, baseadas na sinalização de oito pessoas surdas da comunidade de Imperatriz/MA, numa perspectiva intersujeito. O objetivo principal foi verificar a variação fonético-fonológica e a variação lexical na sinalização de pessoas surdas de uma mesma comunidade. Para isso, foi realizada observação-participante e entrevistas semiestruturadas realizadas informalmente, sem um roteiro planejado, envolvendo oito participantes surdos da comunidade local.

Os critérios para a identificação da variação envolveram um grupo de sinais toponímicos locais, referentes a espaços de lazer e turismo, sinalizados pelos participantes, que abrange caráter sigiloso para fins deste estudo. Os resultados demonstram nossa hipótese de que, nas línguas de sinais, pode haver variações intersujeito em uma mesma comunidade de fala, o que pôde ser comprovado com os dados deste estudo.

A variação fonético-fonológica, neste estudo, é definida pela ocorrência de variáveis nas articulações intersujeito, identificadas tanto nos cinco parâmetros principais (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e as expressões não-manuais), quanto nos aspectos específicos notados a partir do parâmetro principal.

Nesse sentido, corroboramos os estudos preliminares de Xavier (2012), ao conceber que esses subaspectos, assim definidos por ele, descrevem o parâmetro fonológico principal e contribuem para a identificação de contrastes lexicais da língua: i) dedos distendidos, ou não; ii) movimento proximal ou não; iii) movimentos acelerados, e outros, encurtados; iv) mais expressividade nos traços não-manuais, e outros, não. Além desses, também identificamos o contraste entre mão nativa e inicializada; configurações diversas da mão não dominante; e, ainda, a circulação de variantes lexicais concorrentes, como indicam os pressupostos da sociolinguística.

Conforme análise fonético-fonológica dos sinais BEIRA-RIO e o termo BRASIL, do topônimo praça, há variáveis na configuração de mão da mão dominante. Dentre as produções dos oito participantes, pudemos verificar articulações (nativa e inicializadas) e traços específicos como polegar curvo, palma totalmente aberta, e outras. Em LETRA- B, notou-se a frequência de uso das duas formas. Mas, sendo observado que as formas inicializadas fazem menção ao nome de Topônimo na língua portuguesa, outras produções dessa natureza são observadas nos sinais PRAÇA DA CULTURA, em LETRA- C; PRAÇA BRASIL, apresentou

uma variável configurada em LETRA- B; o sinal genérico PRAÇA, configurado em letra P. PRAIA DO CACAU, inicializado em letra C, TOCANTINS SHOPPING em T e O.

Dentre os onze sinais articulados, foram conferidos seis sinais inicializados. Diante disso, infere-se forte influência da língua oral nas designações dos espaços toponímicos desta localidade. Quanto à ocorrência de variáveis (inicializada e nativa) para um mesmo sinal, infere-se que as configurações inicializadas são utilizadas pelos participantes mais jovens, fato a ser analisado com mais profundidade em um próximo estudo. Sugerimos, ainda, que seja verificada a influência da língua portuguesa nas designações locais em Libras.

Sobre a ocorrência de variáveis diversas em um mesmo sinal, foi possível notar, nas configurações da mão não dominante do termo hiperônimo PRAÇA, a palma da mão não dominante articulada em palma aberta, fechada, outra palma fechada com dedo indicador distendido. Conforme os vídeos, há produções em que a palma foi iniciada fechada e finalizou em palma aberta. Produções dessa natureza demonstram as possibilidades articulatórias da Libras, sem alterações referenciais.

Sobre o parâmetro movimento, em algumas produções ele se manteve. Contudo, eles apresentam traços distintos, como a diferença de intensidade em relação aos demais. Alguns sinalizadores realizaram o movimento do sinal BEIRA-RIO apenas com os dedos (indicador, médio, anelar e mínimo), enquanto outros envolveram toda a mão. Outro detalhe verificado no parâmetro movimento foi a trajetória sinuosa do sinal mencionado. Alguns se mostraram mais amplos e outros menos.

Ressaltamos que esse estudo foi um desafio, com um certo grau de complexidade, haja vista que ainda são incipientes os registros de variações fonético-fonológica em Libras. Desse modo, ficam em aberto alguns aspectos que deixaram de ser realizados neste estudo, como a necessidade de verificar o quantitativo variável identificado nas produções dos participantes, a fim de saber o grau de predominância intersujeito e, mais à fundo, as influências dessas variações. Além do mais, estudos e registros como este contribuem com os estudos linguísticos da língua brasileira de sinais. Sobretudo, dá visibilidade ao repertório linguístico da Libras local.

Quanto ao nível lexical, foi definido quando há ocorrência de duas ou mais variantes de produção totalmente distintas para um mesmo referente. Esse tipo de variação geralmente é considerado como regional. Entretanto, desafiamo-nos à verificação desse tipo de variação em uma mesma comunidade. Os dados apontaram para duas variantes dos sinais termos PRAÇA BRASIL e FREITAS PARK. Nesse caso, infere-se como variação lexical. Os exemplos

identificam um caso de variação isolada e outro em que as variantes são concorrentes²⁴. Assim, pode-se considerar que o objetivo deste estudo foi alcançado, pois foi verificado que há variação fonético-fonológica e variação lexical na sinalização de pontos turísticos e de lazer de Imperatriz/MA, pela comunidade surda local.

Portanto, estamos conscientes de que este estudo não se finda aqui. Esta proposta é uma contribuição aos estudos linguísticos da Libras. Dito isto, a partir deste estudo, novas propostas poderão ser investigadas. Acreditamos que este estudo, além de confirmar a ocorrência da variação linguística na Libras, contribuirá com os pesquisadores desta área, sobretudo para o ensino e aprendizagem da língua enquanto L1 e L2, uma vez que a pesquisa oferece um produto didático de natureza digital e dinâmico como contribuição para diversos níveis de ensino da Libras. Além do mais, a variação linguística é uma temática relevante e necessária para o ensino de língua.

²⁴ Para esse tipo de variação, foi observado fatores extralinguísticos, como maior tempo de vivência na comunidade surda local, algo que deixamos em aberto para pesquisas posteriores.

6 PRODUÇÃO TÉCNICO-TECNOLÓGICA (PTT)

Como Produção Técnico-Tecnológica deste estudo, foi criado um site que trata exclusivamente da toponímia de Imperatriz/MA. Esta proposta acompanha os avanços tecnológicos da contemporaneidade e conecta-se com o mais novo documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que o estudante precisa desenvolver ao longo da educação básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De acordo com a BNCC, no que tange à competência das linguagens, espera-se que o estudante “compreenda e utilize as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo a escola)” (BRASIL, 2019, p. 63). Então, a proposição do site utiliza de estratégias de aprendizagem por meio do uso das tecnologias. É uma ferramenta acessível à comunidade surda, de forma que pode ampliar o desenvolvimento das competências linguísticas, sobretudo para o ensino e aprendizagem de Libras.

Rojo (2012, p. 27) menciona que

[...] vivemos em um mundo em que se espera que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenha autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com a urbanidade (ROJO, 2012, p. 27).

Diante do exposto, este PPT, por se tratar de uma ferramenta dinâmica e acessível para estudantes de Libras, garante melhor viabilidade na comunicação e expressão da contemporaneidade, bem como inserção e posicionamento no mundo digital.

Para tal propósito, utilizamos alguns recursos tecnológicos modernos que atualmente oferecem estabilidade e rapidez, tais como *VuesJs* no *front-end*, *AndonisJs* no *back-end*, e *Mysql* para armazenamento dos dados. Também foram utilizados os serviços da empresa digital *Ocean*, para hospedagem dos servidores.

Font-end = parte visível do site, que contém as telas e os layouts.

Back-end = parte de regra de negócio que será conectado ao banco de dados *Mysql*.

6.1 Descrição do Produto

O Protótipo foi desenvolvido utilizando o programa **FIGMA** (<https://figma.com>). O cadastro das informações no mapa realizou-se da seguinte forma:

- ✓ O Link de acesso de onde foram cadastrados e armazenados os sinais em Libras é:
<https://libras.toponimia.com.br>.

Sobre o funcionamento do sistema, este dá-se da seguinte maneira:

Ao entrar no site, o usuário conseguirá visualizar, centralizado, o mapa de Imperatriz/MA com alguns apontamentos coloridos, denominados de filtros. Assim que o usuário clicar em um dos filtros escolhidos, o mapa irá se autoajustar para aquele espaço. Na sequência, o mapa será ajustado na tela principal onde estarão todos os espaços de lazer e turismo cadastrados no sistema e salvos no banco de dados. Para visualizar o sinal e suas variações, o usuário precisa clicar em um ícone no mapa indicado com a cor vermelha. Logo, uma tela será aberta no lado esquerdo do site. O usuário poderá visualizar a imagem e o sinal do espaço toponímico sinalizado pela pesquisadora, como, também, a descrição do local, e abaixo as variações.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A. A construção dos sinais e sua mobilidade específica. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Org). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCAR, p. 81-98, 2014.
- ALKIMIM, T. M. Sociolinguística: parte I. In: 2. MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I.** ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.
- ANDRADE, K. S. O lugar nos estudos toponímicos: reflexões 2017. **Revista de Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte, v. 25, n. 2. p. 585-607, 2017.
- ANTUNES, I. **O território das palavras:** estudo do léxico em sala de aula. São Paulo. Parábola, p. 27-49, 2012.
- BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística:** pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico.** São Paulo: Parábola, 2015.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistério.** 2 ed. rev. atual e ampl. Salvador: Libras Escrita, 2015. v. 1.
- BIRDEMAN, M. T. C. Dimensões das palavras. **Filologia e Linguística Portuguesa,** n. 2 p. 81-118, 1998.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL, Lei 10.436/02 de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Diário oficial [da] República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 15 mar. 2021.
- BRITO, L. F. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. **Sign Language Studies,** s/v., n. 42 p. 45-56, 1984. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/26203575>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO; R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 51-83.
- CAMPHELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182> Acesso em 20 de maio 2022.

CAMPELLO, A. R. S. A Constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**, José Bonifácio, v. 2, s/n. p. 8-25, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/9978748/Constitui%C3%A7%C3%A3o_Hist%C3%B3rica_da_L%C3%ADngua_de_Sinais_Brasileira_nos_s%C3%A9culos_XVI_at%C3%A9_XX. Acesso em: 15 maio 2022.

COELHO, I. L. *et al.* Para conhecer sociolinguística. – 1. ed., 1 reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, R. C. R. **Proposta de Instrumentos para a avaliação fonológica da língua brasileira de sinais**: Fonolibras. 2013. 231 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

COSTA, R. P. e SEABRA, M. C. T de. **As palavras sob um viés cultural**: o léxico dos pescadores de Raposa, MA. EdUEMA, São Luís, 2015.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, C. P. **Gírias na Língua de Sinais Brasileira**: processos de criação e contextos de uso. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Campus de Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional – Tocantins, 2020.

DELGADO, I. C. **Uma análise estilística da língua brasileira de sinais**: variações do seu uso no processo interativo. Tese (doutorado) - UFPB - João Pessoa, 2012.

Decreto N° 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acessado em 11 fev 2022

DICK, M. V. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DINIZ, H. G. **A História da língua de sinais brasileira**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2011.

FARIAS - NASCIMENTO, S. P. de F. Movimentos surdos **Representações lexicais da língua de sinais brasileira**. Uma proposta lexicográfica. Brasília – UNB, 2009

FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. IN: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. e LEITE, T. de A. (Org.) **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis, insular, 2013.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto**. Curso básico: livro do estudante – 5° ed. Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, B. L. **Similarities and differences in two Brazilian sign languages**. Sign Language Studies, p. 42: 45-56. -1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26203575> Acesso em: 10 mar 2022.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2010.

GESSER, A. **LIBRAS?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2020. (Coleção Linguística para o Ensino Superior; 1) recurso digital.

GROCE, N. E. **Everyone Here Spoke Sing Language: hereditary deafness o Martha's Vineyard**. London: Havard Univesity Press, 1985.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC/Rio: Apicuri, 2016.

HONORA, M. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepções e alfabetização: ensino fundamental, anos iniciais**. São Paulo: Cortez 2014.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Alfabeto de Libras e Configuração de Mãos**. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>. Acesso em: 13 mar. 2022.

KARNOPP, L. B. Aquisição fonológica nas línguas de sinais. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 147-162, 1997.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola, 2008.

LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, E. M. C. **Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva**. Rio de Janeiro. 2005. Coleção cultura e diversidade - Editora Arara Azul. Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2022.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Língua de sinais do Brasil: reflexões sobre seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (Org.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Série Estudos de Língua de Sinais. V. II. Florianópolis: Insular. 2014, p. 15-27

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Editora: LTC. p. 1-22. Rio de Janeiro, 1987.

MACHADO, V. L. V. **Análise da variação querológica em traduções de materiais do EAD Letras-Libras (UFSC)**, Santa Catarina, 2016.

MAGALHÃES, C. E. A de. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como locus de investigação. In. **Autoetnografia em estudos da linguagem e áreas**

interdisciplinares. p. 16-33. Veredas Online – Temática, v. 22 nº 1. PPGL, UFRJ – Juiz de Fora, 2018.

MARINHO, M. L. **Língua de sinais brasileira:** proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB – DF. 2014, 231 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

MELO, P. A. G. de; **Léxico Toponímico:** alguns pontos de intersecções linguístico-culturais na toponímia no municipal alagoana. In. Entrepalavras, Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas. Fortaleza, 2017, v. 7, ISSN: 2237-6321, p. 123-140, MELO, Pedro Antônio Gomes de Melo.

MIRANDA, G. de M. **Toponímia em Libras:** descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Tocantins/ Campus Porto Nacional, 2020.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras I. 2. ed. São Paulo. Cortez, 2012, p. 157-191

MOURA, M. C. **O surdo:** caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Editora Revinter/Fapesp, 2000, p. 81-94.

OLIVEIRA, T. de. Estudos da linguagem em permanente estado etnográfico: notas sobre observação participante de uma pesquisa /nativa que “quer se meter”. p. 34-50. In. **Autoetnografia em estudos da linguagem e áreas interdisciplinares.** Veredas Online – Temática, v. 22 nº 1. PPGL, UFRJ – Juiz de Fora, 2018.

PEREIRA, E. L. **“Fazendo cena na cidade dos mudos”:** surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. Éverton Luís Pereira; orientador, Esther Jean Langdon. 2013, 418f. Tese (doutorado), UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2013.

PEREIRA, É. L. **“Fazendo cena na cidade dos mudos”:** surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. Tese (doutorado), UFSC, Programa de pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107034/320468.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 21 fev. 2021.

CRASBORN, O. Phonetics. In. PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Sing Language:** an international handbook. Amsterdam: Walter de Gruyter, 2012. pp. 4-20.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de Libras 1.** Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

PERLIN, G. O lugar da cultura surda. In. **A invenção da surdez:** cultura, alteridade e diferença no campo da educação. T. A. S.; LOPES, C. (Orgs.), Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PERLIN, G. Identidades surdas. In. **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. SLIAR. C. (Org.), p. 50-73. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R. M. de.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Material Didático. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_bas e.pdf. Acesso em: 5 maio 2022.

QUADROS, R. M.; SILVA, D. S. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, R. C.; PEDROSA, E. F. (Orgs.). **Comunidades Sordas em América Latina: lengua – cultura – educación – identidad**. 2. ed. KDP (Kindle Direct publishing). Aracajú: ArtNer Comunicação, 2019, p. 126- 142

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019. (Coleção Linguística para o Ensino Superior; 5).

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos e aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUIXABA, M. N. O.; SANTAROSA, L. M. C. Os sinais maranhenses da comunidade surda e ambiente digital. **Ensino & Multidisciplinaridade**, São Luís, p. 7–28, 2015. DOI: 10.18764/. Disponível em: <https://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ens-multidisciplinaridade/article/view/3889>. Acesso em: 18 mar. 2023.

TEJEDOR, M. R. Sobre el Estatuto Lingüístico de las lenguas de señas. **Philologia Hispalensis**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2007. DOI: 10.12795/PH. 2007.v21.i01.01. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/PH/article/view/1535>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, E. et al. **Imperatriz cidade da gente: história e geografia: estudos regionais: ensino fundamental II: anos finais**. – Fortaleza, CE: Didáticos Editora, 2020

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectiva e desafios. **PLURAL, Revista de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 24.1, 2018, p. 214-241.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre a ciência**. ed. 5. -São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, R. C.; COSTA, G. B. Estrutura fonológica da Língua Brasileira de Sinais e da língua portuguesa: questões sobre a (in)dependência na estrutura linguística. **Anais do XVI CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_2/169.pdf. Acesso em: 11 jul. 2022, p. 1897-1907.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: COUTO, H. H.; *et al.* (Orgs.). **O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos, clássicos e contemporâneos**. Goiânia: Editora: UFG, 2016, p. 43-62.

SEVERO, C. G. **Entre a Sociolinguística e os estudos discursivos: o problema da avaliação.** UFSCAR/SP, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1057>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SILVA, A. T.; MESQUITA, Z. P. S.; SILVA, M. G. T. O Discurso em Libras: lócus de significados socioestilísticos. In. VASCONCELOS, A. W. S. de. **Linguística, letras e artes e o pensamento complexo humano 2**. Ponta Grossa: Atena, 2021.

SILVA, D. S. da; QUADROS, R. M. de. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil / Sign languages of isolated communities found in Brazil. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 22111–22127, 2019. DOI: 10.34117/bjdv5n10-342. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/4167>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SILVA, M. C. F. S. **Morfologia**. Florianópolis: UFSC, 2009. Material Didático para o curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/morfologia/assets/430/Texto_Base_Morfologia_21_Fev_2009.pdf. Acesso em: 26 jul. 2022.

SILVA, P. C. G.; SOUSA, A. P. de S. Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Revista Educação e Emancipação**, [S. l.], n. 1, p. p.260–285, 2017. DOI: 10.18764/2358-4319.v10n3p260-285. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/7726>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SOARES, I. V. P. **Direito à diversidade linguística no Brasil e sua proteção jurídica.** SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE DIVERSIDADE LINGUÍSTICA. Foz do Iguaçu – PR, 2014. Disponível em: <http://ipol.org.br/seminario-ibero-americano-da-diversidade-linguistica>. Acesso em: 16 abr. 2022.

SOFIATO, C.; REILY, L. Em busca de uma iconografia para a língua brasileira de sinais: um estudo histórico. **Revista de Educação**. PUC, Campinas, v. 16, n. 2, p. 183-190, 2011. DOI: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v16n2a33>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. A web software toponímia em libras: pesquisa e ensino. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 182-190.

SOUSA, A. M. de S. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUSA, A.M.; DARGEL, A.P.T.P. **Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces**. Revista GTLex, 3.1: 7-22. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813/28666>. Acesso em jun.2021.

SOUSA, A. M. de.; QUADROS, R. M. de. O web software toponímia pesquisa e ensino. In.. SOUSA, A. M. de.; GARCIA, R. e SANTOS, T. C. dos. (Orgs.), **Perspectiva para o ensino de línguas**. p. 11-33. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SOUZA JÚNIOR, J. E. G. de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira**. Uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação (mestrado), UNB, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília-DF, 2012.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2018.

TAVARES, M. C.; ISQUERDO, A.N. **A Questão da Estrutura Morfológica dos Topônimos**: um estudo da Toponímia Sul-Mato-Grossense. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 9/2, p. 273-288, dez. 2006.

ULRIKE ZESHAN. Sign Languages. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Orgs.) **WALS Online (v2020.3)**. Zenodo. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>. Acesso em: 25 abr. 2023.

UNESCO, **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. 1996. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

VARGAS, V. G. L. **LIBRAS**: um estudo lexical das variedades regionais. 1. ed. Rio Branco: Nepan, 2018. v. 1

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**. Um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas do Mato Grosso do Sul. 2009, 137f. (Dissertação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2009.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

XAVIER, A. N. Variação fonológica na LIBRAS: um estudo da variação no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais da LIBRAS. XVI Seminário de Teses em Andamento. **Anais do Sete**. Campinas: UNICAMP, v. 5, s/n, p. 119-145, 2006.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Lingu@gem**. [S. l.], v. 11, n. 3, p. 983-1006, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37297>. Acesso em: 14 jul. 2022. DOI: 10.14393/DL30-v11n3a2017-25,-2017.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **D.E.L.T.A**, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445069770367936329>. Acesso em: 17 mar. 2022.

XAVIER, A. N. A estrutura interna dos sinais da Libras à luz do modelo de análise fonético-fonológico de Liddel e Johnson (1989). Libras em estudo: descrição e análises. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Orgs.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012, p. 13-5

ANEXOS

Anexo 01 – Praia do Cacau

FICHA	02	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Praia do Cacau	TOPÔNIMO EM LIBRAS	Imagem e vídeo do Sinal		QRCode
		 			
ESTRUTURA FONOLÓGICA		(CM) em LETRA – C e palma da mão aberta; (MO): sinuoso (PA) frente do corpo.			
ESTRUTURA MORFOLÓGICA		Topônimo híbrido simples, formado por um único sinal. No entanto, apresenta configuração equivalente a letra inicial da denominação em LP.			
CONTEXTO MOTIVACIONAL		A motivação é o rio (Tocantins), semelhante ao movimento da água, a qual o acidente fica à sua margem.			
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL		O sinal não apresenta variante.			
FONTE	Humana – grupo de surdos	PESQUISADORA		Aleilde Tavares da Silva	

Anexo 02 – Praça da Cultura

FICHA	03	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Praça da Cultura	TOPÔNIMO EM LIBRAS	Imagem e vídeo do sinal		QRCode
					
ESTRUTURA FONOLÓGICA		(CM) em LETRA- C, (MO) sinuoso, (PA) espaço neutro em frente ao corpo.			
ESTRUTURA MORFOLÓGICA		Topônimo Simples Híbrido.			
CONTEXTO MOTIVACIONAL		A motivação são as árvores, às quais o movimento do termo específico (CULTURA) faz semelhança ao movimento das árvores em Libras.			
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL					
FONTE	Humana – grupo de surdos	PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva		

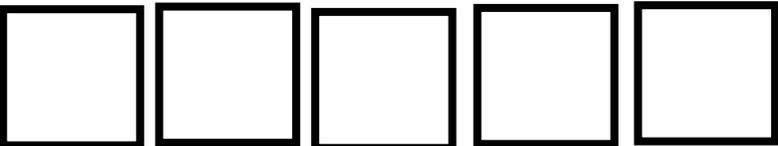
Anexo 03 – Praça Mané Garrincha

FICHA	04	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Praça Mané Garrincha		TOPÔNIMO EM LIBRAS	Imagem e vídeo do sinal	QRCode
					
ESTRUTURA FONOLÓGICA	(CM) nativa, (MO) de suspensão, (PA) espaço neutro.				
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Topônimo Simples.				
CONTEXTO MOTIVACIONAL	A motivação é a estátua do grande ícone do futebol brasileiro Mané Garrincha, localizada na referida praça.				
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL	O sinal não apresenta variante.				
FONTE	Humana – grupo de surdos		PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva	

Anexo 04 – Praça Brasil

FICHA	05	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Praça Brasil	TOPÔNIMO EM LIBRAS	Imagem e vídeo do sinal		QRcode
					
ESTRUTURA FONOLÓGICA	Componente 1: (CM) em LETRA – P (MO): circular, (PA) espaço neutro em frente ao corpo. Componente 2: (CM) em LETRA – B (MO) sinuoso, (PA) espaço neutro em frente ao corpo.				
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Topônimo híbrido composto.				
CONTEXTO MOTIVACIONAL	A motivação são as árvores, a qual o movimento do termo específico (CULTURA), faz semelhança ao movimento das árvores em Libras.				
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL	O sinal não apresenta variante.				
FONTE	Humana – grupo de surdos	PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva		

Anexo 05 – Imperial Shopping

FICHA	06	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Imperial Shopping		TOPÔNIMO EM LIBRAS	Imagem e vídeo do sinal	QRCode
		 			
ESTRUTURA FONOLÓGICA	(CM) equivalente a LETRA- I e LETRA- O (MO) retilíneo unidirecional (LO)queixo.				
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Sinal simples híbrido, formado por um sinal. Inicializado.				
CONTEXTO MOTIVACIONAL	A motivação é o papai Noel, ao qual o sinal faz analogia ao sinal do velhinho Noel no queixo e finaliza em I, letra inicial do nome em LP.				
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL	O sinal não apresenta variante.				
FONTE	Humana – grupo de surdos		PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva	

Anexo 06 – Tocantins Shopping

FICHA	07	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Tocantins Shopping		TOPÔNIMO EM Libras	Imagem e vídeo do Sinal	QRCode
					
ESTRUTURA FONOLÓGICA	(CM): em LETRA T e em LETRA O; (MO): circular;				
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	(PA): em frente ao corpo.				
CONTEXTO MOTIVACIONAL	Topônimo híbrido composto.				
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA	A motivação faz referência ao nome do topônimo em LP.				
VARIAÇÃO LEXICAL					
FONTE	Humana – grupo de surdos	PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva		

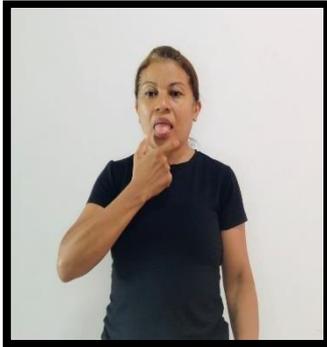
Anexo 07 – Complexo Esportivo Barjonas Lobão

FICHA	08	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Complexo Esportivo Barjonas Lobão		TOPÔNIMO EM LSB	Imagem e vídeo do Sinal	QRCode
					
ESTRUTURA FONOLÓGICA		Componente 1: (CM) nativa; (MO) toque na palma da mão; (PA) espaço neutro. Componente 2: (CM) nativa (palma fechada), (MO) roçar, ((PA) espaço neutro.			
ESTRUTURA MORFOLÓGICA		Topônimo Composto, nativo.			
CONTEXTO MOTIVACIONAL		A motivação é o monumento que representa o esporte que fica na frente do local.			
VARIÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIÇÃO LEXICAL		O sinal não apresenta variante.			
FONTE	Humana- grupo de surdos	PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva		

Anexo 08 – Teatro Ferreira Gullar

FICHA	09	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Teatro Ferreira Gullar		TOPÔNIMO EM Libras	Imagem e vídeo do Sinal	QRCode
		 			
ESTRUTURA FONOLÓGICA		CM): nativa; (MO): retilíneo; (PA): em frente ao corpo.			
ESTRUTURA MORFOLÓGICA		Topônimo Simples - Nativo			
CONTEXTO MOTIVACIONAL		Não foi identificado pelos participantes a motivação do nome.			
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL		O sinal não apresenta variante.			
FONTE	Humana – grupo de surdos		PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva	

Anexo 09 - Freitas Park

FICHA	10	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP	Freitas Park		TOPÔNIMO EM LSB	Imagem e vídeo do sinal	QRCode
		 			
Estrutura Fonológica	(CM) nativa; (MO) semicircular; (PA) espaço neutro				
Estrutura Morfológica	Topônimo simples, sinal nativo.				
Contexto Motivacional	A motivação é o tobogã, um escorregador bem grande em forma de um tubo cortado ao meio, que permite que as pessoas deslizem na corrente de água gerada por ele.				
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL					
Fonte	Humana – grupo de surdos	PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva		

Anexo 10 – Centro de Convenções

FICHA	11	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
Topônimo em LP	Centro de Convenções	Topônimo em Libras	Imagem e vídeo do Sinal	QRCode	
		 			
ESTRUTURA FONOLÓGICA	(CM) palma aberta; (MO) sinuoso (LO) na frente do corpo.				
ESTRUTURA MORFOLÓGICA	Topônimo Simples, sinal – nativo.				
CONTEXTO MOTIVACIONAL	A motivação é a cobertura do referente físico.				
VARIAÇÃO FONÉTICA-FONOLÓGICA					
VARIAÇÃO LEXICAL	O sinal não apresenta variante.				
FONTES	Humana – grupo de surdos	PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva		